



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

CLÁUDIA NAIZA DA COSTA FERREIRA

**OS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O
ENSINO DA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA**

Campina Grande - Paraíba
2021

CLÁUDIA NAIZA DA COSTA FERREIRA

**OS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O
ENSINO DA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA**

Intervenção Pedagógica apresentada para a obtenção do título de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), Programa Associado da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.

Orientador:

Professor Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota.

Linha de Pesquisa:

Educação, Escola e Sociedade.

Modalidade:

Intervenção Pedagógica.

Campina Grande - Paraíba
2021

C533e Ferreira, Cláudia Naiza da Costa.

Os círculos de diálogos como recurso didático para o ensino da disciplina de sociologia / Cláudia Naiza da Costa Ferreira. – Campina Grande, 2021.

125 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação: Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota".
Referências.

1. Círculos de Diálogos. 2. Ensino da Sociologia. 3. Reflexividade. 4. Agir Comunicativo. I. Villota, José Maria de Jesus Izquierdo. II. Título.

CDU 37.013:316(043)

CLÁUDIA NAIZA DA COSTA FERREIRA

**OS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O
ENSINO DA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA**

Aprovada em: 30 / 08 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Orientador



Prof.^a Dra. Maria Assunção Lima de Paula
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Examinadora



Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Examinador

A todas as professoras e aos professores que acreditam num modelo de educação transformadora, e que, no processo de ensino-aprendizagem, buscam aplicar recursos didáticos visando à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo, à minha ancestralidade, aos que me antecederam, aos que lutaram por uma educação pública, gratuita e de qualidade – Paulo Freire, Anísio Teixeira, Milton Santos, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, entre tantos outros. À ciência, às pesquisas, aos pesquisadores e às universidades públicas do nosso país.

A toda a minha família, que sempre apoiou meus estudos e pesquisas, minhas ideias e minhas lutas. À minha mãe, Dona Nilcéa, mulher forte, sertaneja, cheia de fé e coragem, que me incentiva todos os dias. Ao meu companheiro, Carlos Winkeler, que acompanhou pacientemente todo o percurso desse mestrado e me acolheu nos momentos de ansiedade e insegurança. À minha sobrinha e amiga Agnes Samyle, que me incentivou nas minhas leituras sobre cultura de paz e leu para mim os seus livros, o que possibilitou uma troca de “figurinhas” em nosso diálogo intergeracional.

Agradeço aos meus amigos Anderson Gomes, Solange Lacerda e Ana Luiza, que estiveram presentes nas leituras e reflexões sobre o meu trabalho e a minha pesquisa com juventudes e escola.

As companheiras do Movimentos de Mulheres Negras, e aos companheiros e companheiras da Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente, gratidão pela partilha de conhecimento.

Às mulheres maravilhosas que a vida me deu a oportunidade de conhecer e aprender muito com elas: à minha avó Nanãe e à professora Margarida Pereira, que não estão mais aqui nesse plano; à minha amiga Marcella Arbia, sempre dando apoio; e à amiga Estela Bezerra, que também acreditou em mim. Minha gratidão pela energia e força de todas vocês, e pelo sagrado feminino, que sempre nos guia.

Das experiências sobre educação transformadora, não poderia deixar de falar sobre a importância da professora Marcia Lucena na minha formação docente durante a participação no Programa de Inclusão de Jovens. Agradeço também às contribuições do Núcleo de Educação Transformadora UFPB, em especial ao amigo Lorenzo Delainne, que sempre dialogava comigo sobre Comunicação Não-Violenta.

Com relação aos conhecimentos adquiridos sobre cultura de paz, Comunicação Não-Violenta, Justiça Restaurativa e Círculos de Diálogos,

agradeço às formações e ao Projeto de Extensão do NUPEDIA/UFPB, em especial à professora Fátima Pereira, e ao Projeto PUA/UEPB, em especial ao professor Paulo Kuhlmann.

Quero agradecer à Professora Geovânia Toscano, que muito me ensinou sobre juventudes e que também me encaminhou para fazer parte da Associação Brasileira do Ensino das Ciências Sociais (ABECS), à qual hoje estou filiada.

Sobre o campo de estudo, local da intervenção pedagógica que apresento neste trabalho, agradeço à FAC e às professoras Angela Chaves, Rosa Maria e Liliane, ao professor Calábria, e aos alunos e alunas pela colaboração na efetivação deste projeto.

Agradeço à Universidade Federal de Campina Grande, instituição essa que me acolheu e me fez acreditar ainda mais na importância do ensino da Sociologia. Agradeço aos colegas e hoje amigos que estiveram comigo durante o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Luciana Rodrigues, Ana Paula Almeida e Weyden Filho. Agradeço ainda às professoras e aos professores do PROFSOCIO, pela bravura de acreditarem na Educação e, especificamente, na Sociologia do ensino médio com qualidade.

Por fim, um agradecimento especial ao meu orientador, o Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota, que acredita, junto comigo, numa educação dialógica, emancipadora, capaz de despertar nos jovens a capacidade crítica e reflexiva; que acreditou que é possível introduzir os Círculos de Diálogos como recurso didático para aprofundar os temas da disciplina de Sociologia.

“Conhecer a realidade através do diálogo é aceitar que a compreensão não se refere simplesmente à apreensão de uma realidade objetiva que se dá em uma relação direta entre o conhecedor e o seu objeto do saber. A compreensão se dá por meio de um raciocínio comunicativo capaz de apreender a realidade, na medida em que pede e dá razões para o que vê e percebe”.

Martha Rabbani

RESUMO

Este projeto de intervenção pedagógica foi executado durante o período de pandemia, tendo o ensino remoto como modelo emergencial. A proposta era desafiadora não só para a execução do projeto em si, como também para todos os sujeitos envolvidos na comunidade escolar, e, principalmente, para os alunos da rede pública. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é refletir sobre o ensino da Sociologia no ensino médio, tendo como foco uma educação para a vida a partir dos conteúdos curriculares da Sociologia, apresentando como recurso pedagógico as práticas de Círculos de Diálogos, visando a promover nos alunos sua capacidade crítica, dialógica e reflexiva. Para formular esta proposta de intervenção, sentimos a necessidade de apoiar-nos em diversas construções teóricas que, de alguma forma, demarcam pistas analíticas que orientaram nossa pesquisa. Autores como Paulo Freire, Jürgen Habermas, Axel Honneth, e Anthony Giddens foram essenciais. Sobre a metodologia, pontuamos que este projeto de intervenção pedagógica aconteceu por meio do ensino remoto, com alunos do componente da Sociologia, do 2º Ano do ensino médio, matriculados na Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisca Ascensão Cunha (FAC), escola pública, vinculada à Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba, situada no Bairro dos Bancários, no município de João Pessoa. Esta pesquisa foi de natureza qualitativa e de caráter exploratório, tendo como procedimentos metodológicos as pesquisas bibliográfica, documental e de pesquisa-ação. A intervenção pedagógica se dividiu em três fases: fase exploratória e de planejamento; fase de execução; e fase de análise do trabalho. A fase exploratória aconteceu no mês de abril de 2021, quando, de início, dialogamos com os professores, conhecemos os alunos e os temas trabalhados no componente da Sociologia. Na fase de execução, realizamos 10 (dez) aulas com o tema *Cidadania, Política e Estado*. Os encontros ocorreram por meio de aulas remotas, através do aplicativo *Google Meet*, com utilização do livro didático e adaptação do tema às práticas de Círculos de Diálogos, tudo isso fazendo uso de ferramentas tecnológicas de comunicação e didática remota, com metodologias ativas e habilidades cooperativas no ambiente virtual. Na fase da análise, foi possível perceber que os Círculos de Diálogos serviram para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, além de criar conexões entre os participantes, favorecendo o reconhecimento mútuo, o pertencimento e o protagonismo, estimulando a capacidade de reflexão a respeito da vida e de sua realidade.

Palavras-chave: Círculos de Diálogos; Ensino da Sociologia; Reflexividade; Agir Comunicativo.

ABSTRACT

This pedagogical intervention project was carried out during the pandemic period, using remote learning as an emergency model. The proposal was challenging not only for the execution of the project itself, but also for all subjects involved in the school community, and especially for students in the public network. Thus, the objective of this work is to reflect on the teaching of Sociology in high school, focusing on an education for life based on the curricular contents of Sociology, presenting as a pedagogical resource the practices of Dialog Circles, aiming to promote in students its critical, dialogic and reflective capacity. In order to formulate this intervention proposal, we felt the need to rely on several theoretical constructions that, in some way, demarcate analytical clues that guided our research. Authors such as Paulo Freire, Jürgen Habermas, Axel Honneth, and Anthony Giddens were essential. Regarding the methodology, we point out that this pedagogical intervention project took place through remote teaching, with students from the Sociology component, from the 2nd year of high school, enrolled at the Francisca Ascensão Cunha State Integral Citizen School of Elementary and High School (FAC), public school, linked to the State Department of Education and Science and Technology of Paraíba, located in Bairro dos Bancários, in the municipality of João Pessoa. This research was qualitative and exploratory in nature, having as methodological procedures the bibliographical, documental and action research. The pedagogical intervention was divided into three phases: exploratory and planning phase; execution phase; and work analysis phase. The exploratory phase took place in April 2021, when, at first, we dialogued with the professors, got to know the students and the themes worked on in the Sociology component. In the execution phase, we held 10 (ten) classes with the theme Citizenship, Politics and State. The meetings took place through remote classes, through the Google Meet application, using the textbook and adapting the theme to the practices of Circles of Dialogue, all this making use of technological tools of remote communication and didactics, with active methodologies and cooperative skills in the virtual environment. In the analysis phase, it was possible to see that the Dialog Circles served to facilitate the teaching-learning process, in addition to creating connections between the participants, favoring mutual recognition, belonging and protagonism, stimulating the capacity for reflection on the life and its reality.

Keywords: Dialog Circles; Teaching of Sociology; Reflexivity; Act communicative.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABECS - Associação Brasileira do Ensino das Ciências Sociais
ANCED - Associação Nacional de Centros de Defesa da Criança e do Adolescente
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
CF - Constituição Federal
CHSA - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
CNV - Comunicação Não-Violenta
DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos
EaD - Educação a Distância
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
ECIM - Escola Cívico Militar
EJA - Educação de Jovens e Adultos
ENESEB - Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica
FAC - Escola A - Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisca Ascensão Cunha
FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC - Ministério da Educação
MNMNR - Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua
MPF - Ministério Público Federal
NUPEDIA - Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e da Adolescência
ONU - Organização das Nações Unidas
PECIM - Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares
PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PIP Projeto de Intervenção Pedagógica
PPP - Projeto Político Pedagógico
PROEXT - Projetos de Extensão
PROFSOCIO - Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
PROJOVEM - Programa de Inclusão de Jovens
PUA - Projeto Universidade em Ação

SEECT - Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba

SUS - Sistema Único de Saúde

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFC - Universidade Federal do Ceará

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Comunidade do Timbó	62
Figura 2 - Escola campo do estágio	63
Figura 3 - Diálogos.....	74
Figura 4 - Diálogos.....	75
Figura 5 - Diálogos.....	75
Figura 6 - Charges	77
Figura 7 - Diálogos.....	77
Figura 8 - Diálogos.....	78
Figura 9 - Diálogos.....	81
Figura 10 - Diálogos.....	82
Figura 11 - Diálogos.....	85
Figura 12 - Diálogos.....	85
Figura 13 – Diálogos	86
Figura 14 - Diálogos.....	86
Figura 15 - Diálogos.....	88
Figura 16 - Diálogos.....	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percepção do aluno	89
Gráfico 2 - Percepção do aluno	90
Gráfico 3 - Percepção do aluno	91
Gráfico 4 - Percepção do aluno	91
Gráfico 5 - Percepção do aluno	92
Gráfico 6 - Percepção do aluno	93
Gráfico 7 - Percepção do aluno	93
Gráfico 8 - Percepção do aluno	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Participação dos alunos nas aulas remotas	24
Tabela 2 - Histórico - Educação Dialógica	34
Tabela 3 - Execução dos Círculos de Diálogos	69

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1 ESTUDANDO... LEITURAS SOBRE OS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS	30
1.1 OS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS	30
1.2 ESTADO DA ARTE	39
1.3 DA PERSPECTIVA TEÓRICA	47
1.4 A RELEVÂNCIA DOS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS	51
2 INTERVENÇÃO: MEMÓRIAS E DESAFIOS NA IMPLANTAÇÃO DOS CÍRCULOS NO ENSINO REMOTO	56
2.1 AS EXPERIÊNCIAS COM CÍRCULOS NO MODO PRESENCIAL	56
2.2 A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: SOB A PERSPECTIVA DA BNCC	59
2.3 O ESPAÇO ESCOLA FAC	62
2.4 O ENSINO REMOTO E A NOVA E COMPLEXA REALIDADE DAS ESCOLAS	64
3 OS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS NO ENSINO REMOTO	67
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	67
3.2 PLANEJAMENTO DAS AULAS	69
3.3 METODOLOGIA DAS AULAS: PERCURSO E EXPERIÊNCIAS	72
3.4 AS AULAS DE SOCIOLOGIA	73
3.5 AS AULAS DO PROJETO DE VIDA	87
4 ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS NO ENSINO REMOTO	89
4.1 PERCEPÇÃO DO ALUNO	89
4.2 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE A - Termo de autorização	107
APÊNDICE B - Atividades com slides nas aulas remotas	108
APÊNDICE C - Entrevista aplicada aos professores	111
APÊNDICE D - Questionário aplicado com os alunos	112
APÊNDICE E - Planos de Aulas: Sociologia	114
ANEXO A - Letra da música Não é sério	122
ANEXO B - Letra da música Direitos e Deveres	124
ANEXO C - Link de vídeos, músicas apresentadas, durante os círculos	125

APRESENTAÇÃO

Estamos em constante reflexão a respeito das questões e perspectivas sociais, da inquietude diante da realidade do mundo no qual estamos inseridos buscando compreender toda a sua dinâmica. É um ofício constante do pesquisador¹ a busca pela compreensão das formas e composições da estrutura social e do nosso papel enquanto indivíduo. A Sociologia, então, nos convida a encontrar suas interpretações sobre isso.

A Sociologia nos coloca numa dimensão existencial que, a todo instante, nos desafia a mergulhar em nossas inquietações, indagações, reflexões, ideias e pensamentos, que vão sendo moldados à medida que nos aprofundamos num determinado tema.

Tendo em vista o referido contexto, este estudo parte do que Mills (1982) destacou em seus ensaios sobre o artesão intelectual², e é resultado de um estudo teórico, da vivência da pesquisa empírica, de experiências de vida, do trabalho coletivo construído com troca de ideias, e da reunião de vários momentos vivenciados neste percurso do Mestrado em Sociologia. A proposta que formulamos nesta dissertação é uma expressão do exercício da imaginação sociológica que, baseado no pensamento de Mills (1982) sobre o conceito de “artesão intelectual”, diz respeito à necessidade de desenvolver a pesquisa prezando pela credibilidade e pelo processo criterioso da análise dos dados obtidos durante o projeto.

A intervenção pedagógica de que trata nosso trabalho, portanto, está centrada na educação transformadora, nos processos de ensino e aprendizagem por meio do diálogo crítico e reflexivo entre aluno³ e professor⁴. Dito isso, apresentamos os Círculos de Diálogos como recurso didático humanizado, a fim de aprofundar os temas do componente da Sociologia.

Trazendo as experiências e vivências sobre o tema Círculos de Diálogos, esta pesquisadora, desde a graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (2002-2007), participou de projetos de extensão com o tema juventudes. Entre

1 Onde se lê pesquisador/pesquisadores neste projeto de intervenção, leia-se também pesquisadora/pesquisadoras, buscando respeitar a igualdade de gênero.

2 MILLS, C. W. A imaginação sociológica, 1982. A imaginação sociológica, que para Mills seria a habilidade de experimentar o fazer sociológico com a mesma primazia da arte; ele descreve isso em seus ensaios como artesanato intelectual.

3 Onde se lê aluno/alunos neste projeto de intervenção, leia-se também aluna/alunas respeitando, assim a igualdade de gênero.

4 Onde se lê professor/professores neste projeto de intervenção, leia-se também professora/professoras respeitando, assim a igualdade de gênero.

tais projetos, destacam-se as experiências na área de políticas públicas para juventudes no Programa Nacional Agente Jovem (2005-2006) – no qual atuou como educadora social – e no Programa Nacional de Inclusão de Jovens (2007 - 2015). Em 2010, a participação no Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos se deu por meio de artigo publicado nos anais do referido evento, com o título: Cultura de Paz e Direitos Humanos: sob a ótica dos jovens.

Além disso, a participação em movimentos sociais, como o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMRR), e em mecanismos de controle, como os Conselhos Municipais de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, durante os anos de 2001-2021, espaços de formação e atuação importantes, possibilitou a compreensão da política de proteção integral infanto-juvenil, visto que esse público é composto por sujeitos de direitos. Tal entendimento se dá não apenas porque, na Constituição Federal (BRASIL, 1988), em seu artigo 227, isso é destacado, mas também pelo que propõem o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e o Estatuto da Juventude⁵ (BRASIL, 2013), e, mais ainda, porque o Brasil é um país signatário, isto é, pactuou e ratificou, juntamente com vários outros países, a Declaração Universal dos Direitos da Criança em Assembleia das Nações Unidas no ano de 1959.

No entanto, sabe-se que o compromisso com a promoção, a proteção e a defesa dos direitos de crianças e adolescentes não acontece de forma plena, posto que vários direitos são negligenciados e violados constantemente no Brasil. Isso evidencia a necessidade de estudos e de formação não apenas sobre o marco legal, mas também sobre metodologias que facilitem formas de trabalhar protagonismo e cultura de paz.

O primeiro contato dessa pesquisadora com experiências e formação nas áreas da Justiça Restaurativa, da Comunicação Não-Violenta, e com o tema Círculos de Diálogos aconteceu nos anos de 2015 e 2016, através dos projetos de extensão da PROEXT: Diálogos e Articulações em Prol de uma Justiça Juvenil e Implantação da Justiça Juvenil Restaurativa na Paraíba: Responsabilização e Protagonismo, ambos realizados pela Universidade Federal da Paraíba, por meio do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e da Adolescência (NUPEDIA).

Essas atividades resultaram na publicação de um capítulo no livro *Perspectivas e Desafios na Implantação dos Instrumentos Metodológicos em Socioeducação nas Medidas de Privação de Liberdade*, e na coautoria do livro *Diálogos e Articulações em*

5 Onde se lê juventude neste projeto de intervenção, leia-se juventudes, respeitando a diversidade e a pluralidade da condição juvenil.

Prol de uma Justiça Juvenil, publicado pela Editora da Universidade Federal da Paraíba (ALBERTO, 2017). Resultou, ainda, na certificação de facilitadora de Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz, pelo Instituto *Terre des Hommes*, em parceria com o NUPEDIA, da Universidade Federal da Paraíba, no ano de 2017.

Ainda resgatando nossa experiência dos Círculos de Diálogos, esta pesquisadora participou, como convidada, de alguns encontros presenciais no ano de 2019, além de encontros remotos em 2020, no Projeto Universidade em Ação (PUA), pela Universidade Estadual da Paraíba, participando ainda de algumas atividades remotas do Projeto de Extensão Passarela Cidadã, entre os anos de 2020 e 2021, na Universidade Federal da Paraíba.

A Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS), Unidade Regional na Paraíba, foi um espaço onde a pesquisadora e filiada pode dialogar com associados e profissionais do ensino da Sociologia sobre temas como a importância e a permanência do ensino da Sociologia no currículo das escolas da rede pública do estado, e também de discussões sobre a carga horária da Sociologia enquanto componente do ensino médio na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Já o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), programa ao qual a pesquisadora esteve vinculada como aluna, foi um espaço de estudo e aprofundamento do tema Círculos de Diálogos, em busca de analisar os círculos como um recurso didático para aprofundar os temas do componente da Sociologia, sendo este o nosso objeto de estudo.

Durante o mestrado, participamos de eventos científicos como O Primeiro Seminário Nacional PROFSOCIO, realizado em 2020, no qual foi apresentado, de forma virtual e na modalidade de resumo expandido, o trabalho Os Círculos de Diálogos como Recurso Didático para Aprofundar os Temas do Componente da Sociologia. Também consta a apresentação deste trabalho, na modalidade de Pôster, durante participação no Sétimo Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica (ENESEB), em 2021.

É importante, ainda, contextualizarmos que, tanto a fase da pesquisa exploratória e a execução do nosso projeto de intervenção pedagógica, foram realizadas num cenário de pandemia, como é consabido, durante os anos de 2020 e 2021. Sendo assim, as escolas públicas e privadas do estado da Paraíba tiveram que se adaptar aos decretos nacionais, estaduais e locais com relação às normas de segurança, bem como adaptar o modo de ensino, antes presencial, para a modalidade ensino remoto.

Logo, o período da pandemia foi um momento que exigiu desta pesquisadora o entendimento sobre a realidade e os desafios do ensino remoto e, também, sobre conhecer novas ferramentas tecnológicas que pudessem ser adaptadas para a proposta do projeto de intervenção pedagógica. Dessa forma, buscou-se a participação em cursos de formação na área, como o Curso de Tecnologia na Educação, Ensino Híbrido e Inovação Pedagógica, promovido pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e o Curso de Comunicação Não-Violenta e Justiça Restaurativa, promovido pelo Governo do Estado do Ceará. Ambas as formações aconteceram através de aulas *on-line*, durante o primeiro semestre do ano de 2021. Muito do que foi aprendido nas aulas desses cursos, sobre ferramentas tecnológicas de comunicação e didática remota, sobre competências emocionais, metodologias ativas, habilidades cooperativas no ambiente virtual e cultura ⁶ *maker*, foram experiências importantes para que esta pesquisa e a prática dos Círculos de Diálogos no ensino remoto fossem viabilizadas.

De início, entendemos o que conceito de educação sempre foi discutido no campo das Ciências Sociais. Para Durkheim, a educação é uma instituição amparada no poder coercitivo; para Weber, a educação está relacionada com a vocação de cada indivíduo; já Marx apresenta as categorias de consciência e transformação, nas quais a práxis é desenvolvida por meio da ação e de experiências ⁷.

Sendo assim, o discurso em torno da importância da Sociologia no campo da educação aborda a criticidade e o exercício da cidadania. Sua relevância se baseia na constituição de uma sociedade capaz de compreender o mundo e suas transformações sociais.

A escola, enquanto instituição é um espaço de ideias que tem o poder de influenciar as relações sociais, que possibilita tanto a relação integrada entre professor e aluno – o que chamamos de inclusão – quanto pode ser um espaço de exclusão ou de negação de direitos ⁸. Nesse sentido, a educação deve favorecer a comunicação entre as pessoas, de maneira cognitiva e subjetiva.

Desse modo, a Sociologia tem como finalidade despertar o sentido crítico dos jovens perante os desafios que se apresentam em seu cotidiano, desafios estes que, para

6 Conhecida como cultura maker ou movimento maker, é uma técnica colaborativa por meio do uso de ferramentas digitais. No ensino remoto, são técnicas às quais compartilhamos e colaboramos de forma *on-line*.

7 Conceitos extraídos das leituras dos livros didáticos de Sociologia.

8 Em Bourdieu (2007), são abordadas duas categorias importantes para a compreensão do processo de exclusão: o capital cultural e o arbitrário cultural dominante.

os jovens, vão além de sua condição cidadã, ou seja, as questões sociais, as exclusões e os conflitos sociais estão intrínsecos a esse contexto.

Conforme UNESCO, “a Cultura de Paz está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução não violenta dos conflitos. É uma cultura baseada em tolerância e solidariedade” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2010). Logo, uma educação que preze pela cultura de paz promove o respeito e a diversidade cultural.

Em consonância, Pelizzoli conceitua que os Círculos de Diálogos são ferramentas da Cultura de Paz, por meio de práticas de mediações de conflitos, visto que possibilitam o diálogo, a inclusão, a alteridade e a construção de valores (PELIZZOLI, 2014).

Apontamos como o problema desta pesquisa o processo de ensino-aprendizagem, que ocorre, muitas vezes, de forma excludente e autoritária, não percebendo o estudante como protagonista e considerando apenas o professor como o detentor do conhecimento⁹.

Os Círculos de Diálogos serão apresentados, neste projeto, como recurso didático de fácil uso dos docentes e, pelo que mostram nossas vivências, gozam de plena aceitação por parte dos discentes. Nossa proposta procura apresentar os Círculos como um instrumento importante que busca facilitar o processo de ensino-aprendizagem, além de criar conexões entre os grupos, fato que favorece o reconhecimento mútuo, o pertencimento e o protagonismo dos participantes. Os Círculos de Diálogos podem ser adaptados pelos docentes para aprofundar os temas trabalhados em sala de aula e, também, os temas apresentados pelos próprios alunos, atendendo às necessidades deles em sua condição de juventude, estimulando assim a capacidade de reflexão a respeito da vida e de suas realidades.

Portanto, este projeto de intervenção busca apontar uma proposta de ensino da Sociologia tendo como foco uma educação para a vida a partir dos conteúdos curriculares do componente, apresentando como recurso pedagógico as práticas de Círculos de Diálogos, que possibilitam aos alunos a experiência de discutir uma educação transformadora, que fortaleça a consciência e o protagonismo dos jovens.

O processo de ensino-aprendizagem é um dos pontos importantes apresentados neste projeto de intervenção. Sobre o processo ensino-aprendizagem, a principal discussão é em torno da BNCC, da reorganização dos currículos dos sistemas de ensino, e, sobretudo, da luta pela permanência do componente da Sociologia, além da

9 Bourdieu (2007) destaca essas questões nos ensaios Escritos de Educação.

necessidade de compreendermos os novos elementos teóricos e metodológicos, destacados na BNCC como competências e habilidades.¹⁰

No Brasil, temos como marco legal da educação a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9394/1996 (BRASIL, 1996), que rege e regulamenta toda a educação e o todo ensino, nas três esferas da administração e nas diversas etapas da educação básica. É importante destacar que a LDB atualizada já contempla a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); em seu Art. 35, por exemplo, define as quatro áreas de conhecimento:

A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas. (BRASIL, 2020, p. 26).

A BNCC foi aprovada no ano de 2017 para as etapas da educação infantil e do ensino fundamental e, em 2018, para a etapa do ensino médio. Na etapa do ensino médio, a BNCC distingue quatro áreas do conhecimento, a saber: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, estão os componentes: Geografia, História, Sociologia e Filosofia.

A ênfase dada ao Projeto de Vida, uma das competências apresentadas pela BNCC, reflete a intenção do documento de orientar os currículos escolares em prol de uma atuação “protagonista” do estudante, mas aqui questionamos: será que, de fato, os jovens participam ativamente do que propõe o processo de ensino-aprendizagem? O Projeto de Vida no Estado da Paraíba realmente possibilita aos alunos uma formação integral e ampla, que contempla não só as demandas solicitadas na formação escolar, mas também o exercício de cidadania? São reflexões, para que as escolas públicas não reproduzam neste componente, um discurso de individualização em que busca responsabilizar o adolescente e o jovem pelo seu “sucesso” ou “fracasso” por serem inseridos ou não, no mercado de trabalho. Discursos esses de alienação, presentes no capitalismo, e num modelo de escola neoliberal, em que visa o aluno como vendedores de força de trabalho para o mercado.

10 O retorno da educação bancária.

O ensino médio, no contexto da educação básica, apresenta um bloco de seis competências específicas para a área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, no qual a Sociologia se encontra. Não há um direcionamento específico para cada componente, mas há a intenção de promover competências gerais numa perspectiva que eles consideram interdisciplinar. Nesse sentido, o professor de Sociologia, de acordo com o tema trabalhado em sala de aula, busca se orientar de acordo com as competências e habilidades apresentadas na BNCC, documento construído de forma centralizada que muitas vezes dificulta o trabalho com os temas específicos do componente, tendo o docente que optar por uma abordagem mais abrangente, que possa contemplar aspectos políticos, sociais, econômicos, ambientais e culturais que compõem a sociedade e indivíduo.

Logo, as implementações da BNCC e a forma como ela tem influenciado os currículos escolares levanta a necessidade, por parte do professor, de conhecer este documento e seus desdobramentos, diretos e indiretos, aparentes e ocultos. Isso envolve a adoção de uma postura crítica, capaz de analisar de que forma o ensino da Sociologia e a educação escolar são abordados por ele.

Esse projeto de intervenção aconteceu na Escola A Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisca Ascensão Cunha (FAC), vinculada à Secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba, que está localizada no bairro dos Bancários, no município de João Pessoa, estado da Paraíba. Foi inaugurada no dia 06 de abril de 1984, durante o Regime Militar, na gestão do Governador Wilson Leite Braga. O nome da instituição faz homenagem à tia-avó do político Ronaldo Cunha Lima.

Em 2018, a FAC passou por uma reforma estrutural e organizacional; adotou o modelo das escolas cidadãs integrais da Paraíba, passando a atender pelo nome de Escola Cidadã Integral de Ensino Fundamental e Médio Francisca Ascensão Cunha. A instituição também passou a abrigar as turmas do ensino médio em regime integral (manhã e tarde) e turmas do EJA (noite).

Conforme seu Projeto Político Pedagógico (PPP) (ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL FRANCISCA ASCENSÃO CUNHA, 2020), a referida escola atende a um público em grande parcela de alunos oriundos da comunidade do Timbó – 76,9% dos estudantes se identificam como moradores da comunidade e apenas 15% dos estudantes moram no bairro dos Bancários. Os educandos que frequentam a FAC são majoritariamente negros, pobres, moradores de comunidades em risco social e econômico, que residem em domicílios chefiados, em sua maioria, por mulheres.

A escola, como dito antes, foi o espaço de intervenção utilizado pela nossa pesquisa, tendo a professora Rosa Maria do Nascimento Coura como professora efetiva do componente de Sociologia, que possibilitou a nossa inserção e o contato com os alunos, cedendo gentilmente e com a aprovação da direção da escola o espaço de suas aulas remotas. Contamos, ainda, com a colaboração do professor Thiago Luís Cavalcante Calábria, do componente de História, que cedeu dois momentos de suas aulas com os mesmos alunos, totalizando assim, 10 encontros de intervenção pedagógica.

O projeto de intervenção, como já mencionamos, se dividiu em três fases: fase exploratória e de planejamento; fase de execução ou de trabalho de campo; e a fase de avaliação, análise do trabalho empírico e também documental.

A fase exploratória e de planejamento teve início no dia 17 de março de 2021, quando foi apresentada toda a proposta do nosso projeto de intervenção sobre as rodas de diálogos com os alunos, antes discutida com a professora Rosa Maria¹¹. Nessa fase, priorizamos compreender o perfil dos alunos, a forma como participam das aulas remotas e se comunicam com os professores, bem como os temas da Sociologia que seriam trabalhados com os alunos durante o bimestre.

As primeiras semanas de contato com os alunos aconteceram por meio das aulas remotas, que ocorriam às terças-feiras, no turno tarde. No início, participamos das aulas remotas das turmas do 1º Ano, do 2º Ano, e do 3º Ano do ensino médio. Esse primeiro contato virtual foi realizado tanto para conhecer as turmas quanto para saber sobre os conteúdos e as atividades didáticas.

A professora Rosa nos apresentou às turmas e aos conteúdos trabalhados durante o bimestre. A partir de então, nos deparamos com os temas O surgimento das Ciências Sociais, com alunos do 1º Ano; Cidadania, Política e Estado, com alunos do 2º Ano; e Tecnologia, Trabalho e Mudanças Sociais, com alunos do 3º Ano. Propusemos-nos a acompanhar apenas a turma do 2º Ano, não sendo possível fazer o mesmo com as outras visto o pouco tempo que tínhamos para desenvolver o projeto e para construir o vínculo com a turma.

A fase de execução, ou trabalho de campo, ocorreu com atividades didáticas e conteúdos sobre o tema Cidadania, Política e Estado, apresentado por meio dos Círculos de Diálogos realizados no modelo de ensino remoto, no período de 17 de março a 04 de

11 Professora Rosa Maria do Nascimento Coura é concursada e compõe o quadro dos professores da rede estadual de ensino da Paraíba (SEECT). Atua como Professora do componente da Sociologia desde 2008. Em fevereiro de 2021, começou a lecionar na Escola FAC.

maio do ano de 2021. Dessa forma, fomos construindo o projeto de intervenção com a colaboração dos alunos, dos professores de Sociologia, de História e do Projeto de vida.

Dos encontros realizados, 06 aconteceram durante as aulas remotas de Sociologia, sendo acompanhadas pela professora Rosa; 02 encontros aconteceram durante as aulas de História, acompanhadas pelo professor Calábria, dando continuidade aos temas/conteúdo do componente de Sociologia. Além desses encontros, o Projeto de Vida, componente da base diversificada das Escolas Cidadãs Integrais do estado da Paraíba, que acontece na Escola FAC às sextas-feiras, foi o espaço no qual realizamos 02 encontros do projeto de intervenção pedagógica, trabalhando os temas “Sonhos”, “Projeto de Vida”, e “O que é ser jovem?”, totalizando, assim, 10 encontros de intervenção, com duração de aproximadamente 50 minutos, com os alunos do 2º Ano do ensino médio da FAC.

Com relação à turma que acompanhamos, no início do ano letivo a Escola FAC já havia feito um diagnóstico¹² dela, cujas informações nos foram gentilmente cedidas, o que facilitou a análise do perfil dos alunos que fariam parte do projeto de intervenção pedagógica. Esses alunos, público-alvo de nossa pesquisa, são alunos com idade entre 15 e 16 anos. Dos alunos presentes no projeto de intervenção, podemos perceber que a maioria é do sexo masculino, 44,9% recebem bolsa família e 55,1% não têm esse benefício garantido; em relação à cor da pele, 23% dos alunos se autodeclararam pretos, 33% brancos, e 40% pardos.

Quanto à localidade onde vivem os alunos, 50% moram nos Bancários, 28% moram no Timbó e 20% são oriundos de outros bairros. Com relação à moradia, 58,7% moram em casa/apartamento próprio e 43,2% moram em casa/apartamento alugado. Sobre a quantidade de pessoas por habitação, os alunos destacaram que 61% dividem o espaço da casa com uma ou até três pessoas e 37,3% dividem esse espaço com quatro ou até sete pessoas.

Esses últimos dados a respeito da quantidade de moradores por residência são importantes para analisarmos a participação e a privacidade dos alunos nas aulas remotas. Muitos alunos, durante as aulas, tinham dificuldade de concentração, de participação e, muitas vezes, mantinham o microfone e a tela desligados, não se sentiam à vontade por não terem, em seus lares, um espaço no qual pudessem participar das aulas remotas com tranquilidade, silêncio e privacidade.

12 Os dados sobre o perfil dos alunos foram coletados do diagnóstico dos alunos da escola, aplicado no início do ano letivo de 2021.

Ademais, os alunos destacaram a discriminação social como um dos aspectos que mais afetam suas vidas. Para eles, as principais causas de discriminação são a LGBTfobia (48,7%), o Racismo (20,5%) e o Machismo (12%). Esses dados apontados pelos alunos não devem ser ignorados, visto que, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2019, no Brasil, 11.540 pessoas sofreram de injúria racial, 1.396 foram vítimas de racismo e, dos crimes contra LGBTQI+, 775 pessoas foram vítimas de lesão corporal e 84 pessoas foram vítimas de homicídios. Quanto ao machismo, 1.326 mulheres foram vítimas de feminicídio, sendo todos esses dados números absolutos.

Em relação à preocupação dos alunos com a pesquisa apontada, percebe-se a importância de se trabalhar esses temas no componente da Sociologia, por meio de Círculos de Diálogos, nos quais os alunos trariam para a sala de aula suas experiências de vida, suas necessidades, utilizando, no campo da Sociologia, o método da reflexividade apresentado por Giddens (2009).¹³

Sobre o acesso a ferramentas tecnológicas e internet, 57,3% dos alunos disseram não ter computador (*desktop* ou *notebook*), contra 42,7% que possuem um aparelho na residência. A maioria utiliza o celular e declara que consegue baixar aplicativos tais como o *Google Meet* para, assim, ter acesso e participação às aulas remotas. Outro desafio para a garantia da inclusão dos alunos nas aulas remotas é o acesso à internet, posto que 88,7% dos alunos disseram ter conexão banda larga em suas casas/apartamentos, mas 11,3% declararam não ter acesso a tal recurso, o que prejudica a participação de todos nas aulas remotas e ocasiona espaço de exclusão para parte dos alunos.

Nesse sentido, buscando compreender o nível de participação dos discentes do 2º Ano nas aulas remotas durante o ano letivo de 2021, destacamos que é uma turma dividida em dois grupos, sendo eles “A” e “B”, e que, segundo informações dos professores, o grupo “A” é formado por 35 alunos matriculados, 06 alunos inativos, 29 alunos ativos, 17 *on-line* e 12 alunos acompanhando as atividades por meio de material impresso, elaborado pelo professor e disponibilizado pela escola, enquanto o grupo “B” é composto por 35 alunos matriculados, 09 alunos inativos, 26 alunos ativos, 21 *on-line* e 05 alunos acompanhando as atividades por meio de material impresso.

A Tabela 1 nos mostra com mais detalhes o nível de participação dos alunos.

13 A reflexividade no contexto da modernidade nos remete à reflexão sobre a própria vida social que nos cerca e orienta nossas ações.

Tabela 1 - Participação dos alunos nas aulas remotas

PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS REMOTAS			
Alunos	Turma A	Turma B	Total
Matriculados	35	35	70
Inativos	06	09	15
Ativos	29	26	55
<i>On-line</i>	17	21	38
Atividades impressas	12	05	17

Fonte: Informações dos professores da FAC, 2021.

De acordo com o quadro, podemos perceber que, do total de 70 alunos que foram matriculados no ano de 2021, 15 destes não se encontram estudando. Esta pesquisa, pelo curto tempo que tínhamos e pelo seu objetivo em si, não conseguiu analisar os motivos pelos quais estes alunos não conseguiram acompanhar as aulas, além de não ser possível saber quais as formas para promover sua interação foram adotadas pela escola.

A fim de reinserir os alunos nas aulas, num momento de pandemia e de necessidade de uma nova didática, considerando as aulas remotas, percebemos que a permanência deles nas aulas exigiu ferramentas tecnológicas de que muitos não tinham acesso, por questões econômicas, por serem alunos de rede pública e, também, por alguns deles viverem em situação de vulnerabilidade social, fato que pode dificultar o traslado até a escola para receber o material impresso, uma outra via de participação no processo de ensino-aprendizagem no período da pandemia.

Contudo, os alunos ativos, um total de 55, somados aos alunos que acompanham as aulas *on-line* e àqueles que recebem as atividades impressas, formam um número bastante significativo.

Retomando a proposta do projeto de intervenção, apresentamos os Círculos de Diálogo como um recurso didático para aprofundar dos temas propostos no componente da Sociologia. Podemos dizer que os Círculos de Diálogos têm sua origem nas tribos indígenas tradicionais, sendo conhecidos posteriormente na Nova Zelândia, Canadá, Estados Unidos e Austrália. A partir da década de 1970, este método foi adaptado para dirimir conflitos relativos ao sistema de justiça e, posteriormente, foi levado ao sistema educacional. Os Círculos de Diálogos, pela sua simplicidade, relevância e praticidade na resolução de conflitos, têm chamado atenção em diversas áreas de conhecimento. Entre

os principais autores que abordam o tema, podemos mencionar Kay Pranis (2011), Howard Zehr (2008) e Marshall Rosenberg (2006).

Pensando sobre os teóricos, seus conceitos e ideias sobre os Círculos de Diálogos para o embasamento deste projeto de intervenção pedagógica, dialogamos com o pensamento de Anthony Giddens (2008), que aborda o conceito de reflexividade, isto é, como se dão as relações sociais a partir das experiências com os círculos por um processo reflexivo e de capacidade de mudança da realidade social.

A reflexividade dentro do ensino da Sociologia não é apenas a reflexão em si; ela propõe a ação e a transformação dos agentes envolvidos para além da sala de aula e dos conteúdos e teorias sociológicas. A reflexividade desperta o sentir, o pensar e o agir. Sendo assim, os Círculos de Diálogos possibilitam a confiança e o respeito mútuo para que os alunos possam discorrer reflexivamente sobre os temas apresentados durante as aulas.

Dialogamos, também, com o pensamento de Paulo Freire (2007), o qual discorre sobre a importância do diálogo. Segundo Freire, dialogar é confiar, ação que ocorre por meio de construção de vínculos entre professor e aluno. É nesta relação de confiança que o aluno passa a ser um sujeito crítico e participativo dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Ainda abordaremos as contribuições de Jürgen Habermas (2004), por tratarmos nesse projeto de intervenção sobre a importância do diálogo. Conforme necessário, nos ancoraremos na Teoria do Agir Comunicativo, que aborda o fato de as relações de diálogo acontecerem por meio da intersubjetividade partilhada entre os sujeitos, aos quais os sentimentos de cooperação se tornam essenciais.

Pensando nos alunos como sujeitos protagonistas, reflexivos e críticos, levaremos em consideração, em nosso trabalho, as contribuições de Axel Honneth (2003), quando o mesmo aborda em seus ensaios o conceito de luta por reconhecimento. Segundo o referido autor, o reconhecimento recíproco é definido pela autoconfiança, pelo autorrespeito e pela autoestima.

Sobre a metodologia deste projeto de intervenção pedagógica, como já citamos, a escola, conhecida como FAC, foi nosso campo de pesquisa. O público-alvo foram alunos do componente de Sociologia do 2º Ano do ensino médio. Por se tratarem de crianças e adolescentes, encaminhamos para a direção da escola, através de formulário do *Google Forms*, o termo de autorização dos pais.

Quanto ao projeto de intervenção, Schneirder (2014) o define como uma proposta de ação construída a partir da identificação de problemas, necessidades e fatores

determinantes. Com isso, temos aqui neste projeto uma ação objetiva sendo construída a partir da realidade concreta das aulas remotas no período de março a maio do ano de 2021.

Tendo como territórios geográficos o bairro dos Bancários e a comunidade Timbó, realizamos nossa experiência de aplicação e observação dos Círculos de Diálogos em ambiente virtual. As aulas aconteciam às terças-feiras através da plataforma *Google Meet*. Mesmo com aulas virtuais, a proposta do projeto de intervenção por meio dos Círculos de Diálogos sempre teve o cuidado de abordar os temas de Cidadania, Política e Estado voltados para a realidade local dos alunos, construindo conceitos junto com eles por intermédio do diálogo e das trocas de saberes entre professor e aluno.

Dessa forma, este projeto de intervenção buscou despertar a criatividade dos alunos por meio do processo dialógico no qual a participação nas discussões dos temas abordados possibilitou e legitimou a dimensão autoral deles.

Nossa pesquisa foi de natureza qualitativa e de caráter exploratório, tendo como procedimentos metodológicos as pesquisas bibliográficas, documental e pesquisa-ação.

A abordagem qualitativa, para Zanella (2013, p. 63),

[...] trabalha com dados qualitativos, com informações expressas nas palavras orais e escritas, em pinturas, em objetos, fotografias, desenhos, filmes, etc. A coleta e a análise não são expressas em números.

Sobre pesquisa de caráter exploratório, Gil (2002, p. 41) a descreve como sendo aquela “que têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”.

Procuramos fundamentar teoricamente nossa pesquisa e, para tanto, fizemos um trabalho de exploração bibliográfica inicial. Nessa fase, buscamos compreender a importância do projeto de intervenção pedagógica, assim como a aplicabilidade de Círculos de Diálogos como recurso didático no componente da Sociologia.

Além disso, realizamos leituras do referencial teórico no intuito de embasar esta intervenção e a análise dos dados aqui apresentados. Como aborda Gil (2002, p. 88), a pesquisa bibliográfica “costuma ser desenvolvida como parte de uma pesquisa mais ampla, visando identificar o conhecimento disponível sobre o assunto e a melhor formulação do problema”.

Também utilizamos a pesquisa documental, buscando compreender o marco legal e conceitual que ampara a Educação brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases atualizada (BRASIL, 1996), a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), o Plano Estadual de Educação da Paraíba (PARAÍBA, 2015),

e o próprio Projeto Político-Pedagógico da Escola Francisca Ascensão Cunha (2020), além do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e do Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

Sobre o tema e Círculos de Diálogos, foram feitas consultas em documentos importantes, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948), o relatório da UNESCO Educação: um tesouro a descobrir (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1999), e o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2007). Prodanov (2013, p. 55) descrevem a pesquisa documental como sendo aquela que se baseia em matérias que não receberam um tratamento analítico, mas que são importantes para a contextualização da pesquisa.

Esta pesquisa de intervenção caracteriza-se como pesquisa-ação, tendo seu embasamento nos trabalhos de Thiollent (1986), Gil (2002) e Prodanov (2013). De forma estratégica, traçamos as suas etapas. A princípio, de acordo com os conceitos de Gil (2002), sobre a metodologia de pesquisa-ação, destacamos três características de nossa pesquisa: ela tem base empírica, possui flexibilidade no seu processo de execução e, por último, apresenta ação, atuação e colaboração entre pesquisadora, professores e alunos no desenvolver do projeto de intervenção pedagógica.

Sobre o conceito de pesquisa-ação, Thiollent (1986, p. 14) define que

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Por meio da pesquisa-ação, buscamos intervir na escola FAC tendo professores e alunos do 2º Ano como colaboradores. Apresentamos os Círculos de Diálogos como recurso didático para contribuir no processo de ensino-aprendizagem, de maneira a trabalhar os temas da Sociologia através do diálogo e da reflexividade, e nas relações colaborativas entre professor e aluno. Para Prodanov (2013), os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

Durante o primeiro bimestre do ano letivo, período da intervenção pedagógica, participamos ativamente das aulas remotas realizando, além dos dez encontros programados, o planejamento das atividades didáticas e dos conteúdos sobre Cidadania, Política e Estado. Adaptamos tal temática para a proposta dos Círculos de Diálogos, buscando inserir novas formas de dialogar por meio do ensino remoto e de novas ferramentas de tecnologia e de inovação pedagógica, além de as aulas serem realizadas

pela plataforma *Google Meet*. Durante as intervenções, utilizamos os aplicativos *Mentimeter*, *Power Point*, *Youtube*, com apresentações de *charges*, vídeos, músicas, chuva de ideias sobre temas apresentados nas aulas por meio do mapa mental, e o uso constante do *chat* e do microfone aberto (com aulas gravadas, que facilitavam a transcrição das falas), todos esses recursos contribuíram para o nosso diálogo, a conexão com os alunos e com o tema apresentado. Os *ideograms* e *smileys (emoji)* também eram algo utilizado pelos alunos quando queriam expressar seus sentimentos.

Pensando na coleta de dados desse projeto, finalizamos nosso trabalho de campo com um questionário aplicado aos alunos por meio do *Google Forms*. Esse questionário continha questões tanto objetivas quanto subjetivas, e as informações eram coletadas a cada encontro dialógico. Nesses encontros, demos espaço, ainda, para uma observação participante, por meio da qual as falas dos alunos eram consideradas e anotadas em um diário de bordo, assim como o que era dialogado entre os participantes também por meio do *chat*, o que facilitou nossas análises sobre o projeto de intervenção.

Ademais, entrevistamos os professores de Sociologia e de História, colaboradores em nosso projeto de intervenção, buscando analisar se eles já conheciam os Círculos de Diálogos, quais as suas impressões e reflexões sobre a importância dos Círculos de Diálogos como recurso didático para aprofundar os temas abordados no componente da Sociologia. Todas essas informações foram coletadas e avaliadas na fase final desta pesquisa, quando iremos analisar e interpretar os dados obtidos desta ação.

Todo o procedimento metodológico apresentado nesta pesquisa favoreceu a nossa observação e a nossa reflexão a respeito das possibilidades de utilizar os Círculos de Diálogos como recurso pedagógico para o ensino de Sociologia. Além de possibilitar a revisão e o aprofundamento dos conteúdos da disciplina, os Círculos de Diálogos nos permitiram mergulhar no universo juvenil e discutir com os estudantes, alternativas para dirimir conflitos. Da mesma forma, abordamos diversos temas que consideramos como necessários e desafiadores, principalmente diante do momento pelo qual o mundo passa, a pandemia do Coronavírus, em que as escolas buscam se adaptar a uma realidade de ensino remoto.

Este trabalho se dividiu em quatro capítulos. No primeiro deles, os estudos e as leituras sobre o tema Círculos de Diálogos foram apresentados para que o leitor entenda o significado do tema e como este recurso pedagógico pode ser inserido no ensino da Sociologia. Apresentamos, ainda, neste primeiro capítulo, o estado da arte, o referencial teórico e a relevância de se trabalhar Círculos de Diálogos nas escolas.

No segundo capítulo, escrevemos sobre experiências e técnicas de Círculos de Diálogos de forma presencial, buscando enquadrar o componente da Sociologia no ensino médio, sob a perspectiva da BNCC. Uma vez que se trata de um projeto de intervenção pedagógica, foi necessário descrever para o leitor a estrutura e a localização da FAC. Como a intervenção aconteceu num cenário de pandemia, apresentamos, também aqui, os desafios do ensino remoto e a complexa realidade das escolas, principalmente das escolas públicas.

A execução do projeto de intervenção pedagógica é apresentada no terceiro capítulo deste trabalho. Os Círculos de Diálogos no ensino remoto, a contextualização, os planos de aulas, assim como o todo percurso, experiências dos círculos durante as aulas e metodologia também estão inseridos neste capítulo.

O último capítulo deste trabalho teve como objetivo apresentar a análise das práticas dos Círculos de Diálogos durante as aulas remotas, trazendo para o leitor a percepção do aluno e dos professores, destacando a importância do conhecimento empírico, além da colaboração desses atores na efetividade do projeto de intervenção pedagógica.

As considerações finais trazem reflexões sobre um modelo de educação transformadora, contrapondo qualquer tipo de educação conservadora, que castra a capacidade dialógica, a reflexividade, e a conexão entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem, apresentando os Círculos de Diálogos como recurso didático para o componente da Sociologia e para componentes afins. Este trabalho também possibilitou compreender que a escola precisa ser um espaço de diálogo e de troca de saberes entre alunos e professores, considerando não apenas repassar o conteúdo, mas também despertar a capacidade crítica, reflexiva, e o reconhecimento mútuo por meio da autoconfiança, do autorrespeito e da autoestima.

1 ESTUDANDO... LEITURAS SOBRE OS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS

1.1 OS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS

A escola, enquanto instituição, é um espaço de ideias que tem o poder de influenciar as relações sociais, possibilitando tanto a relação integrada, entre professor e aluno – o que chamamos de inclusão –, como pode ser um espaço de exclusão ou de negação de direitos. Sendo assim, o processo educacional ocorre, muitas vezes, de forma excludente e autoritária, não percebendo o estudante como protagonista e no qual apenas o professor seria o detentor do conhecimento.

A educação no Brasil, durante muito tempo, não ofertava em seus conteúdos curriculares uma preparação cidadã para os alunos. Só a partir da década de 1960 é que Paulo Freire apresentou um modelo pedagógico que contemplava uma formação cidadã para os alunos, promovendo a capacidade crítica e reflexiva deles. Assim, nesta proposta, a Sociologia, é o componente que possibilita a reflexão sobre cidadania e formação cidadã, podendo ainda ser ampliado para outros componentes da área das ciências humanas e sociais aplicadas.

Somos um país marcado por desigualdades e por uma dívida histórica aos povos indígenas e aos povos negros. A cultura escravocrata e o tráfico dos povos africanos perduraram do início da colonização até o final do século XIX. O Brasil, por exemplo, foi o último país do ocidente a decretar a libertação dos escravos, em 1888, como bem descreve Fernandes (1978) ao se referir ao desajustamento social em seu livro *A integração do negro na sociedade de classes*.

Assim, as marcas sofridas pelos povos indígenas e negros têm contribuído com a naturalização do processo de exclusão. Questões de racismo institucional e estrutural permanecem até os dias de hoje e estão enraizadas de todas as formas e em todos os lugares.

Como destaca Almeida (2019), ao definir sobre racismo institucional e estrutural:

(...) o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. (ALMEIDA, 2019).

Esse emaranhado de conflitos, a questão racial, o preconceito e as desigualdades influenciam na educação e na cultura, o que faz com que tantas crianças, adolescentes e jovens desistam dos estudos por não se sentirem pertencentes a esses espaços educacionais, por rejeições e até pela violência simbólica que sofreram e ainda sofrem.

Bourdieu (1992)¹⁴ conceitua essa realidade das escolas, apontando que estas instituições não são neutras, pois tanto reproduzem uma cultura de classe dominante quanto legitimam as desigualdades sociais.

A escola, quando não percebe fatores de violência, se distancia do aluno, de sua realidade e de todo espaço que interfere e influencia sua vida. Dessa forma, ela tem sido um espaço de negligência, por muitas vezes não ter uma metodologia que perceba o aluno como cidadão, sujeito com direito à voz, uma voz que, para o modelo de uma educação problematizadora, não pode ser silenciada. Como podemos negar, como educadores, que os alunos expressem suas motivações, suas reflexões relacionadas às realidades de seu próprio mundo?

O sociólogo Carvalho (2002), em seu livro *A cidadania no Brasil*, apresenta o cenário da exclusão sofrida pelos povos indígenas e pelos afrodescendentes. Para Carvalho, o processo de cidadania deu-se de forma traumática, pois seu início ocorre de forma violenta, desde a catequização, desconsiderando os saberes pré-existentes dos povos originais, a exemplo da sua língua nativa e de sua cultura.

Faz-se necessário, portanto, refletirmos sobre essa problemática, assim como Paulo Freire já trazia essas inquietações em seus estudos, através dos quais ecoaram, pelo Brasil e pelo mundo, conceitos acerca do poder da capacidade de dialogar. Sua obra sobre uma pedagogia autônoma (FREIRE, 2007) é embasada na reflexão e na ação do aluno. Para Freire, ensinar exige autonomia e respeito aos saberes dos educandos; é esse o caminho que a política educacional precisaria seguir, junto a gestores¹⁵, professores e toda comunidade escolar, fazendo com que alunos encontrem, em si, a capacidade protagonista e sua condição de ser jovem.

A Educação Transformadora é atualmente muito discutida por vários estudiosos, entre eles o educador Português José Pacheco, que nos apresenta, no livro “Escola da Ponte”, uma proposta para fugir desse modelo tradicional de escola para uma escola

14 A escola como espaço de reprodução de desigualdades.

15 Onde se lê gestor/gestores neste projeto de intervenção, leia-se também gestora/gestoras, respeitando, assim, a igualdade e gênero.

realmente transformadora, na qual crianças e adolescentes, durante seu processo de aprendizagem, são tratados como sujeitos de direitos e de deveres, inseridos em regras de convivência e pautados pela aprendizagem libertária, o que inclui educadores¹⁶, família e aluno neste processo de ensino-aprendizagem.

Vejamos o que afirma Pacheco a respeito do surgimento da modelo de escola transformadora:

Nascido da necessidade de repensar a escola e de um conjunto de situações interligadas, que provocaram interrogações quanto à sua organização, à relação entre escola e família e às relações estabelecidas com as instituições locais, o projeto “Fazer a Ponte” orienta-se por dois princípios básicos: o desenvolvimento de uma organização de escola que tem por referências uma política de direitos humanos que garanta as mesmas oportunidades educacionais e de realização pessoal a todos os cidadãos e a promoção, nos diversos contextos em que decorrem os processos formativos, de uma solidariedade ativa e participativa responsável; o desenvolvimento de relações estabelecidas entre a escola e a comunidade de contexto através da libertação e criação de redes de comunicação. (PACHECO, 2015, p. 3).

A proposta de Educação Transformadora apresentada por Pacheco trata de um modelo de escola que promove a autonomia e a solidariedade entre toda a comunidade educacional, na qual princípios da dignidade humana são respeitados, e na qual alunos, educadores e famílias são protagonistas neste mesmo processo.

No entanto, paralelo às ideias de uma educação transformadora e libertadora, o que percebemos é que a educação vem sofrendo interferências ideológicas de cunho conservador/totalitário, perverso e excludente. A cultura de violência nos dias atuais é naturalizada, e os jovens alunos de escolas públicas estão inseridos nesse contexto de violência estrutural e institucional.

A respeito do modelo de educação conservadora, que Paulo Freire já alertava, e que nos dias de hoje ganha mais força e adeptos, basta observar que no site do Ministério da Educação (MEC)¹⁷ há uma plataforma apresentando a Portaria nº 2.015, de 20 de novembro de 2019 (BRASIL, 2019a) que regulamenta o modelo da Escola Cívico Militar (ECIM), assim como o Decreto nº 10.004, de 5 de setembro de 2019 (BRASIL, 2019b), que institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM).

O modelo de escola cívico militar conta com a participação e o apoio de muitos militares, sejam reservas das Forças Armadas, praças, ou até mesmo bombeiros e

16 Onde se lê educador/educadores neste projeto de intervenção, leia-se também educadora/educadoras, respeitando assim, a igualdade e gênero.

17 Consulta feita no site do Governo Federal, Ministério da Educação: <http://escolacivicomilitar.mec.gov.br/>.

policiais militares; ele retoma a proposta de uma Educação Moral e Cívica, conduzindo alunos e professores a fazerem parte de uma educação militarizada e conservadora, muito distante de uma proposta educacional humanizada e transformadora.

O modelo de educação humanizada e transformadora nunca foi, de fato, efetivado no Brasil. Mesmo assim, ele vai se tornando cada vez mais distante com essa tendência conservadora, que, ao mesmo tempo que exige uma “escola sem partido”, injeta, aos poucos, uma educação excludente, que não só controla a forma de ensinar do professor, como também nega a possibilidade de o aluno ser um sujeito reflexivo, crítico e participativo.

Tendo em vista esse cenário de conservadorismo e totalitarismo, faz-se necessário compreender a categoria violência, de forma reflexiva, à luz da Sociologia, visto que é preciso observá-las sob novas lentes, sob as lentes de uma Cultura da Paz, sobre a qual se faz necessário um novo debate e uma nova reflexão.

Nosso desafio é compreender a relação indivíduo-sociedade por meio da comunicação empática e intersubjetiva, sendo ela uma linguagem capaz de conectar atores de um discurso num espaço de experiências e vivências compartilhadas.

O conceito de intersubjetividade apresentado por Habermas (2004) nos direciona a refletir que é a partir da linguagem de vivências compartilhadas e experiências de vida que atingimos o entendimento mútuo, ou seja, o ponto racional que exige dos atores desse discurso a veracidade e as pretensões reais por meio do diálogo validado entre quem fala e quem escuta.

Habermas (2004) ainda acrescenta que o valor da comunicação intersubjetiva e do entendimento mútuo se dá através da ação e participação, o que ele denomina Agir Comunicativo, isto é, o entendimento por meio da linguagem efetiva e racional. É nesse sentido que fazemos a correlação entre a proposta de uma educação dialógica, os Círculos de Diálogos e uma Comunicação Não-Violenta (CNV).

Marshall Rosenberg, escritor e psicólogo estadunidense, ativista dos direitos civis e atuante nos anos 1960, foi o criador do conceito e método da Comunicação Não-Violenta. Suas contribuições tiveram destaques no campo da educação e dos Direitos Humanos, com destaque para o livro Comunicação Não-Violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. A CNV é um método de mediação de conflitos e da autoeducação, que busca o restabelecimento na confiança mútua e na empatia, ou seja, por meio de novas formas de convivência.

Assim, a CNV nas escolas surge como um novo paradigma, na perspectiva de valorizar as dimensões interpessoais com foco nas relações, na convivência e na

construção de vínculos. Por volta do ano de 2005, o Projeto Justiça para o Século 21 teve seu início na Cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em seguida, expandiu-se para outros estados, como São Paulo e, posteriormente, para estados do nordeste, como Maranhão, Ceará, Pará, Rio Grande do Norte e Piauí. O projeto tinha como objetivo promover políticas públicas para infância e juventudes através de práticas de Justiça Restaurativa, inicialmente no Sistema de Justiça e, logo depois ocupando, também, o Sistema Educacional. (PRANIS, 2011).

Discorrendo sobre este tema, destacaremos alguns marcos históricos e legais que dão sustentação à proposta dos Círculos de Diálogos, como a Revolução Francesa, ocorrida em 1789, sob os ideais de liberdade, de igualdade e de fraternidade, “reportando-nos à questão dos direitos civis na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão” (ODÁLIA, 2008, p.163).

Com o advento da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948), percebe-se a promoção, a proteção e da defesa de valores, tendo como princípio a dignidade humana, o respeito, da igualdade, e a tolerância¹⁸, aspectos muito presentes nos Círculos de Diálogos e na CNV.

Sobre o marco histórico da importância de se trabalhar num modelo de educação dialógica, podemos destacar uma linha do tempo no quadro a seguir:

Tabela 2 – Histórico - Educação Dialógica

Histórico – Educação Dialógica	
1948	Declaração Universal dos Direitos Humanos (destaque para o princípio da dignidade humana, paz entre as nações).
1996	LDB Lei Nº 9.394/1996 no Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.
1999	A UNESCO publica relatório: “Educação: um tesouro a descobrir”, que define os quatro pilares da Educação: aprender a ser; aprender a conhecer; aprender a fazer e aprender a conviver (conviver em sociedade e se colocar no lugar do outro permite criar laços afetivos).

18 O Congresso Internacional sobre Educação em Prol dos Direitos Humanos e da Democracia, realizado pela ONU em março de 1993, instituiu o Plano Mundial de Ação para a Educação em Direitos Humanos, que foi referendado na Conferência Mundial de Viena de 1993, visando a promover, estimular e orientar compromissos em prol da educação, em defesa da paz, da democracia, da tolerância e do respeito da dignidade da pessoa humana. (ZENAIDE, 2007).

2007	Elaborado e pactuado o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (as universidades criam seus núcleos de DH).
2014	Plano Nacional de Educação: Meta 7/Estratégias: 7.23. Garantir políticas de combate à violência na escola, inclusive pelo desenvolvimento de ações destinadas à capacitação de educadores para detecção dos sinais de suas causas, como a violência doméstica e sexual, favorecendo a adoção das providências adequadas para promover a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade.
2015	Plano Estadual de Educação da Paraíba: Fortalecer as políticas de combate à violência e bullying na escola, inclusive pelo desenvolvimento de ações destinadas à capacitação de educadores (...).
2015	17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Entre os 17 objetivos, destacam-se: Educação de qualidade; Igualdade de gênero; Redução das desigualdades; Paz, justiça e instituições fortes.
2017-2018	BNCC (Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas): Competência 06 (BNCC): Participar de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Habilidade (EM13CHS606): (...) construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.
2018	Lei nº 13.663, de 2018: Incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino.

Fonte: Pesquisa pessoal, 2021.

Após a redemocratização do país, com a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), houve o resgate dos direitos civis e sociais, contemplando o princípio da dignidade humana, baseada no respeito e na tolerância, assim como na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

A respeito de tais direitos, podemos dizer que, entre os anos de 1995 e 2015, durante os governos de Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma, muitos avanços ocorreram com a participação social e as reivindicações de demandas por meio de associações, fóruns e sindicatos.

Alguns direitos sociais através de políticas públicas foram determinantes e legítimos, amparados pela própria Constituição, com a implantação de programas no campo da educação, como o Programa Bolsa Família, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), e o Programa de Inclusão de Jovens (PROJOVEM), entre outros

que fortaleceram o princípio da dignidade humana por meio da inclusão, da cidadania e da participação.

Nesse sentido, o governo brasileiro, no ano de 2007, elaborou o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2007), por meio do Ministério da Cultura, do Ministério da Justiça e da UNESCO. Apesar das boas intenções apresentadas no plano, na prática e no dia a dia da sala de aula isso não se efetivou, pois não houve nem adesão nem divulgação ampla em todo território nacional, ou seja, poucas escolas adotaram a Cultura de Paz em seus currículos e projetos políticos pedagógicos, apesar de a própria Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 2008), e dos Parâmetros Curriculares (BRASIL, 1997), despertarem para tal importância.

Essa negação ou pouco interesse em discutir e promover Cultura de Paz e Círculos Diálogos nas escolas se reflete no campo das ciências humanas e, principalmente, nos currículos escolares. Dito isso, os Círculos de Diálogos no cotidiano e na realidade prática dos alunos são instrumentos de reflexão e motivação para o protagonismo deles.

Os Círculos de Diálogos são práticas que unem pessoas, constroem vínculos e favorecem o relacionamento e a paz nas escolas. Entre os vários modelos de Círculos que compõem as práticas restaurativas, o que iremos apresentar nesse trabalho é o Círculo de Diálogo. Ele é utilizado em sala de aula para restabelecer acordos de convivência, mediar conflitos, ou até mesmo dialogar a respeito de temas abordados no ensino da Sociologia, tais como projeto de vida, questões de gênero, cidadania, e outros temas que os próprios alunos apontem como importantes.

Dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, podemos destacar o tema Cidadania, Política e Estado como um tema transversal que perpassa a Sociologia. A importância do ensino da Sociologia deve despertar nos alunos a sensação de pertencimento, na direção de uma cidadania plena, da criticidade, da reflexão, da possibilidade de modificação da realidade e da participação ativa enquanto jovens protagonistas.

É por meio do ensino da Sociologia que os alunos vivenciam seus primeiros passos sobre os conceitos de cidadania, direitos e deveres, da construção de sua própria identidade, assim como sua inserção e participação social. É através da construção de identidade que o aluno passa a ter compreensão das relações sociais, dos movimentos sociais e de suas próprias demandas. Essas questões são encontradas nos livros didáticos do ensino da Sociologia, a exemplo dos livros Sociologia em Movimento (SILVA et al., 2016) e Sociologia Volume Único (ARAÚJO, 2016), os quais utilizamos nesse

projeto de intervenção, visto que são livros adotados pelo Governo do estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Educação Ciência e Tecnologia.

Dessa forma, o ensino da Sociologia contribui para a política educacional e para a construção de um currículo mais humanizado, capaz de perceber a realidade dos alunos enquanto sujeitos críticos e participativos, compreendendo não só os problemas e conflitos sociais, como também a necessidade de instigar esses jovens a se posicionarem diante do que os aflige, buscando alternativas e possibilidades de mudanças.

Também destacamos um breve recorte histórico no cenário brasileiro sobre a Sociologia no ensino médio, enfatizando que sempre houve uma grande resistência para legitimar e validar esse componente no currículo.

Falando resumidamente sobre a Lei de Diretrizes e Bases n. 9.394, aprovada em 1996 (BRASIL, 1996), apontamos que ela foi um dos marcos legais que deu respaldo à luta pela obrigatoriedade do ensino da Sociologia nas escolas, destacando-se o artigo 36 da Lei ¹⁹. Posteriormente, por meio da Lei n. 11.684/2008 (BRASIL, 2008), foram incluídas a Sociologia e a Filosofia como componentes obrigatórias no currículo do ensino médio.

Em 2017, houve uma alteração com a promulgação da Lei n. 13.415/2017 (BRASIL, 2017), que implementou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reunindo os componentes de História, Geografia, Filosofia e Sociologia como um único componente curricular, classificado como Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

O que se percebe de 2017 aos dias atuais é uma mudança nos currículos para um modelo de escola tecnicista, seguindo uma tendência neoliberal e legitimada pela própria BNCC. Assim como Freire já destacava, trata-se da abertura para uma educação bancária, que empobrece o conhecimento crítico e reflexivo, fazendo com que a educação brasileira cada vez mais se distancie de um modelo de educação libertadora e transformadora, a qual tornaria o aluno sujeito participativo. Não podemos esquecer que o modelo de educação bancária, conceituado por Freire, tem como mero objetivo atender ao mercado e ao modo de produção capitalista, homogeneizando as pessoas, suas formas de pensar e agir, tornando-as limitadas e condicionadas ao consumo.

Com a BNCC, percebe-se que a Lei n. 11.684/2008 (BRASIL, 2008), que inclui o ensino da Sociologia e Filosofia no currículo do ensino médio, passa a sofrer ameaças diante de um cenário nacional demarcado por uma política educacional carregada de

19 Art. 36. O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes: IV – serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio. (Incluído pela Lei n. 11.684, de 2008).

ideologia conservadora, que defende uma educação para formação tecnicista e nega a formação humanizada, dando lugar a uma educação rasa.

Refletir sobre a relevância da Sociologia no ensino médio nos permite compreender as reflexões trazidas por Norbert Elias em sua obra *Introdução à Sociologia* (ELIAS, 2008). Segundo ele, a Sociologia tem o importante papel de conduzir o nosso pensamento a compreender as representações e as forças sociais que nos envolvem enquanto seres individuais e coletivos, repensando, do mesmo modo, as relações de poder e as interconexões sociais.

A relevância da Sociologia, segundo Elias (2008), está ligada ao pensamento e à ação, e, nesse sentido, nos deparamos, no cotidiano das escolas, com a necessidade de aplicarmos novas ferramentas metodológicas que permitam ao aluno a capacidade de pensar e agir através de técnicas de Círculos de Diálogos, por serem pertinentes nas discussões em sala de aula sobre os temas de direitos humanos, diversidade, gênero e pluralidade.

Percebe-se o ensino da Sociologia como um componente reflexivo que envolve o pensamento ativo dos alunos e nos possibilita introduzir os Círculos de Diálogos, contemplando os conteúdos apontados nos livros do ensino da Sociologia, do mesmo modo inserindo uma proposta de educação em direitos humanos, atendendo às demandas da UNESCO, percebendo que os Círculos de Diálogos, por meio do modelo justiça restaurativa, precisam ser vistos e executados nos espaços escolares como políticas públicas.

Os Círculos de Diálogos são uma proposta pedagógica que recupera valores de inclusão, responsabilização e reparação de danos, assim como desperta valores de pertencimento, solidariedade e empatia. Inicialmente implementados no Sistema Judiciário, hoje, os Círculos de Diálogos, mesmo que de forma tímida, têm ocupado espaço nas escolas, despertando nos professores e educadores a busca pelo tema e a qualificação na área, por meio de cursos de formação em Círculos de Diálogos e de CNV ofertados por várias instituições especializadas, a exemplo da Instituição *Terre des Hommes*.

Portanto, o professor que carrega em si as experiências de promover práticas de Círculos de Diálogos desenvolve no cotidiano da sala de aula um espaço mais harmonioso, assim como desenvolve nos alunos a capacidade de ouvir e de ser ouvidos

de forma empática e respeitosa, valorizando um dos pilares da educação²⁰ que é aprender a viver juntos.

Nas práticas de Círculos de Diálogos, professor e aluno sentam-se de forma circular e, de maneira voluntária, são convidados a dialogar a respeito de um tema específico (juventudes, gênero, religião, *bullying*, conflito), utilizando um objeto de fala que, nas práticas de Círculos de Diálogos, chamamos “objeto da palavra, através do qual o ato de falar, simbolizado pelo bastão, representa a autonomia da pessoa que está em posse da fala expondo suas ideias, necessidades e valores, utilizando, nessas práticas, a Comunicação Não-Violenta, indo ao encontro da visão de Habermas, logo, agindo comunicativamente.

Dessa forma, a participação no diálogo se dá longe de qualquer tipo de repressão ou preconceito, com base na compreensão consensual e cooperação dos envolvidos, propondo para as escolas, professores e alunos um olhar para as motivações, valores, necessidades e responsabilidades, categorias estas tão presentes nos conteúdos da Sociologia no ensino médio.

A capacidade comunicativa no ensino da Sociologia aponta para a necessidade de perceber os desafios diários de uma sala de aula. Perceber, por exemplo, que cada aluno é um sujeito, com suas necessidades, seus valores, emoções e histórias de vida; perceber os conflitos existentes em sala de aula – as motivações, a falta de interesse pelos conteúdos apresentados e, conseqüente, a evasão escolar.

Portanto, o entendimento de que o ensino da Sociologia se dá com a participação ativa e dialógica dos alunos, trabalhando suas necessidades, conflitos, valores e emoções, se torna algo prático e eficaz por meio dos Círculos de Diálogos, recurso didático de interação social que assimila e complementa os conteúdos dados em sala de aula com temas diversos, como equidade de gênero, diversidade, raça e etnia, direitos e deveres, além da própria condição de ser jovem e de seu projeto de vida

1.2 ESTADO DA ARTE

A Sociologia no ensino básico sempre esteve em pauta na história da educação brasileira. A luta pelo retorno do ensino da Sociologia acontece, mais uma vez, entre os anos de 1998 e 2008, tendo sua consolidação a partir de 2008 por meio da Lei

20 UNESCO apresenta, em seu relatório *Educação para o século XXI*, os quatro pilares da educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, e aprender a ser), 1996.

11.684/2008 (BRASIL, 2008), com respaldo legal através da própria Lei de Diretrizes e Bases Nacional, 1996. Esse movimento histórico se dá ao passo que o avanço das ciências sociais se legitima nas universidades públicas, e, posteriormente, nos institutos de ensino privado. Com isso, compreendemos que o ensino da Sociologia sempre teve suas “idas e vindas”, atreladas aos contextos históricos e políticos.

O modelo educacional pautado num ensino mais tecnicista em detrimento de um ensino humanizado sempre foi uma ameaça para a efetivação do ensino da Sociologia enquanto componente. Essa questão continua sendo enfrentada nos dias de hoje com a nova Base Nacional Comum Curricular, aprovada em 2017, fazendo com que retomemos, mais uma vez, a luta pela permanência do ensino da Sociologia. É importante destacar o engajamento de diversos atores sociais, como professores universitários e do ensino básico, alunos de graduação e secundaristas, comunidade escolar, familiares, sociedade civil, associações, sindicatos, e até mesmo parlamentares comprometidos com a causa.

O momento atual exige a retomada da luta e da mobilização como formas de resistência contra as incursões políticas fascistas que querem a alienação e o controle social em todos os espaços e instituições, incluindo as escolas públicas deste país. Os Congressos Brasileiros de Sociologia, desde seus primeiros encontros e de sua organização, vêm abordando essas discussões, tendo apoio das redes nacionais, como o da Associação Brasileira do Ensino das Ciências Sociais (ABECS) e o do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO).

Ao analisar o processo histórico do retorno da sociologia no currículo do ensino médio entre os anos de 1998 e 2008, a autora e socióloga Eras destaca pontos importantes:

- a) Lutas intensas por concursos públicos junto às Secretarias Estaduais (SEED's) para professores de Sociologia no ensino médio (2004);
- b) A organização de eventos em busca da visibilidade temática e do reconhecimento científico nas Ciências Sociais: Congresso Brasileiro de Sociologia; Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica (ENESEB), Congresso da Associação Brasileira sobre o ensino de Ciências Sociais (ABECS) entre outros eventos importantes do campo;
- c) A busca pela produção de materiais didáticos mais adequados e especializados para o trabalho com a Sociologia no ensino médio;
- d) Os concursos públicos para docentes nas universidades estaduais e federais para vagas específicas de prática de ensino e/ou metodologia do ensino de Sociologia e/ou Ciências Sociais;
- e) Produção de obras acadêmicas e livros coletâneas, e o estado da arte de pesquisas e experiências sobre o ensino de Sociologia quanto aos novos rumos da Sociologia nos cursos de Licenciatura e no ensino médio.
- f) Luta pela criação de Programas de Fomento ao Ensino e Pesquisas sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica;
- g) Produção de dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado sobre a Sociologia no Ensino médio e a Formação docente;
- h)

Análise científica e pedagógica dos cursos de Licenciaturas e as novas metodologias de formação (oficinas, mesas-redondas, *blogs*, *sites* de discussão e o estágio supervisionado problematizado); i) Novas formações curriculares e de projetos político-pedagógicos dos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais (ERAS, 2014, p. 40).

Todas essas ações e produções acadêmicas, que incluem lutas por concursos públicos, mobilizações, participação da ABECS nesse processo, o PROFSOCIO enquanto rede nacional de mestrado profissional em Sociologia, nos dão o sentimento de luta e, ao mesmo tempo, de esperança. Não se pode descartar a importância do ensino da Sociologia no currículo do ensino médio, visto que ela é o componente principal da BNCC na questão de abordar uma proposta de um ensino humanizado e que promove um olhar crítico e reflexivo na vida dos alunos.

Levando em consideração tal contexto, a intervenção pedagógica é uma das ferramentas de planejamento que objetivam sanar algum tipo de dificuldade encontrada nos processos de ensino e aprendizado, buscando redescobrir novas formas de ensinar, dessa forma possibilitando ao aluno ser o protagonista, ou seja, o sujeito da ação. Isso desenvolve um processo de ensino-aprendizagem para além dos conteúdos, uma aprendizagem participativa, crítica e reflexiva.

Atualmente, algumas escolas públicas e privadas vêm adotando projetos de intervenção como instrumentos pedagógicos interdisciplinares que possibilitam trabalhar de forma transversal e compartilhada as ações práticas dos conteúdos em sala de aula.

Em todo Brasil, importantes trabalhos de intervenção pedagógica têm sido publicados por meio do PROFSOCIO. Na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), podemos destacar o projeto de intervenção do professor Cassiano Quirino, com o tema Aprendendo Sociologia no Fazer Sustentável. Também merece destaque o trabalho da professora Anne Christine Fernandes, que realizou um projeto de intervenção pautado em música e gênero, promovendo debates reflexivos sobre juventudes. Trabalhos como esses não apenas contribuem no processo de ensino-aprendizagem, mas também fortalecem os vínculos entre aluno, professor e comunidade escolar. A colaboração dos alunos na participação dos projetos de intervenção contribui para o protagonismo e o despertar da cidadania.

Destacamos, também, a importância do PROFSOCIO ao inserir a modalidade Intervenção Pedagógica no programa, possibilitando compreender a realidade da sala de aula de forma reflexiva e participativa, apontando os seus inúmeros desafios, que incluem a própria Lei de Diretrizes e Bases em função da proposta da BNCC, a desvalorização do professor, a falta de estrutura e de equipamentos adequados, as novas ameaças e

ataques sofridos pelos componentes da Sociologia e Filosofia e, mais recentemente, a realidade da pandemia causada pela proliferação do Coronavírus, que veio escancarar toda a fragilidade e a precarização das nossas escolas públicas, bem como piorou ainda mais o acesso ao ensino por parte dos alunos, aqueles principalmente em situação de vulnerabilidade social. Atrelada a essa situação, temos a flexibilização do ensino médio, no contexto de acumulação flexível, e as novas formas de ensino, como a escola híbrida e as aulas remotas, nas quais muitas vezes nem aluno, nem professor estão preparados para tantas mudanças.

Nos estudos sobre juventudes no Brasil, vinculados ao conteúdo da Sociologia no ensino médio, temos a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por meio do observatório da Juventude da UFMG, coordenado pelo professor Juarez Dayrell. Entre os trabalhos realizados por este autor, destacam-se *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil* (2007) e *O jovem como sujeito social* (2018).

Amparados pela discussão sobre a pluralidade e as diferenças culturais, sociais, econômicas e ideológicas, que se encontra na etapa geracional de vida, apresentamos o conceito de juventudes. As discussões sobre juventudes no âmbito escolar passam por diversas questões, como a construção de identidade, diversidade, projeto de vida, busca por trabalho, incertezas sobre o futuro. São demandas que, sem a devida atenção, muitas vezes ocasionam a evasão escolar.

Pensando em alunos do 2º Ano do ensino médio, com idade entre 15 e 17 anos, foco de nossa pesquisa, deve-se considerar a política de proteção integral, por se tratarem de adolescentes como sujeitos de direitos e deveres, pautados no que rege o Estatuto da Criança e ao Adolescente, Lei Federal aprovada em 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990), dois anos após a aprovação da Constituição Cidadã (BRASIL, 1988).

Ainda sobre juventudes, do ponto de vista das políticas públicas no Brasil, consideramos que temos uma dívida histórica com elas, visto que só após 25 anos da aprovação da Constituição Federal (BRASIL, 1988) é que esse público teve espaço e voz. Isso ocorreu por meio dos movimentos sociais, das mobilizações escolares, de grupos de juventudes, por meio das primeiras conferências de juventudes municipais, estaduais e nacional, entre os anos de 2003 a 2013, e, também, com a implementação dos Conselhos de Juventudes, nas esferas Municipal, Estadual e Nacional, órgãos de mecanismos de controle criados com o objetivo de fiscalizar e reivindicar a efetivação de políticas públicas para esse público, jovens sujeitos de direitos.

A partir do ano de 2013, foi implementada a lei que garante políticas públicas para as juventudes, o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013). Apesar de destacar políticas

voltadas para a educação, a saúde, o lazer e a geração de emprego e renda, pouco se avançou de forma efetiva.

No contexto escolar, pensando na permanência desses jovens nas escolas, tais políticas foram implementadas, como o PROJOVEM, programa financiado pelo Governo Federal, inserido em todo o território nacional nas escolas públicas, com o objetivo de promover a inclusão de jovens em situação de vulnerabilidade social e econômica, dando a estes a oportunidade para a conclusão dos ensinos fundamental e médio. O programa formou milhares de jovens com idades de 18 e 29 anos, em todo país, nos anos de 2005 a 2016.

Atualmente, não temos uma política pública de Estado que contemple a juventudes em espaços escolares. O que temos são políticas de governo através das quais cada estado formula os seus próprios programas de inserção de jovens nas escolas, muitas vezes distantes da realidade da juventude local e sem continuidade e efetividade.

Na Paraíba, o governo do estado implementou, desde o ano de 2016, por meio da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba (SEECT), as Escolas Cidadãs Integrais. Estas têm como um dos eixos o projeto de vida dos alunos, que se adequa ao universo do ensino da Sociologia, possibilitando a inserção de uma política pública voltada para a mediação de conflitos e Círculos de Diálogos nas escolas.

Considerando os Círculos de Diálogos como ponto principal do nosso projeto de intervenção, nos debruçaremos sobre a filosofia da linguagem proposta por Giddens (1996) em sua obra *As Novas Regras do Método Sociológico*, na qual ele nos apresenta as contribuições de Winch e de Habermas.

Giddens destaca a obra do filósofo Winch por sinalizar a importância das múltiplas formas de linguagem nos processos de socialização. Winch sugere que o comportamento e as relações se dão por meio das ideias, das noções de comando e de obediência. As convenções acontecem por meio de regras negociadas. Giddens destaca, também, a teoria do Agir Comunicativo formulado por Habermas. O agir comunicativo é uma ação racional que busca alcançar o entendimento entre o falante e o ouvinte. Dessa forma, a comunicação acontece por meio da verdade e do discurso racional.

Abordamos os conceitos de racionalidade comunicativa apresentada por Habermas em suas obras *Pensamento pós-metafísico* (HABERMAS, 1990) e *Verdade e justificação* (HABERMAS, 2004), contribuições deste filósofo sobre o agir comunicativo. Ele utiliza o estudo da razão relacionando-o à comunicação e à verdade. Para o autor, razão e verdade não são valores absolutos, mas que se definem de forma consensual, buscando o entendimento bilateral.

Nessa visão de Habermas, desenvolver uma comunicação que possibilite o consenso e o entendimento mútuo é uma preocupação atual que vem sendo discutida por várias instituições no mundo todo, a exemplo da Organização das Nações Unidas (ONU) e de outros órgãos internacionais de direitos humanos que defendem a ideia de consenso e entendimento como situação ideal do diálogo.

Na teoria do agir comunicativo, a razão se apresenta por meio do debate consensual, no qual a verdade se concretiza de forma horizontal e sem constrangimentos entre as partes que dialogam. Consideramos, deste modo, a teoria do agir comunicativo proposta por Habermas base para a tolerância, a empatia, o pertencimento e a aceitação. A verdade é o espaço através do qual nos encontramos.

Ainda sobre comunicação, consideramos o que diz Honneth em sua obra *Luta por Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais* (HONNETH, 2003). Esse autor retoma o conceito de intersubjetividade e de reconhecimento outrora descrito por Habermas. Tal abordagem teórica estudada durante essa pesquisa foi importante para compreendermos e refletirmos sobre a categoria diálogo, tema proposto no projeto de intervenção pedagógica.

Segundo Honneth (2003), o diálogo e a comunicação se dão por meio das relações éticas entre os interlocutores e o reconhecimento recíproco entre eles. Ele define três formas de reconhecimento: o amor (por meio da autoconfiança), o direito (por meio do auto respeito), e a solidariedade (por meio da autoestima). Honneth (2003) acrescenta ainda que desrespeitar qualquer uma dessas três formas de reconhecimento gera conflito entre os participantes. Com base nas discussões deste autor, temos uma melhor compreensão a respeito da comunicação e de uma Cultura de Paz, através do diálogo, do respeito, do protagonismo do sujeito, da busca por reconhecimento e da relevância da comunicação.

Trazendo para um recorte mais contemporâneo, também encontramos outros autores que abordam o tema comunicação e Círculos de Diálogos, como Kay Pranis, que discute as questões de convivência e empatia, apresentando as práticas circulares de construção de paz (PRANIS, 2011). Outro autor atual, Marshall Rosenberg, nos apresenta um estudo sobre Comunicação Não-Violenta (ROSENBERG, 2006).

Contextualizando nosso tema, os Círculos de Diálogos surgem da necessidade e do interesse em saber ouvir, falar, conviver, e de mediar conflitos; têm origem nas culturas e nos saberes ancestrais, nas tribos indígenas tradicionais, nas raízes de sabedorias africanas, e na filosofia indiana, sendo conhecidos posteriormente na Nova Zelândia, Canadá, Estados Unidos e Austrália, quando, na década de 1970, foi adaptado para o

sistema de justiça nesses países e compartilhado como experiência para outros países, expandindo-se para além dos espaços jurídicos, estabelecendo-se em espaços geograficamente marcados por conflitos e guerras e, também, nas instituições de ensino.

Os Círculos de Diálogos têm influência em vários campos do conhecimento, além do campo da Sociologia, visto que já era abordado nos campos da filosofia e da educação²¹.

No campo da educação, Paulo Freire (2007) e José Pacheco (2015) apresentam grandes contribuições. Para Paulo Freire (2007), a educação precisa ser emancipadora, dialógica, problematizadora, com foco na humanização, na convivência e na troca de saberes entre professor e aluno, indo contra a ideia de uma educação bancária.

Na educação emancipadora, devemos construir o saber a partir do reconhecimento do conhecimento do outro. Já José Pacheco (2015) defende uma escola de pontes, contrapondo às “escolas de muro”; uma escola baseada no paradigma da comunicação, na qual o centro de tudo é a relação e o vínculo da aprendizagem significativa. Tanto para Paulo Freire quanto para José Pacheco, as escolas são espaços de mudança, de transformação e de convivência.

No Brasil, o tema Círculos de Diálogos é debatido e estudado em algumas Universidades, a exemplo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – desde o ano de 2005, da Universidade Federal de Pernambuco, e da Universidade de Caxias do Sul – desde 2014, que apresentam, em seus programas, o tema Círculos de Diálogos e Restaurativos.

Mais recentemente, na Paraíba, no ano de 2015, o tema vem sendo estudado pela Universidade Federal da Paraíba, através do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e da Adolescência (NUPEDIA). Contamos ainda com o Projeto Universidade Estadual da Paraíba em Ação (PUA), que desenvolve trabalhos de pesquisa e extensão, discutindo entre professores, alunos e comunidade os temas Cultura de Paz, Círculos de Diálogos, e o Teatro do Oprimido.

Além disso, autores brasileiros têm dado contribuições importantes sobre os Círculos de Diálogos. O autor e pesquisador na área de Justiça Restaurativa e Cultura de

21 Na filosofia, filósofos como Epiteto já pregavam a comunicação não-violenta. No livro a “Arte de Viver”, ele destaca como viver melhor, com sabedoria, dignidade e virtude. O pensador indiano Krishnamurti, em suas reflexões, dizia que “observar sem avaliar é a forma mais elevada de inteligência humana”. Além de Krishnamurti, o pensamento indiano apresenta grandes contribuições para a visão de uma comunicação não-violenta, a exemplo do pensamento do *ahimsa*, e para a visão de uma educação voltada para valores humanos, como a educação *Sathya*. Na cultura africana, as crianças desde cedo são ensinadas a praticar o *ubuntu*, termo que significa “eu sou, porque nós somos”.

Paz, professor da Universidade Federal de Pernambuco, Marcelo Pelizzoli (2016); o professor da Escola Superior do Ministério Público do Rio Grande do Sul, Afonso Arnaudo Konzen (2012); e Martha Rabbani (2019).

Como se percebe, o tema vem sendo discutido internacionalmente e, nas últimas décadas, isso ocorreu também no Brasil, por se tratar de uma prática importante nas relações que envolvem o diálogo, o respeito e a tolerância entre pessoas.

Além de órgãos internacionais como a UNESCO, várias instituições de pesquisa e ensino, como universidades públicas e particulares, sejam no campo do Direito e das Ciências Sociais, seja no campo das Relações Internacionais e da Pedagogia, promovem discussões sobre Círculos de Diálogos, que vêm se tornando um importante recurso nas mediações de conflitos, despertando o interesse dessas instituições. Basta ver as pesquisas por meio de artigos, projetos de extensão, e os inúmeros eventos, como seminários, congressos e conferências acerca do tema em questão.

Muitos estudos brasileiros sobre Círculos de Diálogos têm sido direcionados ao sistema de justiça, nas práticas restaurativas voltadas para o sistema prisional e para o sistema socioeducacional, com adolescentes em conflito com a lei.

Contudo, percebe-se uma lacuna com relação ao tema voltado para a realidade escolar, muitas vezes carregada de conflitos, com professores pouco preparados para entender e agir diante dessa realidade ou mesmo perceber a força do agir comunicativo como ação que pode favorecer não só na mediação do conflito, como também facilitar o processo de ensino-aprendizagem por meio do ensino da Sociologia, através dos Círculos de Diálogos como recurso pedagógico que contempla a tolerância, a pluralidade e a diversidade, categorias significativas e expressas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/1996 (BRASIL, 1996).

Dessa forma, o uso dos Círculos de Diálogos como recurso didático, dando ênfase ao ensino de Sociologia nas escolas, é o que marca a inovação deste projeto de intervenção.

Percebemos a necessidade desse recurso pedagógico para o ensino da Sociologia porque os Círculos de Diálogos apresentam elementos importantes para o nosso projeto de intervenção, visto que não é apenas um instrumento de diálogo, mas também um recurso didático importante para aprofundar os temas do componente da Sociologia, permitindo estabelecer uma conexão com os conteúdos programáticos ofertados por ele. Os Círculos de Diálogos possibilitam trabalhar, no ensino médio, os conteúdos da Sociologia e do Projeto de Vida do aluno, assim como despertar a capacidade crítica e

reflexiva, proporcionando habilidades como responsabilidade, tolerância, respeito e empatia.

1.3 DA PERSPECTIVA TEÓRICA

Para formular esta proposta de intervenção, sentimos a necessidade de apoiarmos em diversas construções teóricas que, de alguma forma, demarcam pistas analíticas que orientaram nossa pesquisa. Autores como Paulo Freire (2007), Jürgen Habermas (2004), Axel Honneth (2003), Florestan Fernandes (1978) e Anthony Giddens (2009) foram essenciais. Sendo um conceito central da Teoria da Estruturação, formulada por Anthony Giddens (2009), começamos a descrição do referencial teórico percorrendo sobre o conceito de Reflexividade.

Como abordado antes, os Círculos de Diálogos são momentos de comunicação e partilha das experiências da vida. Isso se constitui num espaço privilegiado para que os conhecimentos científicos, transmitidos nas aulas de Sociologia, sejam assimilados pelos estudantes visando a sua aplicação na vida prática deles.

Pela mediação desse conceito, Giddens (2009) entende que é possível abordar as questões centrais da modernidade, questões essas que constituem o eixo articulador do componente da Sociologia. A modernidade, no entendimento de Giddens (2009), não é a exploração do desconhecido ou a busca permanente por novos objetos do conhecimento, mas a aplicação do conhecimento reflexivo à própria sociedade.

A reflexividade, no contexto da modernidade, nos remete ao pensamento sobre a própria vida social que cerca e orienta nossas ações. O agir cotidiano, nos diversos contextos sociais pelos quais transitamos, é examinado de forma recorrente e reformulado com base em novas informações sobre as suas próprias práticas, desta maneira, modificando o seu caráter constituinte.

Giddens (2009) entende que os dados estatísticos sobre a sociedade não são somente um instrumento para conhecer essa realidade e, em consequência desse fato, controlá-la com maior propriedade, assim como ocorre com a natureza e as tecnologias que possibilitam a previsibilidade dos seus movimentos. Em lugar disso, o autor sugere que os dados das pesquisas sejam incorporados ao agir cotidiano das pessoas.

Dessa forma, os conhecimentos produzidos nos estudos sociológicos devem ser transmitidos à sociedade em suas mais variadas dimensões. Instituições do Estado, organizações sociais, comunidades organizadas e à população como um todo podem ser sujeitos que visam à apropriação dos conhecimentos sociológicos. Nesse sentido, a

prática do ensino de Sociologia é um espaço privilegiado de partilha de conhecimento e, em certa medida, é uma estratégia institucional diretamente vinculada ao compromisso de alcançar esse desafio.

A Sociologia, portanto, deseja que os conhecimentos por ela transmitidos possam contribuir para o processo permanente de construção da realidade social. Como uma ciência que tem uma finalidade prática, através do ensino, a Sociologia procura colaborar com a reestruturação e a mudança social. Giddens (2009) considera que a reflexividade se materializa em certa circularidade do conhecimento. Tal fato permite que o mundo social moderno não é estável, em razão da permanente incorporação de novos conhecimentos. Para o sociólogo Inglês, a produção de conhecimento sociológico é fundamental para a mudança do mundo social, bem como para traçar e reformular a linha do desenvolvimento humano, a qual dependerá do conhecimento sobre esse mundo representado através de incalculáveis pesquisas sociológicas.

Ainda segundo Giddens (2009), no contexto sociocultural da modernidade, a reflexão é introduzida na base mesma do sistema de reprodução no qual as instituições escolares desempenham um papel central, de tal forma que o pensamento e a ação são constantemente questionados e contrapostos. Em diversas situações, é bem capaz de surgir, de forma simultânea, um conhecimento que afirme um fato e outro que, ao mesmo tempo, negue tal fato.

A reflexividade é definida por Giddens (2009) como o uso regularizado do conhecimento do ator sobre diversas circunstâncias da vida social. Ela pode, portanto, pode ser considerada como um elemento constitutivo da organização e da transformação social. Os mecanismos de desencaixe são fatores mediante os quais as relações sociais se deslocam em relação aos seus contextos locais de interação e se reestruturam em intervalos espaço-temporais indefinidos como sistemas abstratos. Para melhor percepção dos sistemas abstratos, os podemos fragmentá-los em dois tipos: fichas simbólicas e sistemas especializados.

As fichas simbólicas referem-se aos meios de intercâmbio que podem ser partilhados através dos processos de interação dos quais os atores sociais participam sem que necessariamente haja mediação das peculiaridades de cada ator ou contexto social; em outras palavras, sem a mediação das peculiaridades das condições espaço-temporais. Exemplos característicos das fichas simbólicas são os meios de legitimação política e o dinheiro. A influência ou impacto dessas fichas simbólicas é igual, mesmo que o impacto deles ocorra em contextos diferentes ou afete sujeitos diferentes.

A noção de sistemas especializados refere-se aos sistemas constituídos por domínios técnicos ou resultantes de experiências profissionais que organizam grandes áreas do entorno material e social sobre os quais os atores leigos não têm conhecimento, mas depositam sua confiança em razão da eficácia que esse conhecimento revela possuir. Como exemplo dos sistemas especializados, Giddens (2009) menciona os advogados, engenheiros, médicos, isto é, profissionais que são consultados de forma periódica ou regular.

Fichas simbólicas, na compreensão de Giddens (2009), pressupõem credibilidade e operam em torno do risco para conquistar níveis de segurança, proteção e prevenção de perigos. Da mesma forma, a reflexividade, além de gerar o dinamismo das instituições modernas, pode contribuir para a normatização da história, como ocorre com a sistematização do passado e a consequente modelagem do futuro. Como resultado desse processo, a apropriação do passado resultante é unitária, na medida em que dá lugar à inserção, na história, do passado e do futuro, mesmo que eles tenham sido construídos a partir de fontes passíveis de diferentes interpretações, permitindo a organização do passado e do futuro de diversos povos em um mesmo referencial global que orienta a ação e a experiência humana.

A apropriação dos Círculos de Diálogos como ferramenta metodológica para o ensino de Sociologia está relacionada à noção de reflexividade moderna formulada por Giddens (2009). Em sintonia com o referido autor, entendemos que os Círculos de Diálogos podem possibilitar um clima de entrosamento, intimidade e confiança para que os discentes do componente da Sociologia possam discorrer reflexivamente sobre os temas apresentados em sala de aula.

Para ilustrar a maneira como os Círculos de Diálogos poderiam funcionar, resgatamos quatro fatores que Giddens (2009) sinaliza como importantes para que o conhecimento adquirido seja filtrado e para que se busquem caminhos de aplicação orientados reflexivamente. Esses fatores são: a singularidade de vivências de pessoas ou grupos; a mediação de valores e conhecimento empírico da vida social; o impacto involuntário do conhecimento da vida social; a circulação do conhecimento social reflexivamente aplicado na dupla hermenêutica (constituída pelo saber do senso comum e pelo saber da ciência) que necessariamente altera as circunstâncias sobre as quais originalmente se referia.

Além da noção de reflexividade, consideramos que a linguagem é uma categoria central para a realização da nossa proposta pedagógica. A importância da linguagem e das formas de se comunicar é um tema discutido desde os primórdios da humanidade, de

forma que o papel do diálogo na sociedade vem sendo debatido no campo da Filosofia e da Sociologia. Para alguns filósofos, como Winch, as relações se dão por meio das ideias e de regras que são negociadas, tendo o fator predominante a obediência (GIDDENS, 1996). No entanto, destacamos que o diálogo acontece por meio da verdade e da razão, considerando o agir comunicativo e a busca pelo entendimento entre os interlocutores.

Ainda com relação à comunicação, Habermas (1990) nos diz que o agir estratégico acontece de forma coordenada e por intermédio da influência, já o agir comunicativo tem como objetivo o entendimento por meio do consenso.

O autor diferencia os dois tipos de agir:

O agir comunicativo distingue-se do estratégico porque uma coordenação bem-sucedida da ação não depende da racionalidade teleológica das orientações da ação, mas da força racionalmente motivadora de realizações de entendimento. (HABERMAS, 1990, p. 130).

Sendo assim, é possível destacar que o diálogo, segundo a teoria de Habermas, acontece de forma consensual, por meio do agir comunicativo, de forma que o sentimento de cooperação se torna necessário para que o real entendimento entre o falante e o ouvinte possa acontecer.

As relações de diálogo são postas por meio da intersubjetividade partilhada entre os sujeitos, presentes na visão de Habermas, sobretudo no agir comunicativo (que ele classifica como forte). “No agir comunicativo forte, os envolvidos contam ademais com um mundo social intersubjetivamente partilhado por eles” (HABERMAS, 2004, p. 120). Testa, ao escrever sobre a obra de Honneth, destaca que “A intersubjetividade deve constituir-se como uma forma de interação comunicativa” (TESTA, 2008, p. 94).

Para referenciar esse projeto de intervenção sobre a importância dos Círculos de Diálogos nas escolas, iremos ainda apresentar o conceito da categoria reconhecimento, discutida por Honneth em sua obra *Lutas por Reconhecimento*. O autor entende que a força moral é motivada pelas relações sociais por meio de um reconhecimento mútuo, recíproco e restaurador.

Sobre tal reconhecimento intersubjetivo ou reconhecimento mútuo, Honneth afirma que

O nexa existente entre a experiência de reconhecimento e a relação consigo próprio resulta da estrutura intersubjetiva da identidade pessoal: os indivíduos se constituem como pessoas unicamente porque, da perspectiva dos outros que assentem ou encorajam, aprendem a se referir a si mesmos como seres a que cabem determinadas propriedades e capacidades. A extensão dessas propriedades e, por conseguinte, o grau da auto realização positiva crescem com cada nova forma de

reconhecimento, a qual o indivíduo pode referir a si mesmo como sujeito: desse modo, está inscrita na experiência do amor a possibilidade da autoconfiança, na experiência do reconhecimento jurídico, a do auto respeito e, por fim, na experiência da solidariedade, a da autoestima. (HONNETH, 2003, p. 272).

Sabendo da natureza humana e de seus interesses e necessidades pessoais, o conflito é algo inevitável nas relações. Portanto, os Círculos de Diálogos se apresentam como um recurso didático mediador e restaurador das relações interpessoais, apresentando a empatia e o saber conviver (PRANIS, 2011).

No ambiente escolar, as questões de conflitos e sua intensidade ocasionam o desinteresse do aluno, a falta de protagonismo, a evasão, maiores tensões e violências. Nesse sentido, a Comunicação Não-Violenta precisa ser desenvolvida em sala de aula. (ROSENBERG, 2006).

Analisando os Círculos de Diálogos como recurso pedagógico, dialogaremos com outros autores, tais como Pelizzoli (2016), Rabbani (2019), Freire (1987) e Dayrell (2007).

Logo, como professores do ensino da Sociologia, é importante debatermos o significado e a importância do diálogo em sala de aula, considerando, por exemplo, os ensinamentos de Paulo Freire (1987). Segundo ele, dialogar é confiar, e essa confiança só acontece através do amor, da humildade e da fé.

Nossa função como professores vai além da mediação de conteúdos, visto que temos que quebrar paradigmas, inserindo a Cultura de Paz nas escolas, “derrubando muros” e “construindo pontes” a partir de um novo olhar que busque compreender a “condição de ser jovem”, de ser agente comunicativo (DAYRELL, 2007, aspas minhas).

1.4 A RELEVÂNCIA DOS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS

A Sociologia é o estudo do agir e do comportamento social; ela nos leva a pensar e refletir sobre quem somos, bem como sobre os motivos pelos quais agimos. Giddens (2008) destaca que a Sociologia nos permite refletir num contexto mais abrangente, por meio da imaginação sociológica²², que nos incentiva a nos afastarmos do familiar para que possamos observar sob um olhar de “estranhamento” capaz de nos levar a descobertas de fenômenos sociais antes não percebidos.

22 Giddens (2008) refere-se ao conceito de Mills quando nos apresenta o conceito imaginação sociológica.

Investigar as relações e estruturas sociais, assim como refletir sobre comportamentos, modos de ver e agir no mundo, são questões que perpassam a Sociologia. Nesse sentido, como destaca Giddens (2008), temos que colocar de lado nossos valores pessoais e observar os fenômenos e suas influências de forma ampla e criteriosa, considerando nossa capacidade imaginativa e nos distanciando do senso comum ou de qualquer ideia pré-concebida.

Faz-se necessário, portanto, refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem e na comunicação entre professor e aluno por meio de práticas de Círculos de Diálogos como novas ferramentas pedagógicas para o ensino da Sociologia, o que possibilita trabalhar conteúdos como diversidade, juventudes, gênero, trabalho, cidadania e protagonismo em sala de aula, proporcionando, dessa forma, um apontamento de práticas de tolerância e de construção de vínculos entre alunos e entre professor e aluno.

O estudo da Sociologia nos dá a capacidade de pensar e agir de forma reflexiva através do autoconhecimento, o que torna possível, como aborda Elias (2008) em seu livro *Introdução à Sociologia*, que nossas ações e experiências sejam condicionantes para nosso aprendizado por meio da tradição, de algo vivido que passa a ser experimentado e, conseqüentemente, modificado ou até mesmo desconstruído.

As interconexões sociais como os medos, as crenças e as relações de poder, para Elias (2008), são fatores inerentes à nossa sociedade; eles nos impõem a tomada de consciência dos nossos modos de ação. Nesse sentido, os Círculos de Diálogos servirão não apenas como um recurso didático, mas como um recurso para essa autoconsciência dos alunos ao buscar o aprofundamento dos temas dos componentes da Sociologia.

A cultura da violência no Brasil é um problema que deve ser enfrentado com preocupação e atenção. Segundo estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, jovens com idade entre 15 e 29 anos são as maiores vítimas de homicídios. Em 2017, conforme pesquisa deste mesmo instituto, 35.783 jovens foram assassinados, sendo as regiões Norte e Nordeste as mais violentas.

De acordo com os dados apresentados, apontamos que os jovens menos providos de direitos são os da periferia, em situação de vulnerabilidade social e econômica, em sua maioria possuem baixa escolaridade e se identificam como negros e pardos. Partindo do recorte de gênero, os homens negros se tornam as maiores vítimas (BRASIL, 2019).

Quanto à situação do estado da Paraíba, as áreas mais violentas são as regiões do agreste e da zona da mata (litoral), com destaque para a capital do estado, João Pessoa. Um dos principais motivos contribui para os elevados índices de violência e, conseqüentemente, de assassinatos, segundo o Atlas da violência (BRASIL, 2019) é o

tráfico, com destaque para a rivalidade das várias facções como *Okaida*, Estados Unidos e PCC. Embora o estado paraibano tente conter a violência por meio do programa Paraíba Unida pela Paz, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o município de João Pessoa, no ano de 2017, teve uma taxa estimada em 313 homicídios para uma população de 811.598 (BRASIL, 2019)²³.

Podemos destacar, como efeitos do avanço da cultura da violência, a criminalidade, a disputa por território de tráfico, a violência policial, e a ausência de políticas públicas por parte do poder público, principalmente nas áreas de educação, cultura, esporte e lazer, direitos esses que, mesmo previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e no Estatuto da Juventude (2013), são cotidianamente negados.

Percebe-se que os conflitos são parte da nossa natureza e revelam-se nas nossas diferenças, nos nossos choques de interesses, nas necessidades individuais e através das emoções (PELIZZOLI, 2016).

A capacidade comunicativa, por meio das práticas de Círculos de Diálogos, está presente neste projeto de intervenção como recurso pedagógico, estabelecendo uma conexão com os conteúdos transmitidos em sala de aula no componente da Sociologia e no componente Projeto de Vida. Tal experiência pedagógica pode ser compreendida como uma oportunidade de articular conhecimento e vida cotidiana, propiciando espaços para ouvir as necessidades dos jovens, facilitar a partilha de suas emoções, identificar, e, quando necessário, mediar e tratar adequadamente os conflitos. Envolvendo a Comunicação Não-Violenta (ROSENBERG, 2006) por meio da convivência e da empatia (PRANIS, 2011), essa linguagem complexa e cheia de intersubjetividade também se mostra presente no conceito de agir comunicativo (HARBEMAS, 2004).

Na busca por essa compreensão, temos como ponto de partida não só a importância do agir comunicativo, mas também os Círculos de Diálogos envolvendo temas tratados nos dos livros de Sociologia do ensino médio. É possível abordar temas relativos a questões de gênero, juventudes e identidade, juventudes e trabalho, família e religião, os quais fazem parte do plano de curso do componente da Sociologia, favorecendo, a partir desses diálogos, a inclusão, o sentimento de pertencimento e a reparação de danos em casos de conflito.

23 Buscamos informar esses dados atualizados. No entanto, os números encontrados no Atlas da Violência (BRASIL, 2019) não oferecem dados referentes aos anos de 2020 e 2021, assim como também não se encontram disponíveis, no Relatório da Associação Nacional de Centros de Defesa da Criança e do Adolescente – ANCED/2020, dados do ano de 2020, sendo 2019 o ano que apresenta números mais atualizados.

A abordagem deste projeto de intervenção se faz necessária no ensino da Sociologia, já que os Círculos de Diálogos podem favorecer a possibilidade de uma intervenção indireta da escola no contexto social no qual está inserida. A aproximação entre professor e aluno, o interesse do aluno pelo aprendizado da Sociologia, seu protagonismo, assim como a mediação de conflitos, serão pontos considerados para o projeto.

Já a condição de ser jovem traduz, em si, a necessidade de interagir, de socializar, de estar em seu grupo, e de um sentimento de pertencimento e aceitação, no compartilhar das mesmas ideias, valores, culturas e experiências. Esses fatores se tornam possíveis e viáveis através da condução dos Círculos de Diálogos presentes nos conteúdos do ensino da Sociologia em sala de aula.

É nos diálogos desprendidos de qualquer tipo de hierarquia, juízo de valor ou preconceitos, que os jovens e alunos colocam em rodas de conversa suas necessidades, formas de compreender o mundo, frustrações, motivações e seus sonhos (projeto de vida).

Destacamos, ainda, que o Projeto de Vida está presente entre as dez competências gerais da educação básica apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Sobre o papel da escola com relação ao Projeto de Vida, a BNCC aponta que

(...) é papel da escola auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida. É, também, no ambiente escolar que os jovens podem experimentar, de forma mediada e intencional, as interações com o outro, com o mundo, e vislumbrar, na valorização da diversidade, oportunidades de crescimento para seu presente e futuro. (BRASIL, 2018, p. 473).

Conforme apresenta a BNCC, o projeto de vida é imprescindível para a vida do aluno e para o seu protagonismo, despertando o sentimento de liberdade, de autonomia, de consciência crítica e de responsabilidade, habilidades estas que podem ser problematizadas e dialogadas por meio da aplicação dos Círculos de Diálogos.

A relevância desse projeto de intervenção, no aspecto científico, se dá pela necessidade de vincular conhecimento acadêmico e vivência cotidiana do jovem como ator social. Logo, acreditamos que trabalhar com os Círculos de Diálogos e com debates que articulam temas já vistos em sala de aula nos permite fornecer ferramentas pedagógicas que podem aprimorar o aprofundamento dos conteúdos do componente de Sociologia.

Da mesma forma, na linha da herança teórica de Habermas, consideramos que abrir espaços de diálogo em sala de aula nos permite abrir uma agenda mais humanizada da política pública educacional e, sobretudo no campo das ciências sociais, nos habilita como instrumentos capazes de contribuir no combate: ao fenômeno da cultura de violência, da promoção de valores distorcidos e da disseminação da banalidade do mal (ARENDDT, 1999).

Quanto a sua relevância social, esse projeto de intervenção pedagógica buscou apresentar as práticas dos Círculos de Diálogos e sua contribuição para o aprofundamento dos estudos da Sociologia, utilizando os conteúdos dos livros didáticos, possibilitando, assim, melhor compreensão dos temas apontados por eles e, indo mais além, da compreensão dos conteúdos, pois são fortalecidos os vínculos entre alunos e professores por meio da convivência, da empatia e da Comunicação Não-Violenta.

Dessa forma, a inclusão, o sentimento de pertencimento, de relações sociais pautadas em valores, necessidades e respeito favorecem não apenas a relação professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem como também a compreensão da importância do ensino da Sociologia para suas vidas, e estimula a compreensão do referido componente a partir de vivências e experiências do mundo, a partir de suas próprias reflexões, pensando numa escola para além dos muros, numa perspectiva inovadora e transformadora de “derrubar muros” e “construir pontes” a partir de um novo olhar, no qual se busca o protagonismo e a compreensão da “condição de ser jovem” (DAYRELL, 2007).

2 INTERVENÇÃO: MEMÓRIAS E DESAFIOS NA IMPLANTAÇÃO DOS CÍRCULOS NO ENSINO REMOTO

2.1 AS EXPERIÊNCIAS COM CÍRCULOS NO MODO PRESENCIAL

A busca pelo conhecimento sobre a justiça restaurativa se deu a partir das experiências na socioeducação entre os anos de 2015 e 2016, quando vários atores sociais do município de João Pessoa, profissionais da socioeducação, do Ministério Público Federal, pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba e da rede de proteção à criança e ao adolescente se articularam em defesa de uma justiça pautada na reparação e na cura para a vítimas, tendo o ofensor a possibilidade de se colocar no lugar da vítima, num processo de conciliação entre ambos como uma forma mais adequada de se reparar o dano, propondo a segurança e a estabilidade das partes.

Esse novo paradigma de pensar a justiça sob um olhar restaurativo no campo da socioeducação se faz necessário e está em consonância com a Lei Federal 12.594/2012 (BRASIL, 2012), a qual propõe o princípio da justiça restaurativa. Com isso, vários atores da rede de proteção a crianças e adolescentes passaram a cobrar a efetivação dessa política de uma Cultura de Paz nas unidades socioeducativas de João Pessoa e em toda Paraíba, por meio das práticas restaurativas como Círculos de Diálogos, Círculos de Paz e Círculos de Resolução de Conflitos.

Os Círculos de Diálogos envolvem pessoas que, em suas individualidades, carregam necessidades, sentimentos, medos e anseios, o que exige uma preparação para a execução de um círculo. Além disso, a voluntariedade em participar do círculo precisa ser considerada. Pranis (2011) destaca que deve haver um planejamento dos pontos específicos, a exemplo de perguntas eficientes que gerem o diálogo buscando abordar os verdadeiros problemas, tendo como objetivo aplicar os círculos numa perspectiva de crescimento pessoal, autoconhecimento e autocuidado.

Sobre a importância da pergunta no processo de ensino aprendizagem, Paulo Freire e o filósofo Chileno Antonio Faundez criticam a realidade atual:

No ensino “esqueceram-se das perguntas, tanto o professor como o aluno esqueceram-nas, e no meu entender todo conhecimento começa pela pergunta. Começa pelo que você, Paulo, chama de *curiosidade*. Mas a curiosidade é uma pergunta! Tenho a impressão (e não sei se você concorda comigo) de que hoje o ensino, o saber, é resposta e não pergunta (FREIRE e FAUNDEZ, 1985, p.45).

Nesse sentido, Freire e Faundez quando dialogavam sobre uma pedagogia da pergunta, apontavam para a importância do conhecimento, do despertar da curiosidade do aluno.

Nessa perspectiva, Pranis (2011), nos apresenta um modelo de práticas de diálogos, que são os Círculos de Diálogos, onde são preparados a partir de um esboço contendo as seguintes etapas: boas-vindas; abertura; explicação aos participantes sobre a composição do centro e do objeto da palavra; objetivo do círculo; rodada de apresentação/*check-in*; valores/diretrizes; rodada de histórias; explorando os problemas; gerando planos para um futuro melhor; acordo; esclarecendo as expectativas; rodada de *check-out*; agradecimentos; fechamento.

É necessário compreendermos que esse processo não se conclui com o término do círculo, visto que não é um processo mecânico, e sim sistêmico, que muitas vezes exige momentos de pré-círculos e pós-círculos, dependendo do tema apresentado ou do nível do conflito. Havendo necessidade e voluntariedade dos participantes, os círculos são retomados e sempre acompanhados pela figura de um facilitador.

Pontuamos que o estado da Paraíba, ainda de forma tímida, apresenta interesse em promover a Cultura de Paz e os Círculos de Diálogos nas escolas públicas. Muitos professores da rede pública de ensino, de forma voluntária, têm participado de espaços de formação sobre o tema, principalmente no município de João Pessoa, através do NUPEDIA/Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do PUA/GEPASM/Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Dessa forma, os docentes vão se familiarizando sobre o tema e introduzindo na comunidade escolar práticas de Círculos de Diálogos.

Os Círculos de Diálogos realizados no período entre 2015 e 2016, durante o Projeto de Extensão (PROEXT) Diálogos e Articulações em prol de uma Justiça Juvenil, vinculado à Universidade Federal da Paraíba através do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e da Adolescência (NUPEDIA), tiveram sua execução em três cenários: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, João Pessoa-PB; o Conselho Tutelar do Valentina, em João Pessoa; e as Unidades Socioeducativas também situadas em João Pessoa. Os adolescentes e jovens com idades entre 12 e 21 anos, dos sexos masculino e feminino, foram o nosso público-alvo no processo de intervenção de práticas de Círculos de Diálogos e Círculos Restaurativos.

A princípio, apresentou-se uma abordagem teórica seguida de práticas restaurativas, como o estágio por meio de Círculos de Diálogos e Círculos de Resolução de Conflitos. Esses Círculos de Diálogos aplicados durante o estágio pretendiam

compreender quais as impressões dos jovens sobre suas necessidades e conflitos a respeito de temas transversais como juventudes, gênero, projeto de vida, confiança, direitos e deveres.

Destacamos como experiências e momentos de intervenção a realização de círculos nas Unidades Socioeducativa, na E.M.E.F. Antônio Santos Coelho Neto, João Pessoa-PB e no Conselho Tutelar do Valentina, em João Pessoa, nos períodos de junho a agosto de 2016 e de abril a maio de 2017, com os temas amizade e confiança; ser jovem: desafios e expectativas; e gênero.

Os Círculos de Diálogos e Círculos de Resolução de Conflitos foram realizados no município de João Pessoa-PB, em parceria com a Universidade Federal da Paraíba e o *Terre des Hommes Lausanne* no Brasil, nos anos de 2016 e 2017.

A aplicação destes Círculos de Diálogos e Círculos de Resolução de Conflitos realizados na socioeducação, no Conselho Tutelar e numa escola pública do município de João Pessoa, foram experiências enriquecedoras, pois, na teoria, durante o curso, conhecíamos as ferramentas e os elementos da justiça restaurativa (autor, vítima, comunidade, reparação do dano, responsabilização); no entanto, na prática, compreendemos que a conexão, a empatia e a voluntariedade são elementos percebidos em cada encontro e de formas sempre diferentes. Cada encontro, cada caso, cada sentimento e necessidade apresentados pelos participantes dos círculos são mediados pelo facilitador com atenção e respeito à história de vida de cada participante do diálogo, sem juízo de valor, buscando sempre reparar o dano ou mediar um conflito pelo qual todos os participantes do círculo se sintam contemplados, tendo suas necessidades compreendidas e respeitadas.

Dentre os vários objetivos concernentes às práticas de Círculos de Diálogos aqui já realizadas, podemos citar como principais: a) a reflexão a respeito da vida e da responsabilidade; b) Os Círculos de Diálogos como recurso importante numa proposta de agir comunicativo e entendimento mútuo; c) a promoção do protagonismo e do fortalecimento de vínculos.

Essas práticas surgem como um novo modelo de responsabilização a partir de um viés restaurativo, rejeitando qualquer tipo de prática punitiva. Podemos perceber que essas novas práticas possibilitaram adolescentes/jovens a não só repararem o dano, como também a perceberem a mediação do conflito como um meio de restaurar vínculos.

Tais experiências servem como recurso pedagógico para as escolas e para o ensino da Sociologia, visando os jovens como protagonistas de fato, na perspectiva de se

trabalhar o projeto de vida, tema este presente no currículo das Escolas Cidadãs Integrais do estado da Paraíba.

O componente projeto de vida, que constar no currículo das escolas públicas do estado paraibano como componente obrigatório, pouco se alinha a realidade das histórias de vida dos jovens, de sua comunidade, de suas diversidades, pluralidades, de sua real condição de ser jovem. A abordagem do protagonismo no componente do projeto de vida, é pautado num modelo de empreendedorismo e de competitividade, algo que não agrega, e que não é assertivo, quando pensamos na inclusão, indo em contra ao que propõe um dos quatro pilares da educação, “saber conviver”.

Destacamos, ainda, que esses Círculos de Diálogos como recurso pedagógico se amparam nos princípios da dignidade humana, do respeito, da tolerância, da cultura de paz, e pregam uma Comunicação Não-Violenta, visto que estão respaldados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Os Círculos de Diálogos podem ser determinantes na formação dos alunos nas disciplinas de Ciências Sociais por serem um recurso didático que desperta nos alunos a comunicação ativa, aberta e inclusiva, possibilitando que eles assimilem de forma mais eficiente os conceitos de Sociologia.

Trata-se de mostrar que o despertar do pensamento ativo, reflexivo e sociológico se dá por meio do diálogo, que precisa de métodos capazes de transmitir conexão e empatia, transcendendo nos alunos e professores o sentimento de solidariedade e amor, pontos apresentados pelo modelo de educação transformadora defendida por vários autores, como Paulo Freire e José Pacheco.

2.2 A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: SOB A PERSPECTIVA DA BNCC

A Sociologia enquanto componente escolar está inserida no currículo do ensino médio desde 2008. Até o presente momento, o processo de ensino-aprendizagem em Sociologia tem sido transformado por reformas curriculares que se sucederam ao longo da história da educação brasileira.

Tendo em vista o cenário atual, o papel da BNCC ganha destaque na reorganização dos currículos dos sistemas de ensino, os quais trazem, tanto para a Sociologia no ensino médio quanto para os demais componentes, novos elementos teóricos e, sobretudo, metodológicos.

No Brasil, temos como marco legal da educação a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Federal n. 9.394/1996 (BRASIL, 1996), que rege e regulamenta toda educação e todo ensino, nas três esferas da administração e nas diversas etapas da educação básica. É importante destacar que a LDB atualizada já contempla a BNCC. Em seu Art. 35, por exemplo, descreve as quatro áreas de conhecimento:

A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas (BRASIL, 2020, p. 26).

A BNCC foi aprovada no ano de 2017 para as etapas da educação infantil e do ensino fundamental, e em 2018 para a etapa do ensino médio. Na etapa do ensino médio, a BNCC distingue quatro áreas do conhecimento, a saber: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, estão os componentes: Geografia, História, Sociologia e Filosofia.

É pertinente frisar que a BNCC apresenta dez competências gerais da educação básica, sendo uma delas o Projeto de Vida. Sobre o papel da escola com relação ao Projeto de Vida, a BNCC aponta que

[...] é papel da escola auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida. É, também, no ambiente escolar que os jovens podem experimentar, de forma mediada e intencional, as interações com o outro, com o mundo, e vislumbrar, na valorização da diversidade, oportunidades de crescimento para seu presente e futuro. (BRASIL, 2018, p, 473).

A ênfase dada ao Projeto de Vida na BNCC reflete a intenção do documento de orientar os currículos escolares em prol de uma atuação protagonista do estudante, para que este possa participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. O Projeto de Vida visa, assim, a uma formação integral dos alunos, isto é, uma formação ampla que contempla não só as demandas solicitadas na formação escolar, mas também no exercício cidadão.

O ensino médio no contexto da educação básica apresenta um bloco de seis competências específicas para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, na qual a Sociologia se encontra. Não há um direcionamento específico para um componente,

mas sim a intenção de promover competências gerais numa perspectiva interdisciplinar. Neste sentido, pode-se associar a Sociologia de modo particular à orientação para uma abordagem mais abrangente, que contemple aspectos sociais, políticos, econômicos, ambientais e culturais que compõem as relações sociais, os mais complexos fenômenos sociais, hábitos, costumes, e conflitos que envolvem interesses individuais e coletivos.

A implementação da BNCC e a forma como ela tem influenciado os currículos escolares levanta a necessidade, por parte do professor, de conhecer este documento e seus desdobramentos diretos e indiretos, aparentes e ocultos. Isso envolve a adoção de uma postura crítica capaz de analisar de que forma o ensino de Sociologia e a educação escolar como um todo têm sido impactados por este documento.

Importante destacarmos que a BNCC, foi implementado no ano de 2017, ano em que a reforma trabalhista também foi estava sendo aprovada, todo esse emaranhado, já apontava para a precariedade e instabilidade do trabalhador assalariado, e do mesmo modo, interferindo também nas escolas públicas, prejudicando o sistema educacional como um todo, em seu princípio de universalidade (gratuita e de qualidade). A BNCC foi um documento construído de forma pouco debatida nos Estados e municípios, e que não sabíamos de fato, qual seria a real reforma do ensino médio.

Faz-se necessário refletir de forma crítica, que a BNCC, não apresenta as quatro áreas do conhecimento (Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da natureza e suas tecnologias e Ciências humanas e sociais aplicadas) de forma equânime, nesse caso a área de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em seus Componentes (Geografia, História, Sociologia e Filosofia), tem sido uma das mais afetadas, visto que, o direcionamento da BNCC favorece as áreas das Linguagens e suas tecnologias, e da Matemática e suas tecnologias, optando pelo currículo “flexível”, o que relativamente deixa a critério dos Estados e Municípios, decidirem sobre o destino das outras áreas no currículo escolar. Nesse sentido, a luta pela permanência do Componente da Sociologia, tem sido importante e necessária.

É sabido que a interdisciplinaridade, quando não leva em conta as especificações de cada Componente, perde o sentido e não promove uma interação satisfatória entre os diferentes campos do saber. A BNCC é um documento complexo e alicerçado sobre muitos interesses, entre eles, atender as necessidades do mercado, em detrimento de uma escola pública gratuita e de qualidade. Torna-se necessário estarmos atentos aos seus objetivos teoricamente propostos e a forma como eles se realizam na prática em escolas permeadas de contradições. Isso requer dos Professores de Sociologia uma preocupação particular com o futuro deste Componente em meio a esse viés

“interdisciplinar”, que põe em risco as especificidade e importância do conhecimento sociológico no currículo escolar.

2.3 O ESPAÇO ESCOLA FAC

Com relação à localização geográfica, a Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisca Ascensão Cunha (FAC) está situada no Bairro dos Bancários, no município de João Pessoa-PB.

Figura 1- Comunidade do Timbó



24

Fonte: PARAÍBA, 2021 .

A comunidade do Timbó, local onde reside a maioria dos alunos da FAC, divide-se em dois espaços: Timbó de Cima ou Timbó I, no qual está localizado o Bairro dos Bancários, e Timbó de Baixo ou Timbó II, área de várzea com trechos de terraços fluviais do rio Timbó.

A Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisca Ascensão Cunha (FAC), conforme seu Projeto Político-Pedagógico (PPP) (2020), atende atualmente a um público em sua maioria oriundo da comunidade do Timbó (76,9% dos estudantes se identificam como moradores da comunidade). Por sua vez, apenas 15% dos estudantes moram no Bairro dos Bancários. Os educandos que frequentam a FAC encontram-se, em grande parte, em situação de vulnerabilidade social e econômica.

A escola foi inaugurada no dia 06 de abril de 1984, durante o regime militar, na gestão do Governador Wilson Leite Braga. O nome da instituição faz homenagem à tia-avó do político Ronaldo Cunha Lima.

Figura 2 - Escola campo do estágio



25

Fonte: Google, 2021.

Em 2018, a escola passou por uma reforma estrutural e organizacional, e adotou o modelo das escolas cidadãs integrais da Paraíba, passando a atender pelo nome de Escola Cidadã Integral de Ensino Fundamental e Médio Francisca Ascensão Cunha. A instituição passou a abrigar as turmas do Ensino Médio em regime integral – manhã e tarde – e as turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite.

A FAC tem realizado as aulas remotas semanalmente às terças-feiras, no turno da tarde, por meio da plataforma *Google Meet*, com todos os componentes da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, entre eles o componente da Sociologia. Os alunos do ensino médio, mais precisamente do 2º Ano, são o público colaborativo do nosso projeto de intervenção.

Um dos grandes desafios do ensino remoto na escola é manter o engajamento e a frequência dos alunos nas aulas. A Escola FAC, segundo o diagnóstico apontado no PPP da Escola, temos dois perfis de alunos que são bem diferentes; um perfil é o de classe média; e o outro de alunos em situação de vulnerabilidade econômica e social. Logo, fazer com que todos os estudantes participem das atividades, de forma assídua, pelo que percebemos durante a pesquisa, tem sido um grande desafio para a comunidade escolar.

As possibilidades de trabalhar os temas da Sociologia utilizando os Círculos de Diálogos como recurso didático, considerando o modelo de aula remota, como o próprio chão da escola, sendo o maior desafio desse projeto de intervenção pedagógica, sendo necessário utilizarmos vários recursos tecnológicos a favor do projeto, apresentando vídeos, *slides*, músicas, *charges* e mapas mentais como estratégias metodológicas para trabalhar de forma lúdica, dialógica e participativa, visando a promover a conexão com o tema e com os colaboradores da intervenção, isto é, alunos e professores.

2.4 O ENSINO REMOTO E A NOVA E COMPLEXA REALIDADE DAS ESCOLAS

A Educação a Distância no Brasil é uma modalidade de ensino já conhecida, que vem ganhando cada vez mais espaço nas instituições, principalmente as pertencentes à rede privada. Desta maneira, a EAD, embora apresente alguns aspectos em comum com o ensino remoto, consiste em uma modalidade diferente, assentada sobre uma estrutura já consolidada.

Acerca dessa modalidade de Educação a Distância, Alves faz a seguinte afirmação:

A modalidade de Educação a Distância cresce no Brasil a partir dos anos 2000 (BRASIL, 1996), mas sem garantir a qualidade do processo de ensino aprendizagem, mesmo 20 anos depois. A perspectiva ainda caracteriza uma prática fordista, com baixo nível de interatividade nas atividades e estratégias pedagógicas, centrando-se na leitura dos pdfs e discussão nos fóruns de forma aligeiradas e no último momento, antes das atividades encerrarem (ALVES, 2020, p. 357).

Nos anos de 2020 e 2021, países do mundo todo, instituições de ensino, pais, estudantes, professores e toda comunidade escolar tiveram que se adaptar às normas de segurança impostas pela pandemia de Covid-19. Diante dessa situação, o mundo inteiro promoveu campanhas que garantissem a continuidade das aulas, como corrobora Alves:

Diante do atual contexto, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) reúne organizações internacionais governamentais e privadas na tentativa de juntos buscar alternativas para garantir a continuidade do processo de aprendizagem, por meio da Coalizão #AprendizagemNuncaPara (ALVES, 2020, p. 359).

A pandemia de Covid-19 trouxe desdobramentos para a educação que, de forma mais notória, se manifestaram na emergência de um novo modelo de ensino, o chamado

ensino remoto. Ele tem sido antes de tudo, desafiador para todos os sujeitos envolvidos na educação escolar.

Sobre a modalidade de ensino remoto, Alves (2020) pontua que se trata de uma nova configuração do processo de ensino-aprendizagem na qual práticas pedagógicas passam a ser mediadas por plataformas digitais que viabilizam atividades síncronas e assíncronas.

Nesta direção, o autor acrescenta que

Na educação remota predomina uma adaptação temporária das metodologias utilizadas no regime presencial, com as aulas, sendo realizadas nos mesmos horários e com os professores responsáveis pelas disciplinas dos cursos presenciais. (ALVES, 2020, p. 358).

Há muitos desafios neste novo cenário vivido pela educação escolar, entre eles, aquele que tem sido um dos mais impactantes: a dificuldade para a participação dos alunos nas plataformas digitais utilizadas na construção do processo de ensino-aprendizagem. O perfil dos alunos da rede pública de ensino, em sua maioria, é de sujeitos imersos em realidades sociais marcadas por contradições e desigualdades econômicas.

Em relação aos desafios enfrentados no ensino remoto, Saviani e Galvão (2021) alertam que

O “ensino” remoto é empobrecido não apenas porque há uma “frieza” entre os participantes de uma atividade síncrona, dificultada pelas questões tecnológicas. Seu esvaziamento se expressa na impossibilidade de se realizar um trabalho pedagógico sério com o aprofundamento dos conteúdos de ensino, uma vez que essa modalidade não comporta aulas que se valham de diferentes formas de abordagem e que tenham professores e alunos com os mesmos espaços, tempos e compartilhamentos da educação presencial (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 42).

A falácia do “ensino” remoto apresentada por Saviani e Galvão (2021) destaca graves problemas no processo de ensino-aprendizagem, visto que prejudica tanto a aprendizagem do aluno quanto as propostas didático/metodológicas do professor:

[...] ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas. Do lado dos alunos, estes supostamente passam a ser “autônomos” e vão em busca do próprio conhecimento, assoberbados com a multiplicação de leituras, vídeos, *podcasts*, webinários etc. (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 42).

A necessidade da continuidade dos estudos por meio do ensino remoto expõe e escancara a precariedade do ensino, principalmente do ensino público, visto que os alunos têm dificuldades de acesso por conta das desigualdades.

Sobre um posicionamento com relação ao ensino remoto nos tempos de pandemia, Saviani e Galvão (2021) defendem o seguinte:

Nesse sentido, não cabe acatar, mesmo que “temporariamente” ou “emergencialmente”, nenhum tipo de “ensino” remoto/virtual/não presencial e afins. Até porque sabemos que o discurso da excepcionalidade serve bem aos interesses de ampliação da Educação a Distância. (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 45).

Mais uma vez, a falácia do “ensino” remoto apresentada pelos autores evidencia as armadilhas e os interesses do mercado, que promove a seletividade, a exclusão, o rebaixamento do nível escolar e, conseqüentemente a evasão, sobretudo na vida dos alunos em situação de vulnerabilidade social e econômica.

3 OS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS NO ENSINO REMOTO

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Este projeto de intervenção pedagógica buscou responder à seguinte inquietação: será que os temas tratados em sala de aula e nos livros didáticos de Sociologia podem ser abordados de forma dialógica e participativa por meio dos Círculos de Diálogos?

Os livros didáticos trabalhados durante o primeiro bimestre de 2021, por meio deste projeto de intervenção, foram Sociologia em movimento (SILVA et al., 2016), capítulo 06 (Poder, Política e Estado, p. 136-168), e Sociologia Volume Único (ARAÚJO, 2016), capítulo 08 (Cidadania, Política e Estado, p. 229-261). Dado o tema Cidadania, Política e Estado, buscou-se elaborar os planos de aulas inserindo a proposta dos Círculos de Diálogos como recurso didático.

Assim, tínhamos como questão problematizadora: será possível adotarmos um modelo de educação transformadora, que dá voz aos jovens para que expressem as realidades vividas e suas necessidades, refletindo sobre o tema Cidadania e trazendo a abordagem sociológica através de práticas de Círculos de Diálogos?

Sobre a necessidade do diálogo e de perceber a realidade do espaço escolar, Freire (1987) reprovava o modelo de educação bancária, ainda tão presente nas escolas atuais, no qual o professor é o detentor do conhecimento, tendo o seu papel resumido a depositar conhecimento para o aluno, supondo que este não tem conhecimento algum. A educação bancária silencia a fala do aluno, assim como sua capacidade de dialogar a respeito da vida e de seus conhecimentos.

Contrapondo esse modelo, Freire (2007) nos apresenta um modelo de educação problematizadora, que problematiza os conteúdos, problematiza a realidade, e problematiza o próprio currículo escolar.

A educação problematizadora é dialógica, horizontal, libertadora e desperta a consciência crítica do aluno. Nesse processo de aprendizado, contemplando os conhecimentos que os próprios alunos trazem para a prática educativa, o professor se torna mediador/a do processo dialógico e incentiva o aluno a desenvolver sua capacidade de sentir, refletir e agir.

Com relação ao campo de nosso projeto de intervenção, a Escola Estadual Cidadã Integral Técnica Francisca Ascensão Cunha, conhecida como FAC, não houve resistências ou estranhamentos por parte da direção da escola ou por parte dos professores que lecionam os componentes de Sociologia e História, nem mesmo na

execução do projeto, que tinha como objetivo apresentar os Círculos de Diálogos como recurso didático, muito embora algumas escolas apresentem resistência em adotar práticas de Círculos de Diálogos, por desconhecerem, por ignorarem ou negarem que a cultura da violência está presente também no espaço escolar, e por não perceberem nos círculos de diálogos, um recurso importante, para trabalhar os conteúdos em sala de aula.

Sobre a execução do projeto de intervenção pedagógica, podemos citar como problemas para a sua realização a onda fascista e a cultura de violência, fatores externos e internos que estão presentes também nos territórios da comunidade escolar e, muitas vezes, sendo reproduzidos em nossas falas.

Além disso, outro fator-problema que pegou a todos de surpresa foi a questão da pandemia da Covid-19 que, desde março de 2020 até os dias atuais, deixou o mundo, incluindo a população brasileira, em estado de alerta e de isolamento social. Sendo assim, a execução do nosso projeto de intervenção só foi possível por meio de aulas remotas.

A execução da intervenção pedagógica buscava, a cada encontro realizado, apresentar o tema do livro didático e, ao mesmo tempo, provocar o diálogo por meio de levantamento dos sentimentos e necessidades, pontos importantes das técnicas da comunicação não-violenta, tais como: sobre os sentimentos, sempre iniciávamos as atividades perguntando aos alunos como eles estavam se sentindo naquele dia, naquele momento da aula; também perguntávamos sobre suas necessidades em relação ao tema apresentado na aula – qual a minha necessidade quando pensamos em cidadania?, por exemplo. Essas perguntas, durante os encontros, geravam o diálogo reflexivo, a participação e a aproximação entre os alunos e o tema.

A cada encontro, buscávamos sempre analisar a participação dos alunos, pois o interesse pelos temas apresentados desenvolvia-se através da evolução deles em relação ao seu protagonismo e aos sentimentos de pertencimento, de responsabilidade e de empatia. A intenção era incentivar os alunos por meio dos Círculos de Diálogos, a reflexão e a compreensão de sua condição de ser jovens. Essa condição, descrita por Dayrell (2007), muitas vezes é mais distante do que a escola pode enxergar.

Apresentaremos a seguir um quadro das atividades realizadas durante o primeiro bimestre, no período de 13 de abril de 2021 a 14 de maio de 2021, com o total de 10 (dez) aulas, sendo 06 (seis) aulas no componente da Sociologia às terças-feiras, 02 (dois) encontros durante as aulas do professor de História, e 02 (dois) encontros às sextas-feiras com o Projeto de Vida, componente ministrado pela professora de Sociologia Rosa

Maria. Cada aula teve duração de 50 minutos sendo que, na maioria das vezes, utilizávamos todo esse tempo para a execução do projeto de intervenção pedagógica.

3.2 PLANEJAMENTO DAS AULAS

Os encontros aconteceram por meio de aulas remotas, através do aplicativo *Google Meet*, com os alunos do 2º ano. O tema central das atividades foi Cidadania, Política e Estado, com apoio do livro didático e adaptação do tema às práticas de Círculos de Diálogos. Também fizemos uso de ferramentas tecnológicas de comunicação e didática remota, com metodologias ativas e habilidades cooperativas no ambiente virtual.

Abaixo, temos o quadro das aulas e a síntese da execução dos Círculos de Diálogos:

Tabela 3 - Execução dos Círculos de Diálogos

Aula	Data/Hora/Componente	Tema/Objetivo/Conteúdo
Fase Exploratória	Data: 17/03/2021 Hora: 13:30 Componente: Sociologia.	Primeiro encontro virtual, conhecendo as turmas do 1º, 2º e 3º anos e analisando os temas trabalhados no componente da Sociologia.
1ª Aula: Sociologia	Data: 13/04/2021 Hora: 13:30 Componente: Sociologia.	Tema: Cidadania é uma conquista. Objetivos: Despertar, por meio dos círculos de diálogos, quais as necessidades dos alunos quando pensamos em cidadania. Conteúdos: Cidadania e conquistas; direitos e deveres; participação cidadã.
2ª Aula: Sociologia	Data: 20/04/2021 Hora: 13:30 Componente: Sociologia.	Tema: Direitos e Deveres. Objetivos: Compreender, por meio dos círculos de diálogos, o que são direitos e deveres. Conteúdos: Direitos e deveres; participação cidadã; círculos de diálogos.
3ª Aula: Sociologia	Data: 30/04/2021 Hora: 13:30 Componente: Sociologia.	Tema: Direitos e Deveres. Objetivos: Compreender, por meio dos círculos de diálogos, o que são Direitos e Deveres. Conteúdos: Compreendendo como funcionam as Leis, a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto da Juventude. Direitos e Deveres.

4ª Aula: Sociologia	Data: 04/05/2021 Hora: 13:30 Componente: Sociologia.	Tema: Cidadania e Direitos Humanos Objetivos: Compreender, por meio dos círculos de diálogos, os conceitos de respeito, justiça e igualdade. Conteúdos: Cidadania e direitos humanos; respeito; justiça; igualdade.
5ª Aula: Sociologia	Data: 04/05/2021 Hora: 16h Componente: Sociologia (aula cedida pelo professor de História).	Tema: Cidadania, Participação e Diálogos Juvenis Objetivos: Compreender, a partir do olhar dos jovens, conceitos sobre liberdade de expressão. Conteúdos: Liberdade de expressão; direito de ir e vir.
6ª Aula: Sociologia	Data: 11/05/2021 Hora: 13:30 Componente: Sociologia.	Tema: Cidadania, Participação e Diálogos Juvenis. Objetivos: Compreender, a partir do olhar dos jovens, conceitos sobre liberdade de expressão. Conteúdos: Liberdade de expressão; direito de ir e vir.
7ª Aula: Sociologia	Data: 11/05/2021 Hora: 16h Componente: Sociologia (aula cedida pelo professor de História).	Tema: Políticas Públicas. Objetivos: Compreender, por meio dos círculos de diálogos, o que são políticas públicas. Conteúdos: Vontade coletiva; bem estar; propostas e programas partidários (planos de governo); políticas públicas em várias áreas específicas.
8ª Aula: Sociologia	Data: 14/05/2021 Hora: 13:30 Componente: Sociologia.	Tema: Avaliação dos nossos encontros sobre cidadania em círculos de diálogos. Objetivos: Avaliar se os alunos compreenderam e aprovaram ver os conteúdos de Sociologia serem apresentados em forma de diálogos. Conteúdos: Cidadania; diálogo; liberdade de expressão; protagonismo.
9ª Aula: Projeto de Vida	Data: 23/04/2021 Hora: 13:30 Componente: Projeto de Vida.	Tema: Sonhos e projeto de vida Objetivos: Trabalhar com os alunos por meio do diálogo, expectativas, sonhos e realidade. Conteúdos: Projeto de vida; sonhos; planejamento e objetivos.

10ª Aula: Projeto de Vida	Data: 14/05/2021 Hora: 14:20 Componente: Projeto de Vida (aula com alunos do 1º Ano).	Tema: O que é ser jovem? Objetivos: Trabalhar de forma reflexiva e dialógica com os alunos sobre a condição de ser jovem. Conteúdos: juventudes; projeto de vida.
---------------------------------	--	--

Fonte: Registro dos planos de aulas e execução do projeto, 2021.

Os planos de aulas, que constam no apêndice deste trabalho, tinham como objetivo trabalhar os temas da Sociologia por meio dos Círculos de Diálogos. Sendo assim, de acordo com o que rege a BNCC, buscamos inserir neles as competências e habilidades²⁶ mais próximas do nosso objetivo.

Tendo o ensino médio as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e, especificamente, o componente da Sociologia, destacamos nos planos de aulas a competência 06 (BNCC), que aponta como conceitos e procedimentos “Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade”.

Com relação às Habilidades, foi considerado o código EM13CHS606; ele, segundo a BNCC, aponta para práticas cognitivas e socioemocionais que pretendam “(...) construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia” (BNCC, 2018, p. 579).

Os recursos utilizados para a execução do projeto de intervenção pedagógica, além do livro didático, foram as ferramentas tecnológicas de comunicação e didática remota (computador, celular, a plataforma *Google Meet*, aplicativos como o *Mentimeter*, uso de *charges*, vídeos, músicas e animações pelo *Youtube*, e apresentações no *Power Point*.

Com relação à avaliação das aulas, por ser um projeto de intervenção pedagógica, não utilizamos critérios avaliativos, respeitando o princípio da voluntariedade na participação dos círculos. No entanto, a presença e a colaboração dos alunos eram bastante participativas, permitindo que, sempre ao final de cada encontro, fizéssemos uma avaliação sobre o tema apresentado durante os Círculos de Diálogos.

²⁶ Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos) e habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais) (BNCC, p. 8, 2017).

Além dos livros didáticos *Sociologia em Movimento* (SILVA et al., 2016) e *Sociologia Volume Único* (ARAÚJO, 2016), outras referências utilizadas durante os Círculos de Diálogos foram o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (BRASIL, 1990), o *Estatuto da Juventude* (BRASIL, 2013) e a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

3.3 METODOLOGIA DAS AULAS: PERCURSO E EXPERIÊNCIAS

Como se sabe, o professor estuda e se prepara para planejar uma aula pensando na aprendizagem e na integração entre aluno e tema. Nosso desafio na preparação de cada plano de aula levou em consideração outras questões além de fomentar a aproximação do tema Cidadania, Política e Estado com os conhecimentos prévios do aluno e do cuidado para promover a conexão e o diálogo, já que, desde o início do nosso projeto de intervenção pedagógica, tínhamos como objetivo utilizar os Círculos de Diálogos como recurso didático para aprofundar os temas da Sociologia.

Sendo assim, a busca por fazer da aula virtual um espaço de vivências, de diálogos, de partilhas, de conhecimento e de reflexividade foi o principal propósito do projeto. Com isso, estudos prévios sobre o tema cidadania foram de suma importância, assim como o estudo do diagnóstico dos alunos – a saber: quem são os alunos? – como marcador importante para planejar e ministrar as aulas.

Sobre o tema cidadania, foram consultados dois livros didáticos: *Sociologia em movimento* (SILVA et al., 2016) e *Sociologia Volume Único* (ARAÚJO, 2016), sendo o primeiro adotado pela escola. Isso não descarta a importância do segundo, que também serviu para consulta e preparação das aulas.

Apresentando o conceito de cidadania, o livro *Sociologia Volume Único*, de Araújo (2016), diz que

Cidadania é fruto da conquista de direitos e um mecanismo para tornar as sociedades mais igualitárias. A cidadania se relaciona, portanto, com o princípio de igualdade e com ampliação da democracia e o respeito a direitos na sociedade. (ARAÚJO, 2016, p. 230).

Iniciamos a primeira aula com o tema central dos diálogos, qual seja, cidadania. A sequência dos planos das aulas seguintes era elaborada de acordo com questões apresentadas pelos alunos, e não necessariamente pautada na progressão indicada pelo livro didático. Sobre isso, Pranis (2011, p. 51) aponta que “Em um grupo de círculo continuado, os valores e diretrizes gerados no primeiro círculo continuam os mesmos nos

círculos subsequentes. É aconselhável chamar a atenção para os valores e diretrizes originais de alguma forma”.

Não era um conteúdo rígido e sem flexibilidade que queríamos propor; prezávamos por compreender as necessidades dos alunos, fazendo a correlação com o tema da aula gerando, dentro do projeto de intervenção pedagógica, o entendimento mútuo. Isso aconteceu a cada encontro com os alunos, a cada Círculo de Diálogo, por meio da ação e da participação, confirmando o que Habermas (2004) conceitua como o agir comunicativo.

3.4 AS AULAS DE SOCIOLOGIA

1ª Aula: O tema abordado foi: Cidadania é uma conquista, com o objetivo de despertar, por meio dos Círculos de Diálogos, quais as necessidades dos alunos quando pensam em cidadania. Buscamos motivá-los para o diálogo sobre cidadania e conquistas, direitos e deveres, e participação cidadã. No primeiro momento, demos as boas-vindas aos alunos, agradecendo a participação e voluntariedade deles na colaboração do projeto de intervenção.

Foi explicada, na proposta do projeto de intervenção, a importância deles como colaboradores e o significado dos Círculos de Diálogos utilizando os temas trabalhados nos componentes da Sociologia.

Nas práticas de Círculos de Diálogos, no modo presencial, sempre começamos o diálogo com as boas-vindas, apresentando o objetivo do encontro e fazendo uma rodada de apresentação. Já no modo remoto, fomos adequando a proposta presencial a esta nova modalidade por meio do *chat* e do microfone, além da utilização de *emojis*.

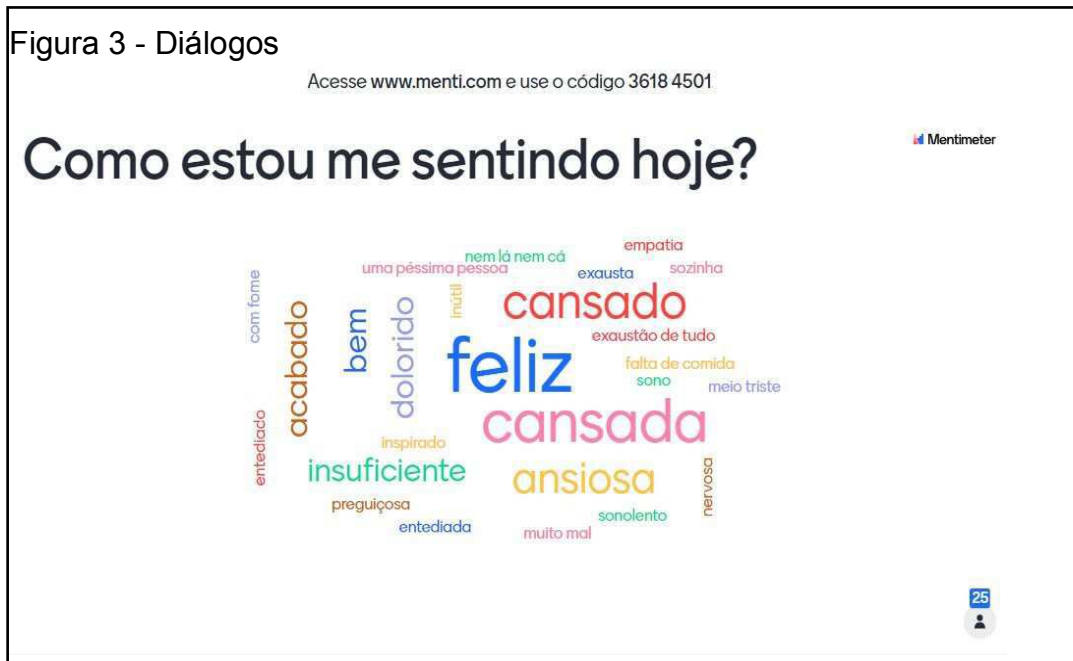
A cerimônia de abertura²⁷ aconteceu por meio de mapas mentais, através do aplicativo *Mentimeter*. Essa ferramenta possibilitou a interação com os alunos, já que dialogávamos em tempo real lançando perguntas através dela. Liberávamos o código de acesso ao aplicativo para a participação deles, que não tiveram problemas em se adaptar à tecnologia utilizada.

Nos primeiros encontros, os alunos já colaboravam uns com os outros, compartilhando o *link* do aplicativo por meio do *chat* do *Google Meet*, situação que facilitou o processo do projeto de intervenção pedagógica. Ademais, utilizamos o

27 Segundo Pranis, a cerimônia de abertura tem como objetivo ajudar os participantes a centra-se, lembrar dos valores centrais, livrar as energias negativas, encorajar e honrar a presença de cada um ali. (PRANIS, 2011, p. 31).

Mentimeter na função de chuva de ideias como meio para facilitar os diálogos diante das perguntas geradoras dos temas trabalhados em aula, remetendo-nos ao modo presencial.

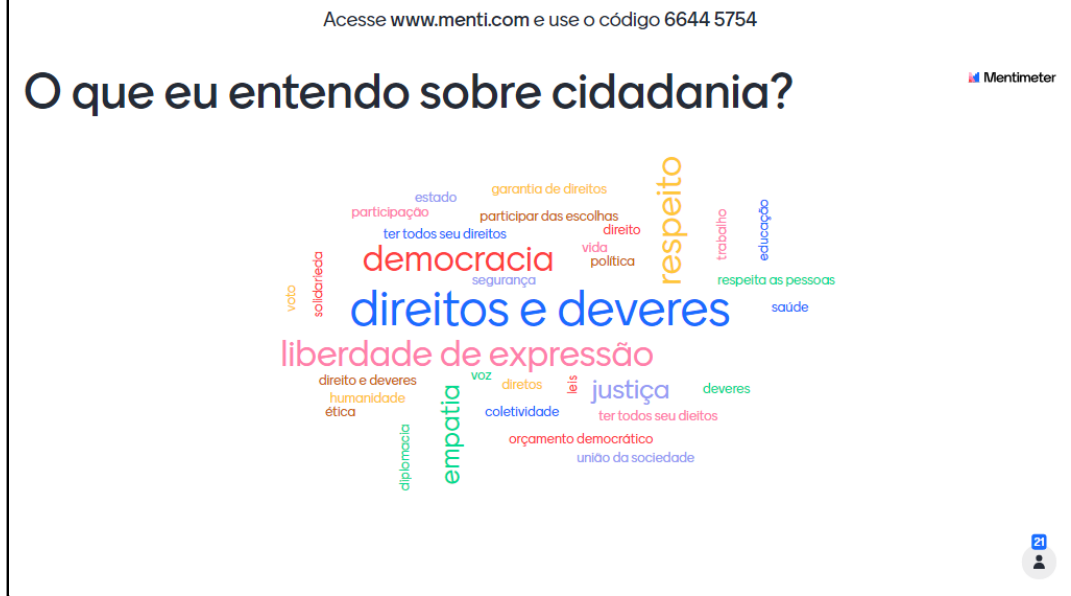
As primeiras perguntas para a cerimônia de abertura foram direcionadas a saber como os alunos estavam se sentindo, seus sentimentos e suas incertezas diante das dificuldades do ensino remoto e da própria pandemia. As respostas foram expressas no diálogo e em palavras como “cansado”, “sozinho”, “ansiosa”; eram sentimentos notadamente presentes nos diálogos, como podemos ver na figura a seguir:



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

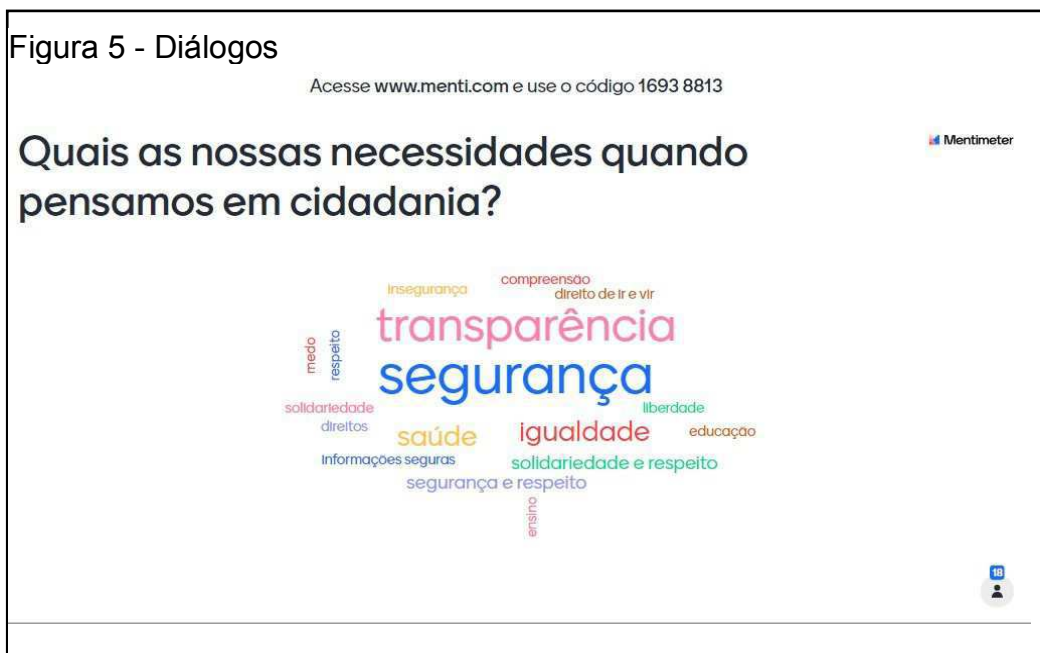
Após a cerimônia de abertura nesse processo dialógico, perguntamos aos alunos o que eles entendiam sobre cidadania por meio de uma chuva de ideias elaborada também pelo *Mentimeter*, a qual eles conceituaram como “participar de escolhas”, “democracia”, “direitos e deveres”, “liberdade e expressão”, “respeito”, “justiça” e outras categorias que, para os alunos, expressavam o seu entendimento sobre o tema, conforme percebemos nas figuras e suas interpretações abaixo:

Figura 4 - Diálogos



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

Sobre *necessidades*,²⁸ vinculada ao conceito de cidadania, os alunos destacaram “a necessidade de se ter segurança”, “transparência”, “igualdade”, “saúde” e “solidariedade e respeito”, conforme a figura a seguir:



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

²⁸ O termo necessidade é muito utilizado na comunicação não-violenta. Para Rosenberg (2006), temos que perceber nossos próprios sentimentos e necessidades. Todo processo de diálogo pautado na comunicação não-violenta segue em torno da observação, do sentimento, da necessidade e do pedido, presentes no processo dialógico.

Todo o diálogo da aula em torno do tema cidadania trouxe discussões sobre a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente. Quando uma aluna, diante do tema, usou o microfone e apresentou suas reflexões, fez a seguinte colocação: “os direitos e deveres estão na Lei, mas a gente não vê isso no dia a dia” (aluna).

Os discentes destacaram ainda que suas necessidades, quando pensadas enquanto cidadania, estão ligadas à segurança. Percebemos que essa carência estava vinculada aos sentimentos de medo e insegurança, algo natural da juventude, mas que foram potencializados pelo momento da pandemia, pela situação mundial, e pela insegurança governamental e ausência de políticas públicas na atual conjuntura brasileira.

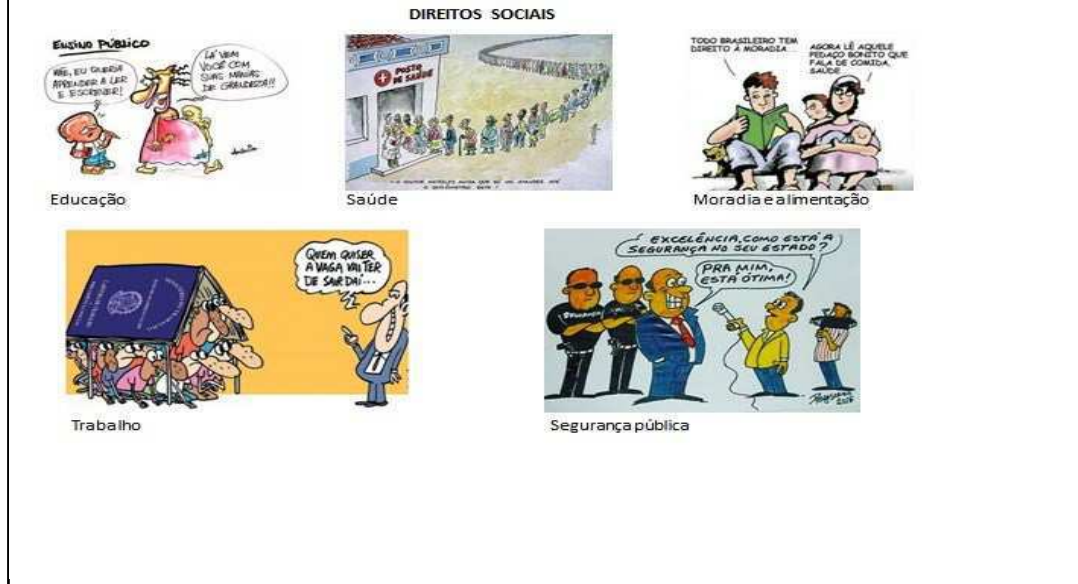
Também em relação ao tema segurança, assunto gerador de conflitos, alguns alunos mostraram entendê-lo como uma forma de controle e de opressão, e não como uma forma de bem-estar social. Nos primeiros encontros, alguns não apenas acreditavam como concordavam que segurança é sinônimo de poder coercitivo. No decorrer das aulas, houve mudanças de pensamento, principalmente quando despertados para seus direitos como juventude, tais como o direito à liberdade, à igualdade e à justiça.

2ª Aula: Continuando o assunto levantado pelos alunos na aula anterior, buscou-se abrir espaço para a observação, ouvindo suas necessidades e sentimentos. Iniciamos, assim, com acolhida e desejos de boa tarde, através do uso de *emojis* que expressavam como os alunos estavam se sentindo no momento da aula. Em seguida, relembramos momentos da semana anterior acerca do tema cidadania, direitos e deveres.

Destacamos na aula a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente e do Estatuto da Juventude, leis que garantem direitos a crianças e jovens.

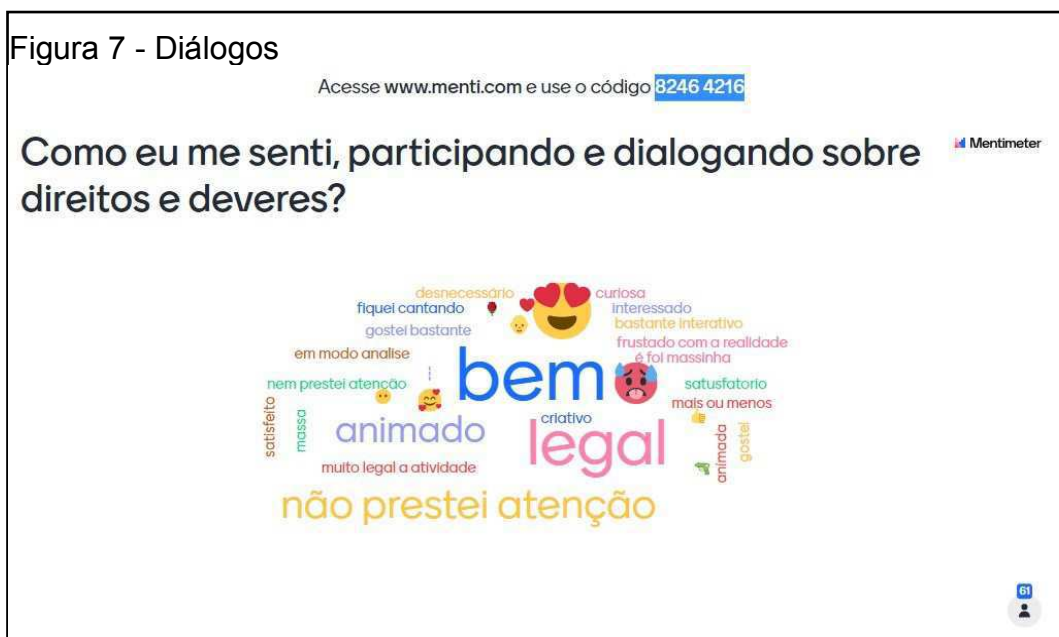
Utilizamos *charges* sobre o direito à educação, o direito à saúde, o direito à moradia, e o direito ao lazer, apresentadas por meio de *slides*:

Figura 6 - Charges



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

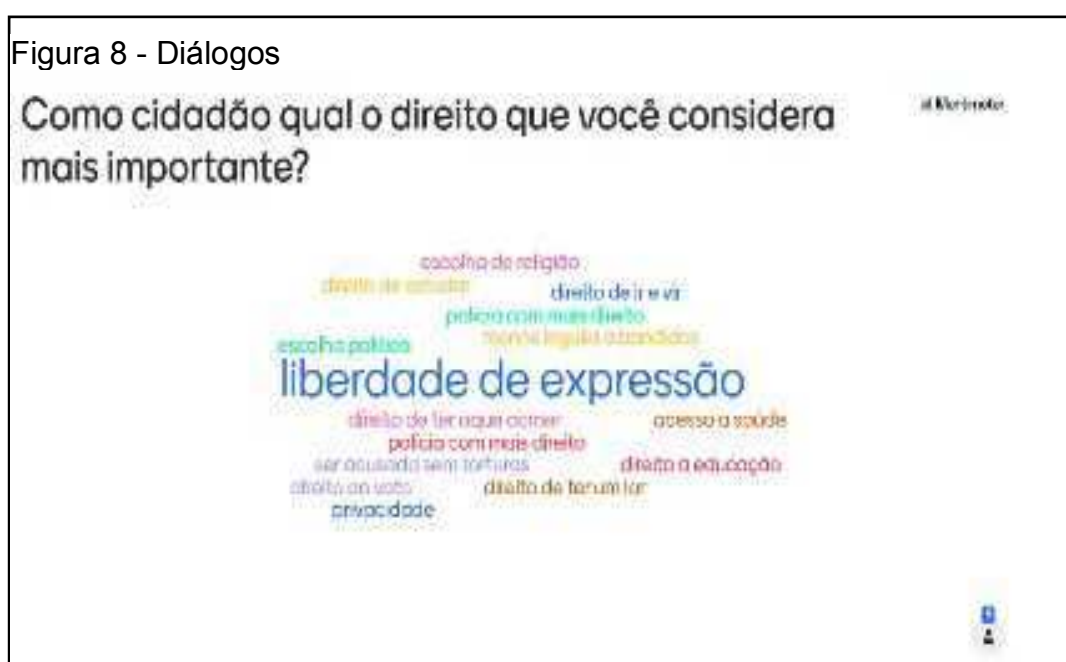
A cada *slide* apresentado, parte dos alunos, davam opiniões sobre as questões e críticas sociais que eram apresentadas. Ao final de cada encontro, aplicávamos a avaliação que, nos Círculos de Diálogos, é uma etapa que acontece a partir de uma rodada de diálogo a qual chamamos *check-out*, como fechamento do círculo. Nesse momento, agradecendo aos alunos e avaliamos a atividade também por meio da ferramenta *Mentimeter*, conforme indica a figura abaixo:



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

3ª Aula: A cerimônia de abertura aconteceu com a leitura de um poema do cantor e compositor Toquinho, “Direitos e Deveres” (Anexo B), o que promoveu uma reflexão sobre direitos e deveres apresentados na Constituição Federal, no Estatuto da Criança e Adolescente, e no Estatuto da Juventude. Dialogamos e refletimos se esses direitos, tais como saúde, educação, moradia, convivência familiar e comunitária, são garantidos.

Discutimos com os alunos sobre quais os direitos garantidos na Constituição Federal que eles mais consideravam importantes. Sabendo da condição de ser jovem e da necessidade de serem ouvidos e respeitados, eles apresentaram como exemplos a liberdade de expressão, seguidos do direito de ir e vir, à escolha de uma religião, à privacidade, e do direito à educação, conforme mostra a figura:



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

Nas discussões no chat, quando fizemos essa mesma pergunta – “Como cidadão, qual é o direito que você considera mais importante?” – a aluna L. P. escreveu o seguinte: “O direito à liberdade (...). Direito de ser acusada dentro de um processo legal, sem torturas e sem ser tratado mal”.

Dos pontos discutidos nessa aula, apontamos que, na Constituição Federal, já constam os direitos de crianças, adolescentes e juventudes; no entanto, novas leis específicas vão sendo implementadas e aprovadas, como é o caso do Estatuto da Criança e do Adolescente, e do Estatuto da Juventude.

O exercício de reflexão, nesse momento, nos levou à reflexão sobre direitos violados, sobre omissão do poder público e discursos de ódio em relação à juventude.

Estas leis, que deveriam servir para a efetivação de políticas públicas para este público, quando não aplicadas de forma efetiva, podem servir para recriar novas formas de opressão e controle social.

Concluimos a aula com os alunos avaliando o Círculo de Diálogo, destacado por eles como positivo. Além disso, também agradecemos a participação e a colaboração deles nesse encontro.

4ª Aula: O primeiro contato com os alunos, ao entrarem na aula remota foi, como sempre, desejando boa tarde, procurando saber se estavam bem e agradecendo a colaboração de todos no projeto de intervenção através da voluntariedade e da participação nos diálogos.

Como abertura do encontro, fizemos a leitura do preâmbulo e de alguns artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), mostrando o quanto foi necessário para o momento e para os dias de hoje a pactuação desses direitos entre vários países.

O diálogo da aula focou nas necessidades de os alunos, enquanto cidadãos, terem seus direitos, tais como respeito, justiça e igualdade, garantidos no dia a dia.

Com o advento da Declaração Universal dos Direitos Humanos, percebem-se a promoção, a proteção e a defesa de valores, tendo como princípios a dignidade humana, o respeito, a igualdade e a tolerância, aspectos muito presentes nas falas dos alunos durante o projeto de intervenção diante do tema cidadania ²⁹ .

Discutimos com os alunos que os direitos citados por eles (liberdade, justiça, respeito e igualdade) estão expressos no próprio documento da Declaração dos Direitos Humanos, aprovado desde 1948. Além disso, destacamos que, após 73 anos de aprovação deste acordo internacional, a humanidade pouco evoluiu enquanto sociedade. Esses debates foram realizados com a participação dos alunos por meio do uso do microfone.

Quando perguntamos sobre a condição de ser jovem e os direitos atrelados a ela, um dos alunos, pelo microfone, falou:

Na teoria sim, porque a gente tem as leis e tudo que dá a gente esse direito, mas na prática a gente sabe que isso não funciona, até porque se tudo que tem na teoria funcionasse, a gente evitaria muita coisa que acontece, desigualdade social, racismo, problema de gênero, enfim, muita coisa acontece. Mas respondendo assim, como jovem, meus pais são mais

29 Destacamos a Revolução Francesa, ocorrida em 1789, sob os ideais de liberdade, de igualdade e de fraternidade, reportando-nos à questão dos direitos civis na “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”.

conservadores, eles tendem a falar o quê? Ah, não, tu é pequeno, não sabe o que quer, não sabe o que pensa. Ah, não, isso é besteira. Não, isso aqui é o caminho certo, e moleque, não sabe o que e que faz na vida, não tem nenhuma responsabilidade. Realmente é isso que acontece com a gente (Aluno do 2º Ano da Escola FAC, 2021).

As aulas eram gravadas, para facilitar a análise e transcrição das falas importantes dentro do Projeto de Intervenção. Os alunos dialogaram ainda sobre questões de saúde pública, da pandemia e da precariedade do Sistema Único de Saúde (SUS), direitos que precisam melhorar. Um dos primeiros artigos da Constituição Federal, a “constituição cidadã”, apresenta o princípio da dignidade humana. É nesse sentido que a gente tem que lutar pela vida, inclusive no atual momento de pandemia, que veio pra escancarar mais ainda as desigualdades, visto que a população que mais sofre e que mais morre é composta por negros e pessoas mais pobres. Prova disso é que uma das primeiras vítimas de Covid-19, no Brasil, foi uma empregada doméstica, falecida em março de 2019.

Encerramos a atividade agradecendo e concluindo com a exibição de um vídeo da ONU sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

5ª Aula: Esta aula aconteceu no horário destinado ao componente de História, gentilmente cedido pelo professor para que continuássemos com o projeto de intervenção e com os conteúdos do componente da Sociologia. Dando continuidade ao tema cidadania, nesta aula, acolhemos os alunos apresentando o conteúdo dialogado na aula: liberdade de expressão e direito de ir e vir, utilizando como recurso, além da prática dos Círculos de Diálogos, o uso de ferramentas como *Power point* e *Youtube*.

A abertura da aula aconteceu com a exibição do clipe da música de Negra Li e Charlie Brown Jr. – Não é sério (ANEXO A). Após isso, relembramos o que falamos anteriormente por meio de *slides* contendo alguns trechos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948):

(...) mulheres e homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor(...). Igualdade de direitos do homem e da mulher e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla. (...). Artigo 3 Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Sobre as perguntas norteadoras do diálogo³⁰ e de acordo com o tema tratado na aula, foi perguntado para os alunos qual a sua necessidade de liberdade de expressão. Pelo aplicativo *Mentimeter*, os alunos se colocaram da seguinte forma:



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

Sobre essas necessidades, os alunos disseram que “querem ter voz e vez”, “dialogar”, “compreender”, “viver”, “expor suas ideias”, sendo “reconhecimento” a palavra mais destacada por eles.

Acerca de reconhecimento, pelo próprio referencial teórico apresentado neste projeto de intervenção, percebemos a relevância de tal tema em Paulo Freire (1987) ao abordar a importância do diálogo por meio da confiança, assim como em Habermas (2004), que sempre destacou o valor da comunicação intersubjetiva e do entendimento mútuo. Honneth (2003) sobre conceito de reconhecimento; ele afirma que o reconhecimento acontece por meio das relações de poder e respeito, o que denomina como luta por reconhecimento, que ocorre por meio da reciprocidade, e que é restaurador, por meio do amor, do respeito e da solidariedade. Tal termo também é compreendido por Pranis e Rosenberg, idealizadores dos Círculos de Diálogos e da comunicação-não violenta, como eficiente e necessário para os Círculos de Diálogos aqui

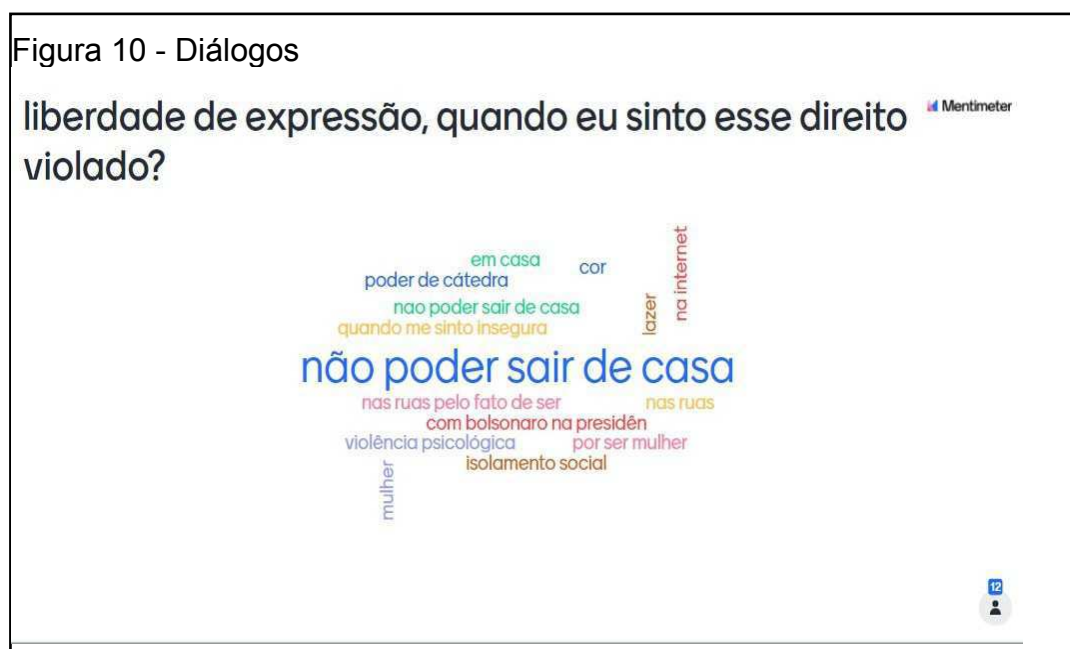
³⁰ Sobre as perguntas norteadoras, Pranis afirma o seguinte: Os círculos usam perguntas norteadoras ou temas norteadores no início da maior parte das rodadas, a fim de estimular a conversa a respeito do interesse principal do círculo. Cada membro do círculo tem uma oportunidade para dar resposta à pergunta ou tema norteador em cada rodada. As perguntas são cuidadosamente formuladas para facilitar a discussão.

representados pelos principais colaboradores deste projeto de intervenção pedagógica, os alunos do 2º Ano da Escola FAC.

6ª Aula: Iniciamos, como sempre, dando boas-vindas, procurando saber como os alunos estavam se sentindo, e apresentando, como abertura de cerimônia, um vídeo da ONU o qual tinha conexão com os temas da aula, que eram preconceito e direito de ir e vir.

Após a visualização do vídeo, relembramos o que falamos nas aulas anteriores sobre liberdade de expressão e sobre direito de ir e vir. Em seguida, abrimos o Círculo de Diálogo sobre nossas ideias a respeito dos temas citados. Apontamos que liberdade de expressão é o direito garantido aos indivíduos de manifestarem suas opiniões sem medo de serem constrangidos ou sofrerem qualquer tipo de represália.

O tema despertou a reflexõesobre violação de direitos relacionados à liberdade de expressão, como a censura e a liberdade de cátedra. A pergunta norteadora do Círculo de Diálogo sobre o tema foi: como nos sentimos quando o direito à liberdade de expressão é violado?



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

Como demonstrado na figura, os alunos disseram que se sentem violados quando não podem sair de casa. Esse discurso ficou muito presente na fala deles, tendo em vista o período de pandemia e a necessidade do isolamento social. Questões como insegurança, violência psicológica e liberdade de cátedra também foram temas abordados neste momento do diálogo.

Os alunos se mostraram participativos através recurso do microfone, disponível na plataforma *Google Meet*. Quando perguntados sobre discursos de ódio nas redes sociais e outros meios de comunicação, o reflexo e como as consequências disso reverberam no dia a dia, uma aluna exemplificou utilizando a questão do machismo: “os meios de comunicação contribuem para a cultura do machismo sim, mas do mesmo jeito que o machismo aumenta, a quantidade de mulheres lutando pelos seus direitos também aumenta” (Aluna).

Concluimos agradecendo aos alunos pela colaboração e pelo vínculo de confiança construído durante o percurso das aulas.

7ª Aula: Nesta aula, tínhamos como objetivo dialogar sobre políticas públicas, apresentando como conteúdos a vontade coletiva, o bem-estar, as propostas e os programas partidários (planos de governo), e as políticas públicas. Como cerimônia de abertura do Círculo de Diálogo, apresentamos um trecho da música de Gonzaguinha:

Memória de um tempo onde lutar
 Por seu direito
 É um defeito que mata
 São tantas lutas inglórias
 São histórias que a história
 Qualquer dia contará
 De obscuros personagens
 As passagens, as coragens
 São sementes espalhadas nesse chão
 De Juvenais e de Raimundos
 Tantos Júlios de Santana
 Uma crença num enorme coração
 Dos humilhados e ofendidos
 Explorados e oprimidos
 Que tentaram encontrar a solução
 São cruces sem nomes, sem corpos, sem datas
 Memória de um tempo onde lutar por seu direito
 É um defeito que mata (GONZAGA JÚNIOR, 1973)

Após isso, abrimos o diálogo falando sobre como funcionam as políticas públicas e sobre como é importante para o cidadão saber e acompanhar as propostas e programas partidários, assim como é importante saber, quando os candidatos são eleitos, sobre os meios de cobrar a efetivação das propostas, dos planos de governo e das políticas públicas.

Depois, lançamos as perguntas norteadoras do diálogo: Quais formas de participação cidadã? Quais políticas públicas devem ser priorizadas na comunidade?

No que diz respeito à questão das políticas públicas, novamente o diálogo retomou o cenário da pandemia e os alunos apontaram a necessidade de fomento ao Sistema

Único de Saúde (SUS), isto é, a saúde como uma política pública para a população. Falaram ainda de saneamento básico, de segurança pública e do auxílio emergencial como políticas públicas urgentes.

A participação dos alunos nesta aula aconteceu por meio do *chat* e do microfone. Fizemos, no momento da aula, uma dramatização com a participação do professor Calábria assumindo o papel de um candidato a prefeito que apresentava suas propostas e o seu plano de governo; os alunos por sua vez, cobravam demandas para a melhoria da comunidade.

Essa dramatização foi extremamente positiva, proporcionando aos alunos lançarem até mesmo a sua candidatura própria, contrapondo as proposições do candidato Calábria. Foi fácil perceber, neste contexto, a participação protagonista dos alunos e o domínio do tema. Encerramos agradecendo-os pela colaboração no projeto de intervenção.

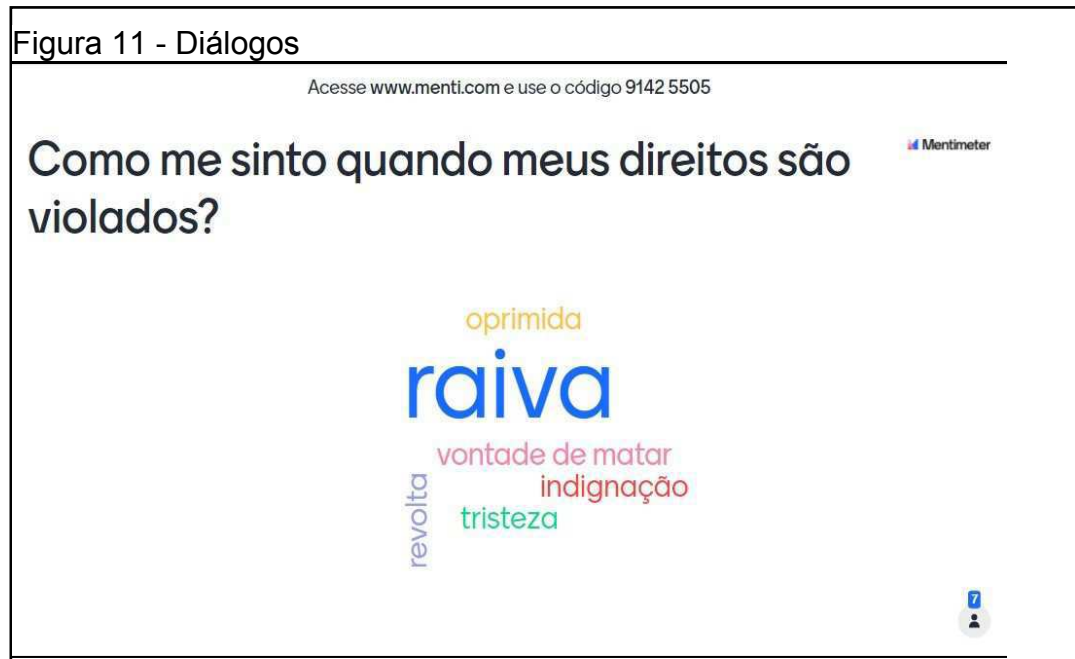
8ª Aula: Iniciamos a aula com acolhida dos alunos, recitando um texto sobre comunicação não-violenta – *O lobo bom e o lobo mal, qual eu alimento em mim?* – como cerimônia de abertura:

Um avô de uma certa tribo estava conversando com seu neto. “Uma luta está acontecendo dentro de mim”, ele diz ao menino. “É uma luta terrível entre dois lobos. Um lobo é malvado e feio. Ele é a raiva, a inveja, a ganância, a guerra, autopiedade, tristeza, arrependimento, culpa, ressentimento, inferioridade, mentiras, falso orgulho, superioridade, egoísmo e arrogância. O outro lobo é lindo e bom: ele é amigo, alegre, pacífico, amoroso, esperançoso, sereno, humilde, bondoso, justo e solidário. Essa mesma luta está ocorrendo dentro de você e dentro de cada ser humano”. “Mas avô”, exclama o neto, “Qual dos lobos vai vencer”? O ancião olhou nos olhos de seu neto e respondeu: “Aquele que você alimentar” (Círculos em Movimento, [s.a.], p.16).

Como este foi o último encontro formal com os alunos do componente da Sociologia, refletimos sobre a importância do diálogo em sala de aula, procurando compreender a necessidade do outro e a luta por reconhecimento.

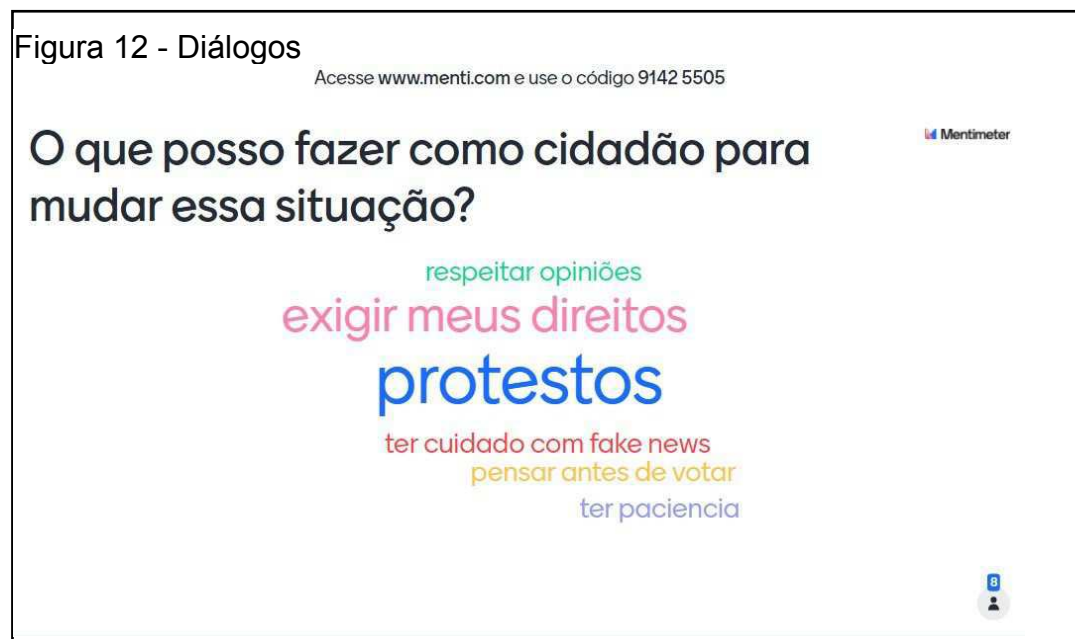
Mesmo tendo como tema Cidadania, Política e Poder, os diálogos em sala de aula foram dando espaço a subtemas como liberdade de expressão e direito de ir e vir, por se tratar de jovens e da necessidade de serem ouvidos e respeitados.

Este encontro foi de diálogo, de reflexão e de avaliação, tendo como perguntas norteadoras Como me sinto quando meus direitos são violados? e O que posso fazer para mudar essa situação? Os alunos responderam utilizando o aplicativo Mentimeter, conforme as figuras abaixo:



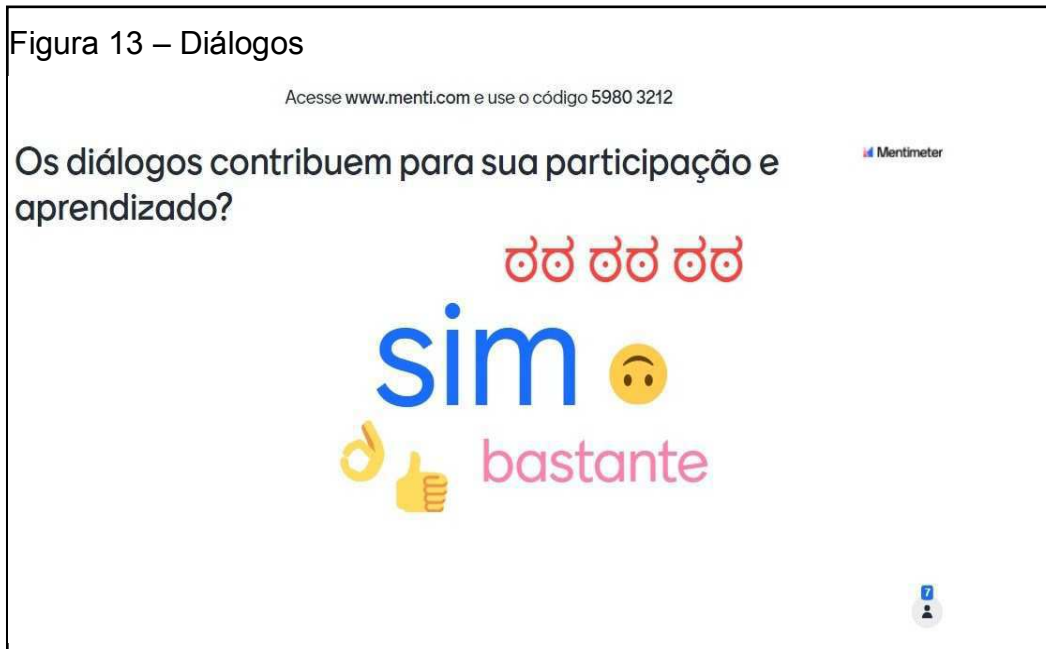
Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

As respostas dos alunos com relação aos seus direitos violados foram “raiva”, “opressão”, “vontade de matar”, “tristeza” e “revolta”. Os alunos ainda refletiram sobre as situações nas quais pessoas como moradores de rua, ambulantes, pessoas negras, são as maiores vítimas de violação de direitos. Falaram, ainda, acerca dos privilégios de pessoas brancas, ricas e heterossexuais. Sobre o que eles podiam fazer para mudar essa situação, responderam “respeitar opiniões”, “exigir meus direitos”, “protesto”, “ter cuidado com *fake News*”, “pensar antes de votar”, e “ter paciência”.



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

Finalizamos agradecendo à colaboração dos alunos durante todos os encontros e aos professores Rosa e Calábria, pela gentileza de terem cedido suas aulas para o projeto de intervenção pedagógica. Solicitamos também que avaliassem as aulas que tiveram os Círculos de Diálogos como recurso didático, conforme apresentados nas figuras que se seguem:



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

3.5 AS AULAS DO PROJETO DE VIDA

9ª Aula – Projeto de Vida: Esta aula tinha como objetivo trabalhar com os alunos, por meio dos Círculos Diálogos, o tema *Projeto de Vida*. No primeiro momento da aula, acolhemos os alunos e perguntamos como estavam se sentindo. Em seguida, como cerimônia de abertura, foi apresentada uma animação através do *Youtube*, de título “O porco que nunca desiste”. A animação apresentava pontos como objetivos, disciplina, aprender com os erros, nunca desistir, frustrações e recomeços. O vídeo serviu para criar conexão com o tema e diálogo com os alunos sobre seus sonhos e planos de vida. Alguns deles falaram sobre a importância de estudar, já outros falaram que queriam se formar, ter uma profissão e estudar para concursos; alguns disseram ainda não ter nada em mente, outros falaram que já estavam se preparando para concursos. Entre algumas profissões citadas pelos alunos, constavam ser atleta, biólogo, seguir carreira no exército, trabalhar com artes e cursar enfermagem. O diálogo favoreceu ainda uma reflexão para além das questões individuais, visto que, também abordamos aspectos estruturais que envolvem as condições sociais e a realidade atual do país, a crise de desemprego, crise econômica, a instabilidade dos direitos trabalhistas, provocada desde 2017, pelas reformas trabalhista e previdenciária.

10ª Aula – Projeto de Vida: o tema da aula foi *ser jovem*. Sendo assim, trabalhamos de forma dialógica e reflexiva sobre tal condição. Acolhemos os alunos e as perguntas norteadoras do encontro foram *Como você está se sentindo?* e *O que é ser jovem?* A metodologia aplicada foi a chuva de ideias, inserida pelo aplicativo *Mentimeter*. As figuras abaixo mostram as respostas dos alunos:

4 ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS NO ENSINO REMOTO

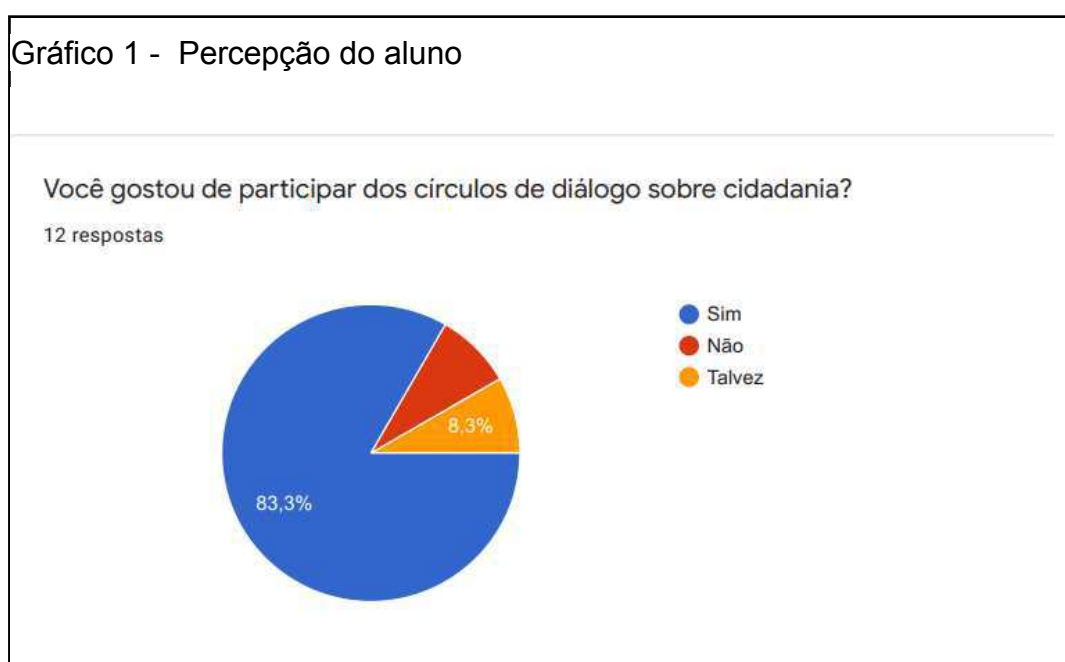
Nesta fase da análise, traremos as impressões tanto dos alunos quanto dos professores, considerando suas opiniões e destacando a importância do conhecimento empírico, além da colaboração destes atores na efetividade do projeto de intervenção pedagógica.

4.1 PERCEPÇÃO DO ALUNO

Aplicamos um questionário com os alunos por meio do *Google Forms* com questões tanto objetivas quanto subjetivas, numa amostragem de 12 alunos que contribuíram com suas respostas.

Com relação ao perfil dos alunos que participaram do questionário, 58% se declaram do sexo masculino e 42% sendo do sexo feminino. A maioria dos alunos, 58,3%, possui 16 anos de idade; 16,7% afirmam ter 15 anos; 8,3%, 17 anos. Os outros 16,7% não apresentaram a sua idade.

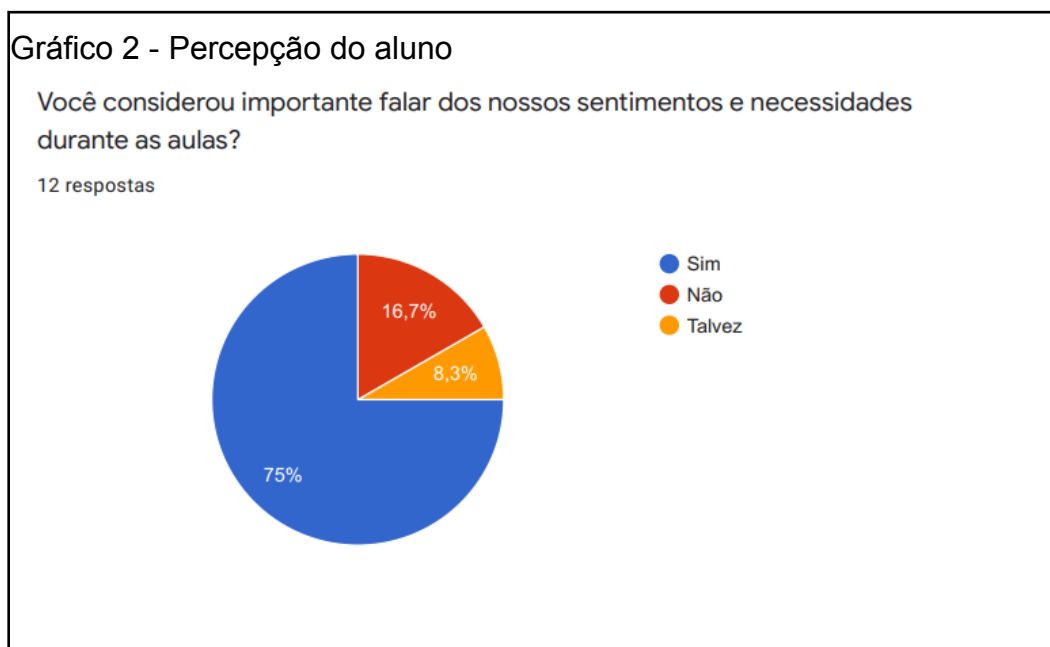
Sobre cultura de paz, se já conheciam o tema, percebemos um equilíbrio nas respostas, visto que 41,6% dos alunos nunca tinha ouvido falar, 41,6% já ouviram falar, e 16,8% acham que sim, que já ouviram falar sobre o tema. Sobre gostar de participar dos Círculos de Diálogos com o tema cidadania, 83% dos alunos disseram gostar, 8,3% responderam “talvez”, e 8,4% disseram não gostar.



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

O tema cidadania foi trabalhado durante os Círculos de Diálogos. Sobre ele, um dos alunos escreveu que “é a prática dos direitos e deveres de um indivíduo em um Estado” (aluno); outro aluno destacou “que todos vivemos em harmonia uns com os outros” (aluno).

Perguntado aos alunos se eles consideravam importante falar de seus sentimentos e necessidades durante as aulas, 75% afirmaram que sim, 16,7% não consideraram importantes, e 8,3% disseram “talvez”.



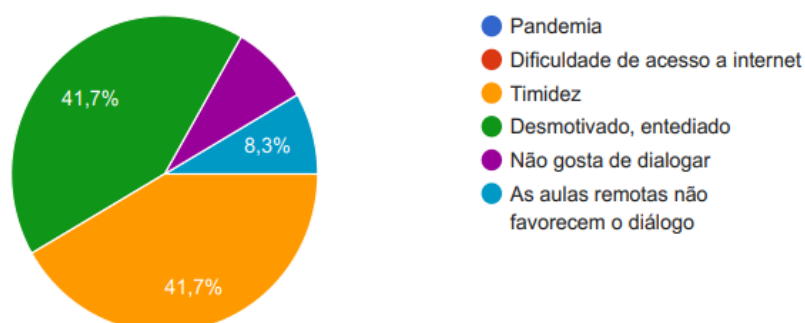
Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

Foi importante para a pesquisa sabermos dos alunos o que mais dificultou a participação deles nos diálogos durante os encontros virtuais. Sobre esse aspecto, 41,7% disseram que estavam desmotivados, o que dificultava sua participação; 41,7% apontaram a timidez como dificuldade; e 8,3% disseram que as aulas remotas não favorecem o diálogo. Essas respostas apresentadas pelos alunos demonstraram o quão limitado são, tanto para o aluno quanto para o professor, as aulas remotas.

Gráfico 3 - Percepção do aluno

O que mais dificultou sua participação nos diálogos, durante nossos encontros virtuais?

12 respostas



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

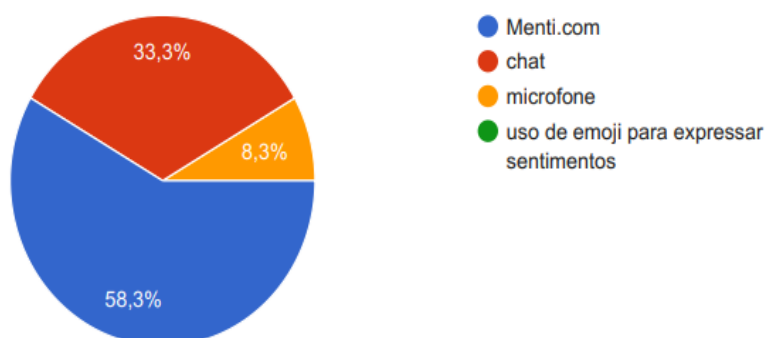
A falácia do ensino remoto destacada por Saviani e Galvão (2021) sugere que, se no ensino presencial o processo de ensino-aprendizagem, apresenta suas dificuldades, no ensino remoto os prejuízos se tornam maiores, considerando tanto a aprendizagem do aluno quanto as propostas e adequações didático-metodológicas do professor.

Sobre as ferramentas tecnológicas utilizadas durante o projeto de intervenção, enfatizamos quais os alunos mais gostaram de usar. 58,3% disseram que o *Mentimeter* era bom, 33,3% dos alunos preferiram o uso do *chat*, e 8,3% optaram pelo uso do microfone.

Gráfico 4 - Percepção do aluno

Quais ferramentas você mais gostou de usar durante nossos diálogos?

12 respostas



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

Dos recursos utilizados pelo professor, 66,7% dos alunos optaram novamente pelo aplicativo *Mentimeter*. Com relação a outros recursos, 16,7% disseram que gostavam das músicas utilizadas durante as aulas, e outros 16,7% disseram gostar dos vídeos que eram apresentados.



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

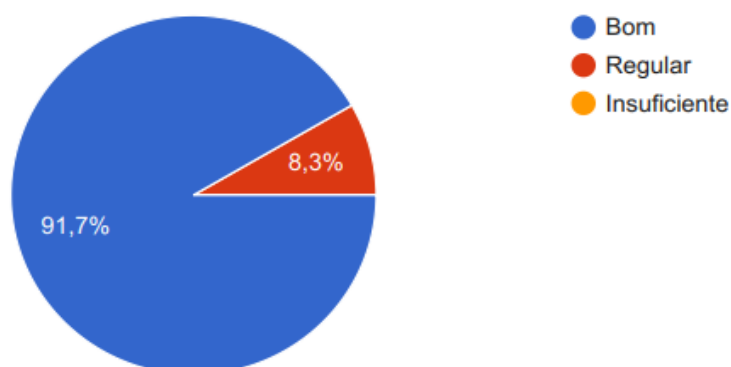
Tanto as músicas quanto os vídeos eram apresentados no momento cerimônia de abertura ou como fechamento da aula durante os Círculos de Diálogos, criando conexões com os temas das aulas, pensando na integração e no processo de ensino-aprendizagem.

Sobre a avaliação dos alunos com relação aos Círculos de Diálogos no ensino da Sociologia, 91,7% disseram ser bons, enquanto 8,3% disseram ser insuficientes.

Gráfico 6 - Percepção do aluno

Como avalio os círculos de diálogos no ensino da sociologia?

12 respostas



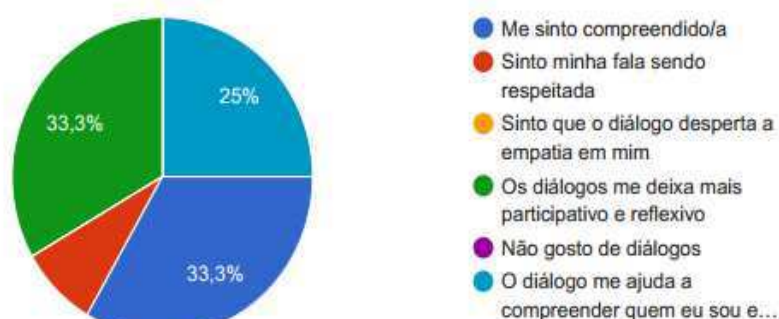
Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

Quando perguntamos sobre como os alunos se sentiam durante os diálogos, 33,3% responderam que os diálogos os deixavam mais reflexivos e participativos, 33,3% disseram que se sentiram compreendidos, 25% disseram que o diálogo ajuda a compreender quem somos, e 8,4% disseram que sentiram sua fala sendo respeitada.

Gráfico 7 - Percepção do aluno

Como me sinto durante os diálogos?

12 respostas

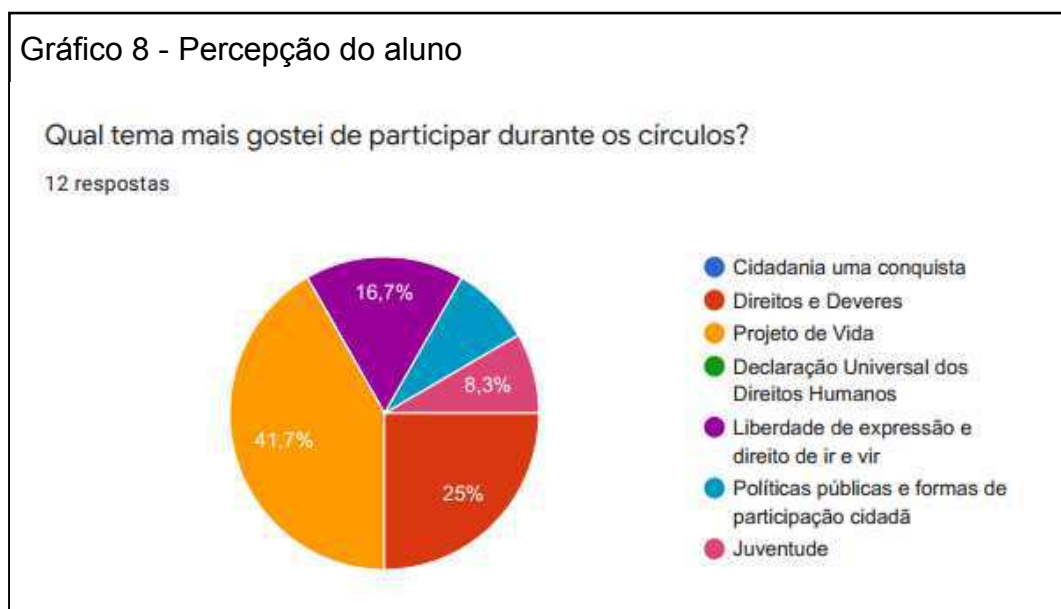


Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

Durante as aulas, foram apresentados para os alunos os principais temas a serem trabalhados: Cidadania – uma conquista; Direitos e Deveres; Projeto de Vida; Declaração

Universal dos Direitos Humanos; Liberdade de expressão e direito de ir e vir; Políticas Públicas e formas de participação cidadã; e Juventudes.

Quando perguntado aos alunos sobre quais destes temas eles mais gostaram de dialogar durante os círculos, 41,7% disseram que gostaram de dialogar sobre projeto de vida, 25% gostaram de falar sobre seus direitos e deveres, 16,7% disseram que liberdade de expressão e direito de ir e vir era importante, e 8,3% gostaram de falar sobre juventudes. O restante dos alunos mencionou gostar de falar sobre Políticas Públicas e formas de participação cidadã.



Fonte: Registro pessoal do projeto de intervenção pedagógica, 2021.

Mesmo sendo um trabalho de pesquisa-ação, a observação participante também se fez presente, tendo em vista que as falas dos alunos durante cada encontro eram consideradas e anotadas por meio de diário de bordo, o que facilitou nossas análises sobre o projeto de intervenção.

Considerando importante a avaliação dos alunos sobre os Círculos de Diálogos, obtivemos as seguintes respostas: “bom”; “importante”; “muito legal”; “foi um tempo muito bom”. Um dos alunos comentou os Círculos de Diálogos da seguinte forma: “(...) achei bastante necessário, pois como uma vez a professora falou em umas dessas aulas, que esses diálogos são extremamente importantes para nos entendermos como cidadãos e não aceitarmos certas injustiças que ocorrem no mundo” (aluno).

4.2 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

Também entrevistamos os professores de Sociologia e de História, colaboradores em nosso projeto de intervenção, buscando analisar se eles já conheciam os Círculos de Diálogos, quais as suas impressões e reflexões sobre a importância dessa metodologia como recurso didático para aprofundar os temas abordados no componente da Sociologia.

A entrevista continha as seguintes perguntas:

1. Você conhecia ou já tinha ouvido falar do tema Círculos de Diálogos?
2. Quais impressões sobre a forma de se trabalhar os Círculos de Diálogos com os alunos?
3. Você considera importante promover a reflexão e o diálogo durante as aulas?
4. Como você pode avaliar a participação dos alunos durante os Círculos de Diálogos?
5. Na sua opinião, os Círculos de Diálogos podem ser um recurso didático que facilita no processo ensino-aprendizagem? (APÊNDICE C)

Em relação à primeira pergunta da entrevista acima, a professora de Sociologia disse:

Sim. Muito superficialmente, quando na ocasião foi implantado o projeto Liga pela paz, parceria entre o Ministério Público e o Governo do Estado, sendo ele mais voltado como campanha educativa; já nesse formato atual, vejo a proposta como algo mais prático/executável. (Professora da FAC, 2021).

O professor de História também afirmou ter conhecimento do recurso:

Sim, já tinha ouvido falar dos círculos de diálogo por conta de uma conhecida minha, que trabalhava com justiça restaurativa. Aí, uma das técnicas que era utilizada nessa Justiça Restaurativa. Essa questão do círculo de diálogos é outra experiência também que me fez entrar em contato com tema, foram as formações em educação popular que eu tive a oportunidade de participar que era comum a organização espacial da sala em círculos, pra que pudesse promover e facilitar o diálogo entre todos os participantes e que todo mundo pudesse se entreolhar. Isso facilitava o esforço de manter uma horizontalidade. (Professor da FAC, 2021).

Quando perguntamos sobre quais as impressões a respeito da forma de se trabalhar os Círculos de Diálogos com os alunos, a professora de Sociologia destacou o seguinte: “Na verdade, já o fazemos no piso das escolas, só que informalmente, e agora tende a se institucionalizar, dando a legalidade que o processo requer” (aluno).

O professor de História acrescentou:

Bem, eu fico com a impressão que os círculos de diálogos seria uma técnica, que humaniza no sentido de aproximar as pessoas, as relações dentro da escola, principalmente as relações entre os estudantes e entre os professores. E os estudantes, porque estimulam a gente a falar, estimula a gente a ouvir. Estimula a gente a se enxergar e isso aproxima mais. (Professor da FAC, 2021).

Sobre a importância de promover a reflexão e o diálogo durante as aulas, a professora de Sociologia afirmou “ser esta sua maior prática metodológica desde sempre”.

O professor de História fez a seguinte colocação:

Sim, considero importante, sim, promover o diálogo e a reflexão, porque eu sou muito crítico, pelo menos, a minha formação foi nesse sentido, de criticar a educação bancária, onde o professor se coloca naquele lugar de autoridade no lugar de transmissor do conhecimento, como se os estudantes fossem meros receptores. Essa perspectiva crítica, a gente aprende na faculdade a partir das leituras de Paulo Freire e a gente tenta modificar essa educação que é tradicional, e essencialmente nas escolas. É um dos caminhos eu acho que é através da reflexão e do diálogo. É nesse sentido que o ciclo de diálogo entra, né? Como uma técnica de promover esse diálogo entre os sujeitos que estão lá dentro da sala de aula (Professora da FAC, 2021).

Ainda na entrevista, perguntamos como eles avaliavam a participação dos alunos durante os Círculos de Diálogos. A professora de Sociologia destacou que “o fato de ter nome Círculos de Diálogos, formalmente falando, eles ficam um pouco receosos, porém, dentro de suas limitações e entendimento, são bastante participativos” (professora).

O professor de história completou:

Bem, os estudantes, eles começam bem tímidos. Um ou outro participa mais ativamente no começo dessas, dessa proposta de atividade dos círculos, só que aos poucos a gente vai vendo a mudança. Aos poucos a gente vai vendo aqueles que mal participam, mal falam, começando e ganhando um pouco mais de coragem e tendo mais disposição para diálogo. Eu acho que a proposta do círculo é justamente essa, é promover esse diálogo. Não é uma coisa que acontece de um dia pro outro, é aos poucos que a gente propõe a essa atividade, eles começam a falar. Alguns até falam, mas a maioria fica calado, fica rindo, mas aos poucos eles vão se sensibilizando, eles vão a partir da observação do exemplo dos outros que participam mais, eles acabam começando a falar. E aos poucos eles vão se abrindo para mundo. É nesse processo de se abrir para mundo, se propor a dialogar, que surge uma coisa que é fundamental pra educação, que é a reflexão (Professor da FAC, 2021).

Buscando compreender a partir do ponto de vista dos professores se os Círculos de Diálogos podem ser um recurso didático que facilita no processo ensino-aprendizagem, a fala do professor de História enfatizou que

Sim, facilita, mas depende que tipo de habilidade, conteúdo, competência, o objetivo, a gente tá se propondo a garantir a oportunidade de aprender. Pra gente que é de humanas, eu acho os círculos de diálogo eles são fundamentais, porque nós temos mais proximidade com as questões do cotidiano. E é a partir dessas questões do cotidiano que os alunos se sentem mais estimulados a falar. E nesse processo de falar sobre as questões do cotidiano, nesse processo de apresentar toda essa subjetividade que a gente carrega dentro da gente, é que vai transformar ela em discurso, no sentido de objetivá-la, torna-la cognitiva pra outras pessoas, é que se desenvolve a aprendizagem (Professor da FAC, 2021).

Sobre o processo ensino-aprendizagem, o mesmo professor afirmou o seguinte:

Você tem um esforço cognitivo de analisar, absorver, incorporar aquilo que tá sendo anunciado pelo outro sujeito. Além de que se desenvolve muito uma segurança de si, porque falar para outras pessoas demanda essa segurança. Então, aos poucos eles vão aprendendo a serem mais comunicativos, eles vão aprendendo a ser mais seguros de si, isso mexe um pouco com a autoestima deles também, aos poucos vai crescendo essa autoestima (Professor da FAC, 2021).

Percebe-se na fala dos professores que a capacidade cognitiva e o agir comunicativo são fatores importantes para o processo de ensino-aprendizagem.

A proposta da intervenção está ancorada numa pedagogia da pergunta, estimulando nos alunos, a capacidade reflexiva e dialógica.

Nesse processo de ensino aprendizagem, se faz necessário, saber perguntar, como também, ensinar ao aluno a perguntar, Freire e Faundez (1985), destacam:

Saber perguntar-se, saber quais são as perguntas que nos estimulam e estimulam a sociedade. Perguntas essenciais, que partam da cotidianidade, pois é nela onde estão as perguntas. Se aprendêssemos a nos perguntar sobre nossa própria existência cotidiana, todas as perguntas que exigissem resposta e todo esse processo pergunta/resposta, que constitui o caminho do conhecimento, começariam por essas perguntas básicas de nossa vida cotidiana, desses gestos, dessas perguntas corporais que o corpo nos faz, como você diz (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p.25).

Essas reflexões sobre a importância da pergunta, e sendo ela, pergunta essencial e norteadora, como bem falam os autores, são aspectos importantes para a construção do conhecimento, sobre a reflexividade a respeito da vida, do cotidiano, elementos essenciais para serem consideradas nas Áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, e principalmente no ensino da Sociologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de intervenção pedagógica foi executado durante o período de pandemia, tendo o ensino remoto como modelo emergencial. A proposta era desafiadora não só para a execução do projeto em si, como também para todos os sujeitos envolvidos na comunidade escolar e, principalmente, para os alunos da rede pública que, em sua maioria, vivem em situação de vulnerabilidade social. Essas questões eram percebidas quando da participação e permanência dos alunos nas aulas remotas, que exigia deles acesso a ferramentas tecnológicas (computador, celular), assim como acesso à internet.

Com relação à utilização das ferramentas e aplicativos durante as aulas, não havia dificuldades por parte dos estudantes. A busca por fazer de uma aula virtual um espaço de vivência, de diálogos, de partilhas, de conhecimento e de reflexividade foi o principal propósito do projeto.

Logo, a proposta de projeto de intervenção buscou refletir sobre um modelo de educação transformadora, contrapondo modelos de educação com viés conservador. Portanto, o trabalho foi idealizado na proposta apresentada por Paulo Freire, de uma educação problematizadora, dialógica, horizontal e libertadora.

A educação transformadora que norteou este trabalho pode ser percebida nas propostas da UNESCO, que apresenta, no relatório Educação para o século XXI, os “quatro pilares da educação”, a saber: aprender a ser; aprender a conhecer; aprender a fazer e aprender a conviver. Aqui, damos destaque para aprender a conviver em sociedade e se colocar no lugar do outro, criando laços afetivos a partir da troca de saberes entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, foram apresentados os Círculos de Diálogos como recurso pedagógico no componente da Sociologia, tendo a Escala FAC como campo de pesquisa, e os alunos do 2º Ano como colaboradores da pesquisa-ação. O tema trabalhado com eles, por meio dos Círculos de Diálogos, foi *Cidadania, Política e Estado*. Com isso, estudos prévios sobre o referido tópico foram de suma importância, assim como o estudo do diagnóstico dos alunos como marcador importante para planejar e ministrar as aulas.

Os Círculos de Diálogos serviram tanto para facilitar o processo de ensino-aprendizagem quanto para criar conexões entre os participantes, favorecendo o reconhecimento mútuo, o pertencimento e o protagonismo, estimulando, assim, a capacidade de reflexão a respeito da vida e de sua realidade.

A proposição dos Círculos de Diálogos vem sendo trabalhada recentemente no campo da educação, principalmente no Brasil. As práticas de Círculos de Diálogos

abordam questões restaurativas, e têm como principais idealizadores Kay Pranis (2011), Howard Zehr (2008) e Marshall Rosenberg (2006).

Com relação aos temas para a preparação dos planos de aulas e a execução do projeto de intervenção pedagógica, tínhamos como prioridade ouvir os alunos. Buscamos evitar “conteúdos rígidos e sem flexibilidade”, prezando por compreender as necessidades dos alunos pelas correlações com os temas das aulas, gerando, dentro do projeto de intervenção pedagógica, o entendimento mútuo. Isso aconteceu a cada encontro, a cada Círculo de Diálogo, por meio da ação e da participação, o que Habermas (2004) conceitua como “agir comunicativo”.

Cada conceito trabalhado foi construído com os alunos, sempre respeitando o princípio da voluntariedade que era posto nas aulas e acordado entre os alunos e colaboradores, negando qualquer tipo de juízo de valor. Consideramos questões básicas para as práticas dos Círculos de Diálogos as relações éticas entre os interlocutores e o reconhecimento recíproco entre eles, o que Honneth (2003) conceitua como “luta por reconhecimento”.

Essa luta por reconhecimento foi apontada o tempo todo pelos alunos durante o projeto de intervenção pedagógica. Propuseram, por exemplo, que cidadania era sinônimo de respeito, de liberdade de expressão, de direito de ir e vir, entre outras definições. Através da discussão sobre reconhecimento, surgiu a urgência de mostrarem que suas juventudes precisam ser ouvidas, e de que suas necessidades, enquanto alunos e cidadãos precisam ser contemplados.

O que muito se faz necessário na busca pelo reconhecimento dos alunos sobre sua condição de ser jovem é o conhecimento reflexivo acerca de sua própria realidade e de sua condição social. Dessa forma, a reflexão da vida social, enquanto apresentamos os Círculos de Diálogos, baseou-se, também, nos conceitos de Giddens (2009) e numa educação problematizadora e dialógica defendida por Paulo Freire.

Além disso, questões como sentimentos e necessidades foram trabalhadas seguindo a proposta de uma “comunicação não-violenta” dentro do espaço virtual. Os princípios da voluntariedade e do respeito eram ressaltados a cada encontro. Mesmo que de forma virtual, incluímos as etapas necessárias para a aplicabilidade dos Círculos de Diálogos, como boas-vindas, cerimônia de abertura, explicação aos participantes sobre objetivo do círculo, rodada de apresentação/*check-in*, exploração dos problemas temas norteadores do diálogo, acordo, rodada de *check-out*, agradecimentos e fechamento.

Foram utilizados como meios de comunicação o *chat*, o microfone e os *emojis*. As chuvas de ideias sobre os temas aconteceram por meio do aplicativo *Mentimeter* e, para

as cerimônias de abertura ou fechamento dos diálogos, utilizávamos músicas, imagens, *charges* e vídeos.

Ficou evidente o crescimento dos alunos com relação ao domínio do tema *cidadania* na medida em que íamos trabalhando os temas, seguindo suas necessidades e sua condição de ser jovem. Um aluno, numa de suas partilhas de ideias, apontou que “cidadania é a prática dos direitos e deveres de um indivíduo em um Estado”. Outro aluno destacou que cidadania “(...) é quando todos vivemos em harmonia uns com os outros”.

A avaliação dos alunos com relação aos Círculos de Diálogos no ensino da Sociologia foi bastante positiva, visto que 91,7% disseram ser bons e apenas 8,3% disseram ser insuficientes. Os alunos também disseram que os diálogos os deixaram mais reflexivos e participativos, que se sentiram compreendidos e que suas falas foram respeitadas.

Os Círculos de Diálogos, como pretendíamos, ajudou a despertar nos alunos a reflexividade e a criticidade, o que ficou evidenciado na fala de um deles: “(...) achei bastante necessário, pois como uma vez a professora falou em umas dessas aulas, que esses diálogos são extremamente importantes para nos entendermos como cidadãos e não aceitarmos certas injustiças que ocorrem no mundo”.

Além dos alunos, pudemos perceber a satisfação dos professores durante a execução do projeto de intervenção no qual foram bastante colaborativos. Suas impressões com relação aos Círculos de Diálogos foram as de que eles humanizam, aproximam as pessoas, melhoram a relação entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem, além de provocarem a **reflexão e a criticidade, favorecidas por meio do ouvir e do falar, da confiança e da autoestima**. Percebe-se na fala dos professores que a capacidade cognitiva e o agir comunicativo figuram como fatores importantes para o processo ensino-aprendizagem.

A condição de ser jovem traduz, em si, a necessidade de interagir, de socializar, de estar em seu grupo. Isso é, para os jovens, um sentimento transformador de pertencimento e aceitação, no compartilhar de ideias, valor, cultura e experiência. Esses fatores foram possíveis e viáveis através da condução dos Círculos de Diálogos nas aulas de Sociologia, podendo ser aplicados a outros componentes das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A BNCC também foi discutida neste estudo, assim como as suas competências e habilidades, como o Projeto de Vida, um dos temas do currículo das escolas públicas do estado da Paraíba. O componente da Sociologia no ensino médio foi um ponto importante destacado neste projeto de intervenção pedagógica, já que tínhamos como categorias o

ensino da Sociologia, o tópico juventudes, Círculos de Diálogos e processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, tratamos de mostrar, através desta intervenção, que o despertar do pensamento ativo, reflexivo e sociológico se dá por meio do diálogo, e que esse diálogo precisa de métodos capazes de transmitir conexão e empatia, transcendendo nos alunos e professores o sentimento de solidariedade e respeito, pontos estes apresentados pelo modelo de educação transformadora defendida por vários autores, como Paulo Freire e José Pacheco.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, M. F. P. **Diálogos em prol de uma justiça juvenil**, Editora UFPB, 2017.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Educação**. v.8, n.3, p. 348-365, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/Familia/Downloads/9251Texto%20do%20artigo-25201-1-10-20200704%20(2).pdf. Acesso em: 08 maio 2020.

ARAÚJO, S. M. de. **Sociologia**: volume único: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2016.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**: Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CENTROS DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ANCD). **Relatório sobre o Extermínio de Adolescentes e Jovens no Brasil**. São Paulo, 2020.

BOURDIEU, P. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

_____. **Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça (CNJ). **Resolução n. 225 de 31/05/2016**. Política Nacional de Justiça Restaurativa. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=3127.pdf>. Acesso em: 25 de fev. 2021.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.pdf. Acesso em: 08 jun. 2020.

_____. **Decreto Nº 10.004, de 5 de setembro de 2019**, Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. 2019b. Disponível em: http://escolacivicomilitar.mec.gov.br/images/pdf/legislacao/decreto_n10004_de_5_de_setembro_de_2019_dou_pecim.pdf. Acesso em: 08 jun. 2020.

_____. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da violência**. 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&d=34784.pdf. Acesso em: 08 jun. 2020.

_____. **Lei Federal n. 8.069/1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm.pdf. Acesso em: 08 jun. 2020.

_____. **Lei Federal n. 9.394/1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm.pdf. Acesso em: 08 jun. 2020.

_____. **Lei Federal n. 11.684/2008**. Diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2008/lei/l11684.htm.pdf. Acesso em: 08 jun. 2020.

_____. **Lei Federal n. 12.594/2012**. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2012/lei/l12594.htm.pdf. Acesso em: 08 jun. 2020.

_____. **Lei Federal n. 12.852/2013**. Estatuto da Juventude. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.

_____. **Lei Federal n. 13.415/2017**. Altera a Lei de Diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm.pdf. Acesso em: 08 jun. 2020.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versofinal_site.pdf. [s.a]. Acesso em: 25 fev. 2021.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Plano Nacional de Educação**, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br>. Acesso em: 08 jun. 2020.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Portaria Nº 2.015, de 20 de novembro de 2019**. Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. 2019a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-2.015-de-20-de-novembro-de-2019-228864271>. Acesso em: 08 jun. 2020.

CARVALHO, J. M. de. **A Cidadania no Brasil**. O Longo Caminho. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CÍRCULOS EM MOVIMENTO. **Construindo uma comunidade escolar restaurativa**. Versão Web. Disponível em: www.circulosemmovimento.org.br. Acesso em: 22 jul. 2021.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 100, p.1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 08 jun. 2020.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Reimp. Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.

ERAS, L. W.. **A produção de conhecimento recente sobre o ensino de sociologia/ciências sociais na educação básica no formato de livros coletâneas (2008-2013)**: sociologias e trajetórias. Curitiba, 2014.

ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL FRANCISCA ASCENSÃO CUNHA. **Projeto Político-Pedagógico (PPP)**. João Pessoa, 2020.

FERNANDES, A. C. L. **Música e gênero: o uso do grupo focal como instrumento de formação humana de jovens do ensino médio**. Dissertação. Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1978.

FIGUEIRÊDO, C. Q. de M. **Aprendendo Sociologia no Fazer Sustentável**. Dissertação. Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, ano 14, 2020.

FREIRE, P ; FAUNDEZ,A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, A. **Novas regras do método sociológico: uma crítica positiva as sociologias interpretativas**. Gradiva: Lisboa, 1996.

_____. **Sociologia**. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2008.

_____. **A constituição da sociedade**. 3 ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, A. E. S *et al.* **Cultura Da Paz e Direitos Humanos, sob a ótica dos jovens**. In: Anais do I Congresso Internacional da Cátedra Unesco de Educação de Jovens e Adultos. Brasil, 2010. Disponível em: https://www.catedraunescojea.com.br/iconegresso-internacional/GT03_POS009.pdf. Acesso em: 08 maio 2020.

GONZAGA JÚNIOR, L. **Pequena memória para um tempo sem memória**. Interprete: Gonzaguinha, 1973. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/1772122/>. Acesso em: 08 jun. 2020.

HABERMAS, J. **Verdade e justificação**. Edições Loyola. São Paulo, 2004.

_____. **Pensamento Pós-Metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo, 2003.

KONZEN, A. A. **Justiça Juvenil Restaurativa na Comunidade**. In: *Justiça Juvenil Restaurativa na Comunidade: uma experiência possível*. Porto Alegre, 2012.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

ODÁLIA, N. **Revolução Francesa: A liberdade como meta coletiva**. In: PINKY, J.; PINKY, C. B. (orgs.) *História da Cidadania*. Contexto: São Paulo, 2008.

PACHECO, J.; PACHECO, M. de F. **Escola da Ponte**. Uma escola pública em debate. São Paulo: Cortez, 2015.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba. **Plano Estadual de Educação da Paraíba, 2015**. Disponível em: <http://static.paraiba.pb.gov.br/2016/07/Lei-n%C2%BA-10.488Plano-Estadual-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-ANEXO-DO-PLANOESTADUAL-1-3-1.pdf>. Acesso em: 08 set. 2020.

PELLIZZOLI, M. **Círculos de Diálogo: Base Restaurativa para a Justiça e os Direitos Humanos**. In: SILVA, E. F.; GEDIEL, J. A. P.; TRAUZYNSKI, S. C. (orgs.). *Direitos humanos e políticas públicas*. Curitiba: Universidade Positivo, 2014.

PELLIZZOLI, M. **Justiça restaurativa: caminhos da pacificação social**. EDUCS: UFPE: Recife, 2016.

PRANIS, K. **Círculos de justiça Restaurativa e de construção de paz**. Editora Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul: Rio Grande do Sul, 2011.

PRANIS, K.; BOYES-WATSON, C. **No coração da esperança: Guia de práticas circulares**. Editora Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul: Rio Grande do Sul, 2011.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RABBANI, M. J. **Educação e Paz: Resgatando nossas competências para fazer a paz**. In: FERREIRA, M. A. S. V.; MASCHIETTO, R. H.; KUHIMANN, P. R. L. (coords.). *Estudos para a paz: conceitos e debates*. Editora UFS: Sergipe, 2019.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Agora: São Paulo, 2006.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Revista Universidade e Sociedade**. [s.l.], [s.v.], n. 67, p. 36-49, 2021. Disponível em: <https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ad609774477.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2020.

SCHNEIDER, D. R. **Caderno de orientações para o projeto de intervenção: curso prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. Brasília, SENAD-MJ/NUTE-UFSC, 2014.

SILVA, A. *et al.* **Sociologia em movimento**. Manual do professor. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

TESTA, Í. Intersubjetividade, natureza e sentimentos morais: A teoria crítica de A. Honneth e a regra de ouro. **Civitas**, Porto Alegre, v.8, n.1, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). **Educação um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Cortez, 1999.

_____. **Cultura de paz**: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo. – Brasília/São Paulo: Associação Palas Athena, 2010.

_____. **Declaração Universal dos Direitos da Criança, 1959**. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/pagina-1069.html.pdf>. Acessado em: 08 jun. 2020.

_____. **Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948**. Disponível em: https://declaracao1948.com.br/declaracao-universal/declaracao-direitoshumanos/?gclid=CjwKCAjwruSHBhAtEiwA_qCppoPurjDU73jof0QmNTh54TOUxEWX4Et-mBvL6z__gBOAICJzOAG-xoC1cYQAvD_BwE. Acesso em: 22 jul. 2021.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013. Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Methodoloa material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf. Acesso em: 08 set. 2020.

ZEHR, H. **Trocando as lentes**: um novo foco sobre o crime e a justiça. São Paulo: Palas Athena, 2008.

APÊNDICE A - Termo de autorização

17/07/2021	TERMO DE AUTORIZAÇÃO
<h2>TERMO DE AUTORIZAÇÃO</h2> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE HUMANIDADES UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS MESTRADO DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL - PROFSOCIO</p> <p><i>*Obrigatório</i></p>	
1. Eu, nome completo do responsável pelo aluno (a): *	
<hr/>	
2. Carteira de Identidade nº:	
<hr/>	
3. Nome do aluno(a): *	
<hr/>	
4. Conforme o aluno (a), regularmente matriculado na Escola E. C. I. Francisca Ascensão Cunha no 2º Ano do Ensino Médio/2021. Por meio deste Termo, autorizo a participação do aluno (a) nos Circulos de Diálogo como recurso metodológico para o ensino da sociologia e como pré-requisito de projeto de intervenção do Metrado de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO da Universidade Federal de Campina Grande – PB. Por concordar com o exposto, firmo este documento: *	
<i>Marcar apenas uma oval.</i>	
<input type="radio"/> Concordo	
<input type="radio"/> Discordo	
5. Data da Assinatura do termo: *	
<hr/>	
<i>Exemplo: 7 de janeiro de 2019</i>	

Termo de Autorização aos pais e responsáveis, encaminhado via *Google Forms*, 2021.

APÊNDICE B - Atividades com slides nas aulas remotas

DIREITOS SOCIAIS

ENSINO PÚBLICO



Educação



Saúde



Moradia e alimentação



Trabalho



Segurança pública

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948

(...) mulheres e homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor.

(...) melhores condições de vida em **uma liberdade mais ampla,**

Artigo 3: Todo ser humano tem direito à vida, à **liberdade** e à segurança pessoal.

Necessidades:

Minha necessidade de liberdade de expressão e direito de ir e vir.

Liberdade de Expressão:



Liberdade de Expressão é o direito que permite as pessoas manifestarem suas opiniões sem medo de represálias. Igualmente, autoriza que as informações sejam recebidas por diversos meios, de forma independente e sem censura.

Cerimônia de abertura:

Um avô de uma certa tribo estava conversando com seu neto.

“Uma luta está acontecendo dentro de mim”, ele diz ao menino.

“É uma luta terrível entre dois lobos.

Um lobo é malvado e feio. Ele é a raiva, a inveja, a ganância, a guerra, autopiedade, tristeza, arrependimento, culpa, ressentimento, inferioridade, mentiras, falso orgulho, superioridade, egoísmo e arrogância.

O outro lobo é lindo e bom: ele é amigo, alegre, pacífico, amoroso, esperançoso, sereno, humilde, bondoso, justo e solidário. Essa mesma luta está ocorrendo dentro de você e dentro de cada ser humano”.

“Mas avô”, exclama o neto,
 “Qual dos lobos vai vencer”?

O ancião olhou nos olhos de seu neto e respondeu:
 “Aquele que você alimentar”.



APÊNDICE C - Entrevista aplicada aos professores

Os Círculos de Diálogos como recurso didático para aprofundar os temas da disciplina de sociologia:

A Justiça restaurativa, por meio de práticas de modelos de círculos e da comunicação não-violenta, vem sendo implementada nas escolas como recurso didático, como forma de mediação de conflitos e como forma de construir vínculos entre aluno, professor e comunidade escolar. Os Círculos de Diálogos são ferramentas da Cultura de Paz aplicadas por meio de práticas de mediação de conflitos. Os Círculos possibilitam o diálogo, a inclusão, alteridade e valores. (PELIZZOLI, 2014).

Entrevista:

1. Você conhecia ou ouviu falar do tema círculos de diálogos?
2. Quais as impressões sobre a forma de se trabalhar os círculos de diálogos com os alunos?
3. Você considera importante promover a reflexão e o diálogo durante as aulas?
4. Como você pode avaliar a participação dos alunos durante os círculos de diálogos?
5. Em sua opinião, os círculos de diálogos podem ser um recurso didático que facilita o processo de ensino-aprendizagem?

APÊNDICE D - Questionário aplicado com os alunos

Boa tarde, Meninos e Meninas do 2º Ano! Primeiramente, um bom encerramento de bimestre. Segue aqui a nossa avaliação. Espero que tenham gostado dos nossos encontros e círculos de diálogos. Peço aqui que preencham essa avaliação e desde já agradeço a vocês e aos professores Rosa e Calábria. Fiquem bem! Círculos de Diálogos no Ensino da Sociologia, no Tema *Cidadania, Política e Estado*.

Nome do Aluno/a:

Sexo:

Idade:

1. Você já ouviu falar de cultura de paz?

2. Você gostou de participar dos círculos de diálogo sobre cidadania?

3. O que você entende sobre cidadania?

4. Você considerou importante falar dos nossos sentimentos e necessidades durante as aulas?

5. O que mais dificultou sua participação nos diálogos durante nossos encontros virtuais?

Pandemia.

Dificuldade de acesso à internet.

Timidez.

Desmotivação, tédio.

Não gosta de dialogar.

As aulas remotas não favorecem o diálogo.

6. Quais ferramentas você mais gostou de usar durante nossos diálogos?

Menti.com

chat

microfone

uso de *emoji* para expressar sentimentos

7. Quais ferramentas utilizadas pela professora vocês mais gostou?

Menti.com

charges

músicas

vídeos

8. Como você avalia os círculos de diálogos no ensino da sociologia?

Bom

Regular

Insuficiente

9. Como você se sentiu durante os círculos diálogos?

Me senti compreendido/a

Senti minha fala sendo respeitada

Senti que o diálogo desperta a empatia em mim

Os diálogos me deixaram mais participativo e reflexivo

Não gosto de diálogos

() O diálogo me ajuda a compreender quem eu sou enquanto jovem

10. Qual tema você mais gostou de participar durante os círculos?

() Cidadania uma conquista

() Direitos e Deveres

() Projeto de Vida

() Declaração Universal dos Direitos Humanos

() Liberdade de expressão e direito de ir e vir

() Políticas públicas e formas de participação cidadã

() Juventudes

11. Como você avalia nossos encontros sobre os diálogos com o tema cidadania?

APÊNDICE E – Planos de Aulas: Sociologia

PLANO DE AULA	
PROFESSOR: Rosa Maria do Nascimento Coura e Colaboração de Cláudia Naiza da Costa Ferreira (Mestranda, Projeto de intervenção).	
DISCIPLINA: Sociologia	
DATA: 13 de abril de 2021. (13:30h)	
TURMA: 2º Ano Tarde	
DURAÇÃO: 50min Aplicabilidade do Projeto de intervenção.	
TEMA	Cidadania é uma conquista.
OBJETIVOS	Despertar por meio dos círculos de diálogos, quais as necessidades dos alunos quando pensamos em cidadania. O que realmente seria uma cidadania plena?
CONTEÚDO	Cidadania; Cidadania e conquistas; direitos e deveres; participação cidadã.
HABILIDADE/ COMPETÊNCIA/ DESCRITOR	Competência 06 (BNCC): Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Habilidade (EM13CHS606): (...) construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.
RECURSOS DIDÁTICOS	Livro didático, (Google Meet, Aplicativo Mentimeter).
METODOLOGIA	1º Momento: Introduzir para os alunos conceito básico dos círculos de diálogo e a comunicação-não-violenta, a partir do tema cidadania e conquista. 2º Momento: Sondar com os alunos por meio da ferramenta mentimeter, como eles estão se sentindo , em seguida apresentar a primeira pergunta geradora do círculo de diálogo: Quais as nossas necessidades quando pensamos em cidadania? O que necessito enquanto indivíduo, para realmente me sentir um cidadão?
AValiação	Avaliação participativa no projeto de intervenção. Estimular os alunos a participarem e interajam, por meio do diálogo.
REFERÊNCIAS	Sociologia em movimento. – 2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2016. Vários autores. Obra em volume único. “Componente curricular: Sociologia”.

PLANO DE AULA

PROFESSOR: Rosa Maria do Nascimento Coura e Colaboração de Cláudia Naiza da Costa Ferreira (Mestranda, Projeto de intervenção).

DISCIPLINA: Sociologia

DATA: 20 de abril de 2021. (13:30h)

TURMA: 2º Ano Tarde

DURAÇÃO: 50min Aplicabilidade do Projeto de intervenção.

TEMA	Direitos e deveres.
OBJETIVOS	Compreender por meio dos círculos de diálogos com os alunos o que são direitos e deveres.
CONTEÚDO	Direitos e deveres; participação cidadã e Círculos de diálogos.
HABILIDADE/ COMPETÊNCIA/ DESCRITOR	Competência 06 (BNCC): Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Habilidade (EM13CHS606): (...) construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.
RECURSOS DIDÁTICOS	Livro didático, chargs, (Google Meet, Aplicativo Mentimeter).
METODOLOGIA	<p>1º Momento: Acolhida dos alunos, pedindo que eles se comuniquem por meio de emojis, expressando como estão se sentindo. Pedir que eles relembrem como foi a aula passada. O que eles mais destacaram quando pensaram no tema cidadania? No caso foi Direitos e Deveres (por isso iremos dialogarmos sobre o assunto destacado por eles). Falar da importância do Estatuto da criança e do adolescente e do estatuto da juventude (leis que garantem direitos e deveres para os alunos).</p> <p>2º Momento: Apresentar charges sobre direito a educação, direito a saúde, direito à moradia, e direito a lazer, fazer um círculo de diálogo com os alunos pedindo que eles expressem seus sentimentos relacionados a cada charge.</p> <p>3º Momento: Pedir que eles avaliem a aula (por meio da ferramenta Mentimeter) dizendo como foi o momento do nosso encontro.</p>
AVALIAÇÃO	Avaliação participativa no projeto de intervenção. Estimular os alunos a participarem e interagirem, por meio do diálogo.
REFERÊNCIAS	Sociologia em movimento. – 2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2016. Vários autores. Obra em volume único. “Componente curricular: Sociologia”.

PLANO DE AULA

PROFESSOR: Rosa Maria do Nascimento Coura e Colaboração de Cláudia Naiza da Costa Ferreira (Mestranda, Projeto de intervenção).

DISCIPLINA: Sociologia

DATA: 30 de abril de 2021. (13:30h)

TURMA: 2º Ano Tarde

DURAÇÃO: 20min Aplicabilidade do Projeto de intervenção.

TEMA	Direitos e Deveres.
OBJETIVOS	Compreender por meio dos círculos de diálogos o que são Direitos e Deveres.
CONTEÚDO	Compreendendo como funcionam as Leis, Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto da Juventude. Direitos e Deveres.
HABILIDADE/ COMPETÊNCIA/ DESCRITOR	Competência 06 (BNCC): Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Habilidade (EM13CHS606): (...) construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.
RECURSOS DIDÁTICOS	Livro didático, (Google Meet, Aplicativo Mentimeter).
METODOLOGIA	<p>1º Momento: Acolhida dos alunos, com a leitura do poema de Toquinho “Direitos e Deveres”. Trazendo a reflexão sobre direitos e deveres apresentados na Constituição Federal, no Estatuto da Criança e Adolescente, e no Estatuto da Juventude, dialogando e refletindo se esses direitos são garantidos para todos e todas, enquanto cidadãos brasileiros.</p> <p>2º Momento: Após nossa introdução sobre o tema, dialogaremos com os alunos sobre: Quais os direitos garantidos na Constituição que eles mais consideram importantes? E que direitos não declarados na constituição que eles gostariam que fossem acrescentados?</p> <p>3º Momento: Após o diálogo, solicitar que os alunos avaliem o diálogo, e pedindo sugestão para nosso próximo encontro.</p>
AValiação	Avaliação participativa no projeto de intervenção. Estimular os alunos a participarem e interajam, por meio do diálogo.
REFERÊNCIAS	Sociologia em movimento. – 2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2016. Vários autores. Obra em volume único. “Componente curricular: Sociologia”.

PLANO DE AULA	
PROFESSOR: Rosa Maria do Nascimento Coura e Colaboração de Cláudia Naiza da Costa Ferreira (Mestranda, Projeto de intervenção).	
DISCIPLINA: Sociologia	
DATA: 04 de maio de 2021. (13:30h)	
TURMA: 2º Ano Tarde	
DURAÇÃO: 50min Aplicabilidade do Projeto de intervenção.	
TEMA	Cidadania e Direitos Humanos
OBJETIVOS	Compreender por meio dos círculos de diálogos os conceitos de respeito, justiça e igualdade.
CONTEÚDO	Cidadania e direitos humanos, respeito, justiça e igualdade
HABILIDADE/ COMPETÊNCIA/ DESCRIPTOR	Competência 06 (BNCC): Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Habilidade (EM13CHS606): (...) construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.
RECURSOS DIDÁTICOS	Livro didático, (Google Meet, Aplicativo Mentimeter).
METODOLOGIA	<p>1º Momento: Acolhida dos alunos. Fazer a leitura do preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), mostrando o quanto foi necessário para o momento e para os dias de hoje a pactuação desses direitos entre vários países.</p> <p>2º Momento: Refletir com os alunos que os direitos citados por eles em aulas passadas, como justiça, respeito e igualdade, estão expressos na Declaração dos Direitos Humanos. Pedir que eles falem como percebem isso, e se sentem contemplados enquanto jovens, com a declaração dos direitos humanos?</p> <p>3º Momento: Saber dos alunos suas necessidades enquanto cidadão, em ter seus direitos como: Respeito, justiça e igualdade, garantidos no dia-a-dia. E encerramento de um vídeo sobre o tema: https://youtu.be/hGKAaVoDISs</p>
AValiação	Avaliação participativa no projeto de intervenção. Estimular os alunos a participarem e interagirem, por meio do diálogo.
REFERÊNCIAS	Sociologia em movimento. – 2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2016. Vários autores. Obra em volume único. “Componente curricular: Sociologia”.

PLANO DE AULA	
PROFESSOR: Calábria e Colaboração de Cláudia Naiza da Costa Ferreira (Mestranda, Projeto de intervenção).	
DISCIPLINA: História / Sociologia	
DATA: 04 de maio de 2021. (16h)	
TURMA: 2º Ano Tarde	
DURAÇÃO: 20min Aplicabilidade do Projeto de intervenção.	
TEMA	Cidadania, Participação e Diálogos juvenil.
OBJETIVOS	Compreender a partir do olhar dos jovens conceitos sobre liberdade de expressão.
CONTEÚDO	Liberdade de expressão, direito de ir e vir.
HABILIDADE/ COMPETÊNCIA/ DESCRITOR	Competência 06 (BNCC): Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Habilidade (EM13CHS606): (...) construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.
RECURSOS DIDÁTICOS	Livro didático, (Google Meet, You tube, Aplicativo Mentimeter).
METODOLOGIA	1º Momento: Acolhida dos alunos, com a música de Negra Li e Charlie Brown – Não é sério. Link https://youtu.be/gkA8FVeF16M 2º Momento: Após a música relembrar o que falamos anteriormente por meio de slides, sobre a declaração universal dos direitos humanos, destacando o artigo 3º. Conceituar sobre liberdade de expressão e direito de ir e vir. Assistir pelo you tube vídeo da ONU sobre preconceito e direito de ir e vir. (link: https://youtu.be/MP5Cex1kiVg). Refletir por meio do mapa mental, sobre minha necessidade de liberdade de expressão. Concluir sondando com os alunos a necessidade de ir e vir.
AValiação	Avaliação participativa no projeto de intervenção. Estimular os alunos a participarem e interagirem, por meio do diálogo.
REFERÊNCIAS	Sociologia em movimento. – 2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2016. Vários autores. Obra em volume único. “Componente curricular: Sociologia”. Anexo: Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948.

PLANO DE AULA	
PROFESSOR: Rosa Maria do Nascimento Coura e Colaboração de Cláudia Naiza da Costa Ferreira (Mestranda, Projeto de intervenção).	
DISCIPLINA: Sociologia	
DATA: 11 de maio de 2021. (13:30h)	
TURMA: 2º Ano Tarde	
DURAÇÃO: 30min Aplicabilidade do Projeto de intervenção.	
TEMA	Cidadania, Participação e Diálogos juvenil. (Retomaremos a aula 05, já que o tempo foi curto e não conseguimos conexão necessária e diálogo entre os alunos).
OBJETIVOS	Compreender a partir do olhar dos jovens conceitos sobre liberdade de expressão.
CONTEÚDO	Liberdade de expressão, direito de ir e vir.
HABILIDADE/ COMPETÊNCIA/ DESCRITOR	Competência 06 (BNCC): Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Habilidade (EM13CHS606): (...) construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.
RECURSOS DIDÁTICOS	Livro didático, (Google Meet, You tube, Aplicativo Mentimeter).
METODOLOGIA	1º Momento: Acolhida dos alunos, com o vídeo da ONU sobre preconceito e direito de ir e vir. (link: https://youtu.be/MP5Cex1kiVg). 2º Momento: Após o vídeo, relembrar o que falamos nas aulas passadas, sobre liberdade de expressão, e sobre direito de ir e vir. Abrir o círculo de diálogos sobre nossas ideias a respeito do tema: liberdade de expressão e direito de ir e vir. (Liberdade de Expressão é o direito que permite as pessoas manifestarem suas opiniões sem medo de represálias). 3º Momento: Dialogar sobre violação de direitos. “Censura, racismo, violência contra a mulher” Temas abordados pelos alunos.
AValiação	Avaliação participativa no projeto de intervenção. Estimular os alunos a participarem e interajam, por meio do diálogo.
REFERÊNCIAS	Sociologia em movimento. – 2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2016. Vários autores. Obra em volume único. “Componente curricular: Sociologia”.

PLANO DE AULA	
PROFESSOR: Calábria e Colaboração de Cláudia Naiza da Costa Ferreira (Mestranda, Projeto de intervenção).	
DISCIPLINA: História / Sociologia	
DATA: 11 de maio de 2021. (16h)	
TURMA: 2º Ano Tarde	
DURAÇÃO: 50min Aplicabilidade do Projeto de intervenção.	
TEMA	Políticas Públicas.
OBJETIVOS	Compreender o que são políticas públicas.
CONTEÚDO	Vontade coletiva, bem estar, propostas e programas partidários (planos de governo) e políticas públicas em várias áreas específicas.
HABILIDADE/ COMPETÊNCIA/ DESCRITOR	Competência 06 (BNCC): Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Habilidade (EM13CHS606): (...) construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.
RECURSOS DIDÁTICOS	Livro didático, (Google Meet, Aplicativo Mentimeter).
METODOLOGIA	<p>1º Momento: Acolhida dos alunos, introduzir para os alunos como funcionam as políticas públicas (os partidos e programas partidários apresentam suas propostas, desenvolvem quando eleitos, criando os planos de governo). Assim, definindo as políticas públicas mais necessárias, é por meio das políticas públicas que o Estado desenvolve suas ações. É a forma como o governo traduz as necessidades e prioridades. E como participar?</p> <p>2º Momento: Após nossa introdução sobre políticas públicas, realizaremos um diálogo com os alunos sobre: quais formas de participação cidadã nas escolhas e prioridade de políticas públicas na comunidade que moramos? Eu tendo o poder de decidir sobre as necessidades e prioridades de minha comunidade quais políticas públicas eu priorizaria?</p> <p>3º Momento: Pedir que eles avaliem a aula (por meio de emoji).</p>
AValiação	Avaliação participativa no projeto de intervenção. Estimular os alunos a participarem e interagirem, por meio do diálogo.
REFERÊNCIAS	<p>Sociologia em movimento. – 2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2016. Vários autores. Obra em volume único. “Componente curricular: Sociologia”.</p> <p>Vídeo: o que são políticas públicas: https://www.youtube.com/watch?v=406y7gDN-ZE</p>

PLANO DE AULA	
PROFESSOR: Rosa Maria do Nascimento Coura e Colaboração de Cláudia Naiza da Costa Ferreira (Mestranda, Projeto de intervenção).	
DISCIPLINA: Sociologia	
DATA: 14 de maio (13:30h)	
TURMA: 2º Ano Tarde	
DURAÇÃO: 50min Aplicabilidade do Projeto de intervenção.	
TEMA	Avaliação dos nossos encontros sobre cidadania em círculos de diálogos.
OBJETIVOS	Avaliar se os alunos compreenderam e aprovaram ver os conteúdos de sociologia serem apresentados em forma de diálogos.
CONTEÚDO	Cidadania, diálogo, liberdade de expressão, reconhecimento e protagonismo.
HABILIDADE/ COMPETÊNCIA/ DESCRITOR	Competência 06 (BNCC): Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Habilidade (EM13CHS606): (...) construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.
RECURSOS DIDÁTICOS	Livro didático, (Google Meet, Aplicativo Mentimeter).
METODOLOGIA	<p>1º Momento: Acolhida dos alunos, com o texto sobre comunicação não violenta (o lobo bom e o lobo mal, qual eu alimento em mim?). Refletir sobre a importância do diálogo em sala de aula, do buscar compreender qual a necessidade do outro, da luta por reconhecimento (quando falamos de liberdade de expressão e do direito de ir e vir).</p> <p>2º Momento: Avaliar com os alunos: “o que nos angustiam quando nossos direitos são violados?”</p> <p>3º Momento: O que posso fazer como cidadão para mudar essa situação?</p> <p>4º Momento: Agradecer pela participação e interação dos alunos e alunas, durante todos os encontros e solicitar que avaliem os encontros de diálogos, por meio do google forms. Agradecer a professora Rosa pela gentileza de ter cedido suas aulas para o projeto de intervenção.</p>
AValiação	Avaliação participativa no projeto de intervenção. Estimular os alunos a participarem e interagirem, por meio do diálogo.
REFERÊNCIAS	Sociologia em movimento. – 2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2016.

ANEXO A – Letra da música Não é sério

Fonte: LyricFind

Compositores: Alexandre Abrao, Carlos Duarte, Liliane Carvalho, Renato Peres

Intérpretes: Charlie Brown Jr., Negra Li

Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
 O jovem no Brasil nunca é levado a sério
 Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério
 Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
 O jovem no Brasil nunca é levado a sério
 Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério

Eu sempre quis falar nunca tive chance
 E tudo que eu queria estava fora do meu alcance
 Sim, já, Já faz um tempo
 Mas eu gosto de lembrar
 Cada um, cada um, cada lugar, um lugar
 Eu sei como é difícil
 Eu sei como é difícil acreditar
 Mas essa porra um dia vai mudar
 Se não mudar, pra onde vou
 Não cansado de tentar de novo
 Eu passo a bola, eu jogo o jogo

Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
 O jovem no Brasil nunca é levado a sério
 Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério
 Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
 O jovem no Brasil nunca é levado a sério
 Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério

A polícia diz que já causei muito distúrbio
 O repórter quer saber porque eu me drogo o que é que eu uso
 Eu também senti a dor
 E disso tudo eu fiz a rima
 Agora 'to por conta
 Pode crer que eu 'to no clima
 (Também 'to no clima) eu 'to no clima
 (Também 'to no clima) eu 'to no clima
 (Também 'to no clima) eu 'to no clima

Revolução na sua vida você pode você faz
 Quem sabe mesmo é quem sabe mais
 Revolução na sua mente você pode você faz
 Quem sabe mesmo é quem sabe mais
 Revolução na sua mente você pode você faz
 Quem sabe mesmo é quem sabe mais
 Também sou rimador, também sou da banca
 Aperta um do forte que fica tudo a pampa

Eu 'to no clima (também to no clima)
 Eu 'to no clima (também to no clima) eu 'to no clima

O que eu consigo ver é só um terço do problema
É o sistema que tem que mudar
Não se pode parar de lutar
Senão não muda
A juventude tem que estar a fim
Tem que se unir
O abuso do trabalho infantil, a ignorância
Faz diminuir a esperança
Na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério
Então eixa ele viver
É o que liga

ANEXO B – Letra da música Direitos e Deveres

Intérprete: Toquinho

Crianças, iguais são seus deveres e direitos
Crianças, viver sem preconceito é bem melhor
Crianças, a infância não demora, logo, logo vai passar
Vamos todos juntos brincar

Meninos e meninas
Não olhem cor, nem religião nem raça
Chamem os que não tem mamãe
Que o papai 'tá lá no céu, e os que dormem lá na praça

Meninos e meninas
Não olhem raça, religião nem cor
Chamem os filhos do bombeiro
Os dois gêmeos do padeiro
E o caçula do doutor

Crianças, a vida tem virtudes e defeitos
Crianças, viver em harmonia é bem melhor
Crianças, a infância não demora, logo, logo vai passar
Vamos todos juntos brincar

Meninos e meninas
O futuro ninguém adivinha
Chamem os que não tem ninguém
Pois criança é também o menino trombadinha (...)

ANEXO C - *Link* de vídeos, músicas apresentadas, durante os círculos

1) Vídeo sobre direitos e deveres. *Link:* <https://youtu.be/hGKAaVoDISs>

2) Música de Negra Li e Charlie Brown – Não é sério. *Link:* <https://youtu.be/gkA8FVeFI6M>

3) Vídeo da ONU sobre preconceito e direito de ir e vir. *Link:* <https://youtu.be/MP5Cex1kiVg>.

4) Vídeo A porquinha que nunca desiste de seus sonhos e objetivos. *Link:* <https://youtu.be/8NZF2haFR7k>